

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS.

ALEX SANDRO DOS SANTOS

BACK TO HAITÍ: Discriminação e Preconceito no Acolhimento e Integração
de haitianos na cidade de Maringá –PR.

Maringá-PR

2021

ALEX SANDRO DOS SANTOS

BACK TO HAITÍ: Discriminação e Preconceito no Acolhimento e Integração de haitianos na cidade de Maringá –PR.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Sociedade e Políticas Públicas

Orientadora: Dra Marivânia Conceição Araújo

Maringá – PR

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S237b

Santos, Alex Sandro dos

BACK TO HAITÍ : discriminação e preconceito no acolhimento e integração de haitianos na cidade de Maringá –PR. / Alex Sandro dos Santos. -- Maringá, PR, 2021. 153 f.maps.

Orientador: Prof. Dr. Marivânia Conceição Araújo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2021.

1. Migração . 2. Haitiano. 3. Xenofobia. 4. Racismo. 5. Discriminação . I. Araújo, Marivânia Conceição , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.


CDD 23.ed. 305.8

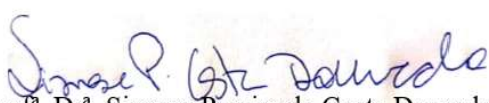
ALEX SANDRO DOS SANTOS


Back to Haiti: Discriminação e Preconceito no Acolhimento e Integração de haitianos na cidade de Maringá – PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA


Prof.^a Dr.^a Marivânia Conceição de Araújo
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)


Prof.^a Dr.^a Simone Pereira da Costa Dourado
Universidade Estadual de Maringá (UEM)


Prof.^a Dr.^a Liliansa de Mendonça Porto
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Aprovada em 28 de janeiro de 2021

Realizada por videoconferência conforme Resolução nº 026/2020 – PGC

DEDICATÓRIA

À minha mãe. Sebastiana Ferreira, mulher negra de garra que me fez ter consciência que todos somos iguais, que me ensina todos os dias que o mundo é grandioso demais para sentir tristeza e medo de viver. Ela que me oferece tudo em troca de nada.

E A todos aqueles que já sentiram a dor do ataque de um preconceito, seja ele de qual natureza for.

AGRADECIMENTOS

Impossível não iniciar um agradecimento sem me referir primeiro a Deus. Por ter escolhido com dedo Divino cada ser que cruzaria minha trajetória, me fortalecendo e me iluminando. Por abrir mão de muitos anjos ao seu redor para transformá-los em pessoas próximas a mim na construção desse estudo. A minha intercessora celestial Santa Rita de Cassia ao qual eu sempre apresentei a minha oração, o meu pedido, e vós que sois tão amada por Deus, certamente sempre intecedeu por mim.

Agradeço a minha família pelo suporte emocional e incentivador em especial a minha irmã, Cléia Santos, que sonhou junto comigo à realização desse trabalho. A minha mãe, símbolo de amor, garra e licitude, que junto com meu pai me apresentaram ao mundo e me colocaram no caminho reto e justo.

A minha orientadora, Marivânia Conceição de Araújo, pela confiança depositada, e que com sua serenidade e paciência me ajudou a continuar. Interlocutora e referência intelectual sempre presente e próxima, condutora destas páginas nos momentos mais difíceis. Tenho uma profunda admiração pelo seu profissionalismo ético e diligência intelectual.

As professoras, Meire Mathias e Simone da Costa Dourado pela prontidão que se dispuseram em participar da banca de qualificação. Pelas importantes considerações que fizeram para o andamento do trabalho de pesquisa desenvolvido. Pelos ensinamentos compartilhados durante meu percurso no curso, os quais me proporcionaram um grande crescimento, e que, certamente, tornaram-me uma pessoa melhor. Sou muito grato também a professora Liliana de Mendonça Porto pelas suas contribuições durante a defesa. Meus sinceros agradecimentos pelos conhecimentos compartilhados, pelas generosíssimas contribuições e por terem tangenciado com tamanho acolhimento e delicadeza em suas avaliações tanto as qualidades do texto quanto o que ainda podia e/ou precisava ser aprimorado.

Da mesma maneira não poderia deixar de agradecer aos professores e professoras do Departamento de Ciências Sociais ao qual tenho um imenso respeito e carinho. Gratidão por tantos ensinamentos e me fazer sentir tão seguro para defender meus posicionamentos teóricos. Estendo aqui meus agradecimentos a todos da secretária do curso que não cessam em nos dar o suporte e apoio necessário para que nossas pesquisas se desenvolvam.

Aos meus amigos que acompanharam de perto os desafios surgidos durante a elaboração da dissertação. Obrigado, João Mazutti, Isabela Souza, Márcia Soares, por me ajudarem a driblar

os obstáculos do cotidiano de um pós-graduando, pelo apoio e pelos momentos em que compartilhei minhas dúvidas, apreensões e anseios.

Sou imensamente grato aos meus amigos que suportaram as minhas lamúrias e me ajudaram a seguir adiante. Nomeio aqui um agradecimento especial ao Paulo Roberto, por todo acolhimento, por sempre ter me mostrado a possibilidade de continuar em frente, mesmo em momentos de exaustão, quando tudo parecia tão difícil. Minha amiga Mara Piovesan que sempre foi tão carinhosa e que com o seu excelente cronograma de trabalho, bem organizado, me auxiliou nos momentos necessário. A todos vocês, meus amigos, e amigas eu deixo o meu eterno e sincero agradecimento.

À minha Thalia, por ter sido uma companhia na escrita desse trabalho. desde do início até o presente momento de finalização desta pesquisa. Ao observá-la aprendo constantemente sobre o verdadeiro amor .

Aos haitianos e haitianas em Maringá, que cederam seu tempo, que me emprestaram esperança, que abriram suas casas e memórias, seus sonhos e frustrações. À Jean David, amigo haitiano ao qual conheci no percurso desse estudo, que representa esse povo, que luta, todos os dias, para manter viva sua história, único modo possível de um futuro melhor.

A todos, muito obrigado!

Quando você for convidado
Pra subir no adro da Fundação casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária
Em dia de parada

Pense no Haiti
Reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui...

Cento e onze presos indefesos
Mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos
Ou quase brancos, quase pretos de
tão pobres

E pobres são como podres
E todos sabem como se tratam os
pretos
E quando você for dar uma volta
no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação
inteligente no bloqueio a Cuba

Pense no Haiti
Reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

BACK TO HAITÍ: Discriminação e Preconceito no Acolhimento e Integração de haitianos na cidade de Maringá –PR.

RESUMO

Quando caminhamos pela cidade de Maringá – PR, observamos a presença de um grande número de imigrantes haitianos que estão no país em busca de uma vida melhor. Contudo, ainda é pouco conhecida a origem desses imigrantes, suas necessidades, anseios e entendimento. Cabe, portanto, investigar como esses imigrantes estão sendo incorporados à sociedade Maringaense, refletindo as problemáticas que envolvem a estigmatização e preconceitos enfrentados por esses indivíduos. O presente estudo tem por objetivo refletir sobre as formas de discriminação e preconceitos raciais sofridos por haitianos e seus reflexos no processo de acolhimento e inserção na sociedade, com o principal propósito de analisar qual a percepção que os migrantes haitianos têm a respeito da discriminação racial existente no Brasil e como ela se reproduz também em Maringá. A partir da concepção de preconceito racial apresentada na fundamentação da pesquisa e da técnica de pesquisa qualitativa, foi possível realizar uma interpretação crítica e reflexiva das diversas particularidades resultantes das narrativas de trajetórias de sete haitianos que vivem na cidade e que participaram do estudo. Tal pesquisa utilizou-se para a coleta de dados, a observação participante, entrevistas semiestruturadas individuais, assim como informações vinculadas pela mídia através de matérias de jornais e revistas. Assim, verificamos que os estigmas que são associados aos haitianos também à cor da pele, servem como instrumentos dos dominantes para desqualificar, discriminar e até inferiorizar. Estigma que é pautado pelo racismo que existe enraizado e culturalmente praticado na sociedade brasileira e que em um primeiro momento tende a associar estes imigrantes com categorias raciais relacionadas aos brasileiros negros. A partir das observações realizadas, é possível identificar a presença do racismo recreativo e estrutural praticado com esses migrantes e que o perfil das desigualdades raciais que se apresenta é aquele que procura manter a organização hierárquica do período escravista, ao delimitar o lugar que cada grupo racial deve ocupar na estrutura socioeconômica da cidade.

Palavras-chave: Migração. Haitianos. Acolhimento. Discriminação. Xenofobia. Racismo

BACK TO HAITÍ: Discrimination and Prejudice in the Reception and Integration of Haitians in the city of Maringá –PR.

ABSTRACT

When we walk through the city of Maringá - Pr, we observe the presence of a large number of Haitian immigrants who are in the country in search of a better life. However, the origin of these immigrants, their needs, desires and wisdom is still little known. It is therefore necessary to investigate how these immigrants are being incorporated into Maringaense society, reflecting the problems surrounding the stigmatization and prejudices faced by the Haitian immigrant. The present study aims to reflect on the forms of discrimination and racial prejudice suffered by Haitians in the city of Maringá and its reflexes in the welcoming and insertion process in society, with the main purpose of analyzing what the perception that Haitian immigrants have about racial discrimination in Brazil and how it is also reproduced in the city of Maringá. From the conception of racial prejudice presented in the foundations of the research and the qualitative research technique, it was possible to carry out a critical and reflective interpretation of the various particularities resulting from the narratives of the trajectories of eight Haitians who live in the city of Maringá and who participated in the study. Such research was used for data collection, participant observation, individual semi-structured interviews, as well as information linked by the media through newspaper and magazine articles. Thus, we find that the stigmas that are associated with Haitian migrants also with their skin color, serve as instruments of the dominant to disqualify, discriminate and even lower, a stigma that is guided by the racism that exists rooted and culturally practiced in Brazilian society and that in a first, it ends up associating these immigrants with existing racial categories about black Brazilians. From the observations made so far, it is possible to perceive the presence of recreational and structural racism practiced with migrants and that the profile of racial inequalities that presents itself is one that seeks to maintain the hierarchical organization of the slavery period, by delimiting the place that each racial group should occupy in the socioeconomic structure of the city.

Keywords: Migration. Haitians. Reception. Discrimination. Xenophobia. Racism.

RETOUR À HAITÍ: Discrimination et préjugés dans l'accueil et l'intégration des Haïtiens de la ville de Maringá –PR.

RÉSUMÉ

Nous marchons par la ville de Maringá – PR, nous observons la présence de un grand numéro de immigrats haitiens qui sont dans le pays à la recherche d' une vie meilleure. Cependant, il est encore peu connu l'origine de ces immigrants, leurs nécessités, leus désirs et leurs connaissances. C'est important, enquêter sur ces immigrants qui sont intégrées à la société maringaense, en réfléchissant les problématiques qui impliquent l' stigmatisation et les préjugés affrontés pour les immigrants haitiens. Le présente étude a pour objectif réfléchir sur leus formes de discriminations et les préjugés raciales subies par les haitiens de la ville de Maringá aussi que leus réflexes dans le processus d'accueil et l'insertion de la société. L' objectif principal c'est d' analyser quel est la perception que les immigrants haitiens ont sur le sujet de la discrimination raciale existant dans le Brésil et comme elle se reproduit aussi dans la ville de Maringá. À partir de la conception de préjugé racial présenté dans la fondement de la recherche et de la technique qualitatif, il a été possible réaliser une interprétation critique et réfléchissante de leus diversifiées particularités provenants des récits de trajectoires de huit haitiens qui vivent dans cette ville et qui ont participé de l'étude. Cette recherche a été construite depuis une collecte de informations, l'observation participante, l'interview semi-structurées individuels, ainsi comme les informations des médias à travers des matériaux et des magazines. Ainsi, nous vérifions que les stigmates, associés aux immigrants haitiens liés à couleur de leur peau, servent comme instruments leus dominants pour disqualifier, discriminer et inferiorizer. Ce stigmatisme est réglé par le racisme enraciné et culturellement pratiqué dans la société brésilienne et que, dans un premier moment il finit par associer ces immigrants aux catégories raciales déjà existants pour les brésiliennes noirs. D'après les observations faites jusqu'à présent, il est possible de percevoir la présence d'un racisme récréatif et structurel pratiqué auprès des migrants et le profil des inégalités raciales qui s'présente est celui qui demande maintenir l'organisation structurale hiérarchique du période esclavagiste, tandis qu'il délimite la place que chaque groupe raciale doit occuper dans la structure socioéconomique de la ville.

Mots-clé: Migration. Haitiens. Accueil. Discrimination. Xenophobie. Racisme.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - "Back to Haiti" | 36 |
| Figura 2 - Jornal A Notícia – Livre Mercado – Racismo não existe?..... | 39 |
| Figura 3 - Mapa de Maringá..... | 61 |
| Figura 4 - Mapa Geográfico do Haiti..... | 69 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – Brasil

AERM – Associação dos estrangeiros residentes na região Metropolitana de Maringá

EUA – Estados Unidos da América

IMDH – Instituto Migrações e Direitos Humanos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti

ONU– Organização das Nações Unidas

OMS– Organização Mundial da saúde

OSCS- Organizações da Sociedade Civil

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

FIES- Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

UEM- Universidade Estadual de Maringá

UFRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNCTAD- Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. APRESENTAÇÃO | 13 |
| 1.1. Passos Desassossegados: Não é por ser estrangeiro, é pela cor de sua pele! | 13 |
| 1.2. Construção do Tema | 18 |
| 2. IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: INTEGRAÇÃO, XENOFOBIA E RACISMO. | 22 |
| 2.1. As Condições da Imigração Haitiana para o Brasil. | 22 |
| 2.2. A INTEIRAÇÃO e Acolhida no Contexto da Imigração Haitiana no Brasil..... | 31 |
| 2.3 Desigualdades Raciais na Dinâmica da Imigração na Sociedade Brasileira..... | 33 |
| 2.4. As Condições da Imigração Haitiana para Maringá – PR. | 59 |
| 3.REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA | 62 |
| 3.1. Construindo o Contato..... | 63 |
| 3.2. Descrevendo o Caminho. | 66 |
| 4. A IMIGRAÇÃO HAITIANA EM MARINGÁ NA PERCEPÇÃO DOS PRÓPRIOS IMIGRANTES. | 72 |
| 4.1.A decisão de imigrar: por que o Brasil? Por que Maringá?..... | 72 |
| 4.2. As Redes de Acolhidas na Cidade de Maringá. | 81 |
| 4.3. Espaço de Socialização e Integração a Haitianos em Maringá? | 89 |
| 4.4. Os haitianos e o acesso ao mercado de trabalho em Maringá..... | 99 |
| 4.5. Discriminações, Xenofobia e Racismo na percepção dos Haitianos que vivem em Maringá. | 113 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 128 |
| REFERÊNCIAS | 135 |
| ANEXO 1: PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISAS CEP..... | 145 |
| ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTAS | 148 |
| ANEXO 3: ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADO | 150 |

1. APRESENTAÇÃO

1.1. Passos Desassossegados: Não é por ser estrangeiro, é pela cor de sua pele!

Antes de apresentar as questões dessa pesquisa e os caminhos metodológicos que conduzem a investigação, é necessário descrever alguns aspectos da minha própria trajetória em relação ao tema, e que está intimamente relacionado a construção do fato etnográfico desse estudo. Era verão de dezembro do ano de 2017, uma quinta feira às dezenove horas e vinte e cinco minutos, estava voltando para casa após mais um dia de trabalho, em um ônibus também conhecido como “circular urbana”. Chegar ao fundo do ônibus impossível, encontrar um lugar para sentar, devaneio puro. Aos poucos me esgueirando entre tantos corpos que possivelmente estariam exaustos, após um longo dia de trabalho, e pronto era ali ao meio, em pé apertado, que eu iria ficar até meu destino final naquele início de noite. Cada ponto em que o ônibus parava via-se mais pessoas a entrar do que a descer. Entendi nesse momento o significado da expressão popular “ficar apertado como numa lata de sardinhas”. De repente aconteceu o fato que tanto me chamou a atenção e que originou toda a minha inserção nessa pesquisa. Uma mulher ainda com seu uniforme de trabalho e com algo nas mãos (não reconheci no primeiro momento, e somente depois percebi ser um lenço de tecido), levou o seu lenço até o nariz, fazendo gesto que minha interpretação indicava ser de nojo, e olhando em minha direção apontou para um moço alto e negro, que estava próximo.

Olhei em direção ao moço que ela fazia indicação e notei que além de uma aparência cansada era muito “estiloso”. Fiz um gesto dizendo que não havia compreendido e observei a mulher indicando com o lenço a suas narinas, a junção do mau odor. Como acreditar naquela triste cena, realmente o mau cheiro existia, me arrisco até a dizer que era forte, afinal fazia muito calor, provavelmente a maioria daqueles que estavam naquele ônibus, assim como eu, retornavam de um dia de trabalho, e o suor era inevitável. Mas porque tinha que vir justo daquele moço? Isso me intrigou, e como estava próximo daquela mulher, eu a questionei, por meio de gestos o porquê da certeza que o mau cheiro era exclusivo do moço, ouvi o maior absurdo daquele dia e de muitos outros dias que até hoje volta em minha memória: “*é dele sim*”, fazendo referência ao odor forte, “*é esse povo haitiano*”. E ela seguiu, demonstrando estar muito irritada, “*está lotada a nossa cidade desses*”. E eu sem acreditar, ainda ouvi dela. “*Olha a cor*”. Então, todos os outros indivíduos naquele ônibus, não estariam sujeitos ao olhar daquela mulher, porque eram de cor branca, estabelecendo uma prática de estigmatizar social

ou moralmente categorias ou pessoas que se afastam de uma determinada característica comum aprovada e aceita nas relações sociais. Erving Goffman¹ assevera que o estigma é constituído com a verificação de atributos diferentes em uma pessoa tomando por base outras pessoas que se encontram em uma categoria em que aquela poderia estar inserida.

As palavras e constatações, que não levaram mais que um minuto, para ser proferidas por aquela mulher, não saíram mais da minha mente. Afinal naquele ônibus havia pessoas negras, brancas, pardas e todas na mesma situação, inclusive a senhora e mesmo assim era na percepção dela que a origem do mau odor via somente daquele moço, negro com suas vestimentas coloridas. As palavras emitidas pela senhora retratam o estigma, preconceito racial e a xenofobia² que seria o medo ou despreço aos estrangeiros ou às pessoas estranhas a um determinado lugar. De acordo com Zélia Maria de Melo (2011), alguém que pertence a uma categoria com atributos incomuns ou diferentes é pouco aceito pelo grupo social, o qual não consegue lidar com o diferente e, em situações extremas, o converte em uma pessoa que carrega sempre a culpa por quaisquer situações, é má e perigosa, é vista como desprovida de potencialidades.

O estigma é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito; em situações extremas, é nomeado como "defeito", "falha" ou desvantagem em relação ao outro; isso constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade real. Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade. O social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder, anulando todos os que rompem ou tentam romper com esse modelo. O diferente passa a assumir a categoria de "nocivo", "incapaz", fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão. Ele fica à margem e passa a ter que dar a resposta que a sociedade determina. O social tenta conservar a imagem deteriorada com um esforço constante por manter a eficácia do simbólico e ocultar o que interessa, que é a manutenção do sistema de controle social (Melo;2011.p.2).

Estigmatizar é portanto romper, relações sociais e excluir a possibilidade do outro de se sentir pertencente e importante no grupo social. Goffman³ (1988, p 30) ensina que a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo as crenças da sociedade quanto à identidade e uma ideia do que é ter um estigma particular. Esse processo de internalização e incorporação de percepções com os símbolos criados, produzidos nos meios

¹ GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, p. 12.

² Xenofobia significa, além de medo, também aversão e profunda antipatia em relação aos estrangeiros. (Dicionário de Raça, Etnicidade e Cultura de Bolaffi (2003)

³ GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, p. 30

sociais e que são resultantes da cultura de um grupo. Mais adiante no caminho, observei aquela mulher descer da circular, lançando um olhar em direção ao moço, que me parecia ser de nojo e raiva, ou no mínimo de incomodo pela sua presença. Fiquei alguns minutos observando aquele homem e já com o ônibus com poucos passageiros, passou por mim e sorrindo pronunciou algumas palavras que não consegui entender naquele momento, e percebi que realmente não era brasileiro e muito menos era o dono do mau cheiro que tanto incomodou aquela mulher, pois além de alto, negro e “estiloso” era extremamente cheiroso.

Chequei em minha moradia e não consegui sossegar meu coração e nem minhas inquietações, talvez misturadas por meu sentimento de culpa por ter ouvido tamanho absurdo e me calado. Nas manhãs seguintes essa sensação só aumentava. Pois sabia que em vários outros momentos e lugares, da cidade, poderiam estar um moço bonito (a) alto (a) e “estiloso” (a) negro (a), sofrendo estigmas ou preconceitos. E se ainda forem imigrantes, a xenofobia. A discriminação, misturada com aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros, a desconfiança em relação a pessoas que vêm de fora do seu país com uma cultura, hábito, raça ou religião diferente.

Muito envolvido e querendo entender por que desse estigma seja devido à cor da pele ou xenofobia, resolvi conhecer a Cáritas Arquidiocesana de Maringá - PR (Associação de Reflexão e Ação Social)⁴, na cidade de Maringá, que tem por missão apoiar permanentemente, ações e lutas que assegurem e ampliem aos migrantes e aos grupos em situação de vulnerabilidade social na cidade as conquistas dos direitos sociais de cidadania. Conheci alguns projetos da Cáritas no fim de 2017, inclusive era período da concretização de um dos seus projetos: uma festa natalina dedicada aos migrantes haitianos residentes em Maringá. Fui convidado a estar presente nesse dia. Recordo que estava muito ansioso para a chegada desse momento. E aconteceu, entrei naquele salão, e após uns minutos, o encantamento tomou conta de mim. As paredes todas estavam enfeitadas, tinham vida. As comidas algumas típicas do Haiti, pais origem dos homenageados, no primeiro momento “estranhas” e depois tão saborosas, as músicas com arranjo agradável aos ouvidos e muitas danças. Ali naquela tarde passei horas conversando com alguns dos envolvidos naquele projeto, que faziam parte da Associação e até tentei me aproximar de alguns haitianos, pois me chamava à atenção a alegria deles, mas não achei a oportunidade certa. No Ano seguinte, já estava mais próximo à Caritas, participei como

⁴ Cáritas Arquidiocesana de Maringá (Associação de Reflexão e Ação Social), constituída em 06 de fevereiro de 2006, é uma organização não governamental e sem fins lucrativos na cidade de Maringá, Estado do Paraná, situada a Rua Vereador Joaquim Pereira de Castro, 267 na Vila Santo Antônio.

professor voluntário em algumas aulas de língua portuguesa. Essas aulas fazem parte dos vários projetos voltados aos migrantes que aconteciam naquele salão que dei o nome de “salão da vida”. Trinta e três alunos em um domingo, outros vinte e oito no próximo sábado, não faltavam e tinham um brilho no olhar que encantava a qualquer um. Vontade e necessidade de aprender nosso idioma, tão difícil para muitos deles. Vale ressaltar aqui que, segundo a Cáritas, atualmente esse projeto do ensino da língua portuguesa, conta com mais de 200 alunos migrantes matriculados e que conta com uma metodologia de ensino próprio.

Meu envolvimento mais participativo com a associação, redeu momentos importantes e em todos os encontros surgiam vários diálogos com alguns voluntários que ora eram agradáveis, ora assustadores e inacreditáveis por percorrer caminhos com narrativas que envolviam sofrimentos em trajetórias de muitos haitianos, que ali estavam (no trabalho, situações desumanas ou na tentativa do laser), sofrimentos esses, muitas vezes aliados a preconceitos ou discriminação racial. Mas afinal, existia por parte de órgãos públicos em Maringá, acolhida feita aos haitianos na cidade? Onde estariam essas respostas ou causas para tamanho preconceito? Será que encontraria respostas nas práticas culturais da sociedade brasileira? A medida que me aprofundava no assunto, entendia que a problematização da migração em solos brasileiros, tornava ainda mais séria e preocupante quando se tratava da imigração de pessoas negras.

Matriculado no ano seguinte, como aluno não regular no curso de mestrado em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Maringá-UEM, cursei a disciplina sobre políticas públicas, ministrada pela professora Dra. Celene Tonela. Com o auxílio da professora, consegui trazer para a sala de aula a discursão da migração haitiana em Maringá em relação ao desempenho de políticas públicas. Foi debatida em algumas aulas da disciplina, e surgiu a possibilidade da escrita de dois artigos que discutiam essa demanda e que me renderam um grande momento, que foi o convite de apresentar a discussão encontrada nos resultados em uma das pesquisas nos artigos na área de políticas públicas para migrantes haitianos em Maringá junto com a professora Dra. Celene Tonela, para discentes do curso de Mestrado Profissional turma 2018, Universidade Estadual de Maringá- UEM.

Estive durante o ano de 2018, em contato com outras disciplinas do curso de pós graduação em ciências Sociais, ofertado pelo departamento de ciências sociais e essa experiência universitária no curso, me permitiu grandes aprendizados dentre eles de que a migração no Brasil é um problema social que está longe de ser resolvido pelos órgãos públicos

e que o preconceito, xenofobia agravam ainda mais quando estão unidos com a discriminação racial aumentando o ponto central de toda essa problemática.

Todo o processo de familiarização com o objeto de pesquisa foi construindo entre os fatos ocorrido em meu cotidiano em alguns momentos na Cáritas arquidiocesana de Maringá e durante todo o processo cursado nas disciplinas dentro do departamento do curso de pós graduação em Ciências Sociais ofertado pela Universidade Estadual de Maringá- UEM. Em cada espaços físicos ou virtuais onde coletei relatos para esse estudo, percebia que ocorreria uma maior capacidade minha em compreender toda a temática da pesquisa. Precisei conversar com muitas pessoas nesse processo de construção da pesquisa, professores, chefes de equipes religiosas, secretários e secretarias de projetos voltados a temática desse estudo, além dos próprios haitianos e mais do que aceitação das pessoas com quem conversei, muitas vezes recebi agradecimentos por simplesmente me importar com as questões relacionadas à migração. Assim, é importante deixar bem nítido que não há, neste trabalho a pretensão de trazer verdades absolutas ou generalizações, mas sim, perspectivas, sentimentos. Dessa forma foi necessário uma escolha minuciosa de referências teóricas que fundamentassem essa dissertação. Entendo que escrever ou falar sobre pessoas requer um cuidado rigoroso, sobretudo quando essas pessoas estão em situação de vulnerabilidade, como pode ser o caso dos migrantes tratados nessa pesquisa. Houve uma preocupação constante também na busca de metodologias que fossem adequadas, tanto na busca das respostas que eram necessárias, e nos dialogos de inteiração com os envolvidos.

Nessa construção entre pesquisador e pesquisado, compreendi que não deve haver hierarquia, mas sempre a conversa que permite a abertura à diversidade humana. Minha questão principal, desde o início da pesquisa era o interesse pela vida social da pessoa, no meu caso, do indivíduo que é migrante haitiano que vive em Maringá, seus dilemas, suas expectativas, sua sociabilidade, suas percepções acerca de temas como, preconceito, xenofobia, racismo. Toda essa construção levou a essa dissertação nesse estudo e todas as fontes para a pesquisa foram sendo sistematizadas em busca por artigos do tema, serie documental (material audiovisual), teses e dissertações sobre mundo migração haitiana , reportagens divulgadas ou publicadas em sites e revistas e a organização das entrevistas no campo do estudo. Como técnica para a pesquisa, foi a materização de toda essas fontes e a observação nas narrativas. Após foi organizado a estrutura do texto e para isso a dissertação foi dividida em cinco capítulos . O primeiro capítulo trata de relatos pessoais de atos que levaram até a construção do tema e desenvolvimento da pesquisa, buscou problematizar o surgimento do trabalho. O segundo

capítulo aborda como a migração e as questões que a envolvem foram sendo formalizadas no Brasil. No terceiro capítulo discorreremos acerca dos referenciais metodológicos escolhidos para a sustentação da pesquisa e como esses procedimentos foram construídos na caminhada da pesquisa e seus respectivos instrumentos, os quais irão garantir o alcance dos objetivos da pesquisa. Em sequência, o capítulo quarto é a seção da apresentação dos resultados do estudo, com concomitante discussão dos mesmos. Discutimos nesse capítulo a vinda dos imigrantes haitianos para o Brasil e para Maringá; a inserção da comunidade haitiana na sociedade Maringaense e seus desdobramentos nos quesitos, redes de acolhimentos, socialibilidade, trabalho, discriminação, estigmas, xenofobia e racismo. No quinto capítulo, finalmente, retomamos algumas questões importantes do estudo nas ‘considerações finais’, elencamos as referências utilizadas e respondemos a questão proposta neste estudo.

O trabalho de campo da pesquisa foi importante pois possibilitou perceber, com maior nitidez, para além dos resultados alcançados, de que maneira as noções de preconceito racial, discriminação e as imponderáveis formas de manifestação do racismo em nossa sociedade são inescrupulosamente absorvidas pela ideologia racial dominante. Isto é, aquela que defende, o mito da democracia racial, tanto em Maringá como, evidentemente, na sociedade brasileira de modo geral e como o imigrante haitiano percebe toda essa construção além da xenofobia também as desigualdades raciais.

1.2. Construção do Tema

Após alguns apontamentos que já haviam sido construídos durante todo o processo de conhecimento do tema e ao mesmo tempo aprofundamento em leituras, ainda havia várias inquietações pessoais acerca do assunto, como por exemplo, conhecer de forma mais delimitada o processo migratório de haitianos para a cidade de Maringá. Afinal o acolhimento a haitianos em Maringá traz integração ou aumenta mais a discriminação? Existe a integração ou são homens que se mostram móveis para atender as necessidades da reprodução ampliada do capital local e realizam uma migração forçada, vendendo os “seus corpos” para os trabalhos em sua maioria insalubres? As ações de acolhidas cumprem seu papel social ou muitas vezes ficam longe do desejado, deixando dúvidas sobre a integração social? Necessário inteirar que a responsabilidade em promover a proteção e integração local dos migrantes é primariamente função do Estado brasileiro, no entanto o Estado se vale de parcerias com organizações da

sociedade civil (OSCs), para realizar ações que promovam a integração dos refugiados. Essas ações na maioria das vezes são de caráter jurídico, pedagógico ou assistencial.

Em busca das fundamentações a esses questionamentos no segundo semestre do ano de 2019, já como aluno regular no programa de mestrado em ciências sociais ofertado pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, entrei em contato com obras que relatavam a construção da sociedade brasileira e até mesmo com teorias de eugénias⁵ e o período que tratava sobre o liberalismo no Brasil. Todo o aprendizado até aquele momento com a temática da pesquisa, trouxe a percepção de que o acolhimento aos migrantes, deveria ter mais a participação do poder público à frente do processo de inserção desses migrantes na sociedade. A falta de acesso as políticas públicas municipais, pode trazer consequências negativas a inserção desses imigrantes, principalmente por não conhecerem o idioma, apresentam dificuldades na hora de comprar alimentos, não conseguiram inserir-se no mercado de trabalho, e muito menos, desenvolvem relações interpessoais com os brasileiros. A atual gestão reeleita, (2017/2024), municipal Maringá, desenvolveu um Plano Municipal de Políticas Públicas Migratórias, projeto de lei nº 14449/2017⁶. Um dos motivos de sua criação foi o grande aumento porcentual ao longo dos anos de novos migrantes, em especial um aumento expressivo, dos Haitianos na cidade. Essas políticas e serviços públicos, desde da criação do projeto de lei, ficou sob articulação da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania da cidade, porém ainda não consegue suprir a demanda e as ações não são suficientes. Ter contato com essas ações⁷ articuladas pela Secretaria Municipal de Assistência foi também importante nesse processo de construção do tema para a pesquisa. Já era conclusivo para mim que no Brasil, as diferenças étnico-raciais influenciam de forma concreta os comportamentos xenofóbicos e categorizados ou subdivididos em raças. Segundo Aníbal Quijano (2014), a ideia de “raça” é uma categoria que nasce com a formação da América e com a necessidade que tinham os europeus de estabelecer um tipo de relação com os povos originários.

⁵ Teoria que pretendia comprovar que a capacidade intelectual era hereditária, ou seja, passava de membro para membro da família e, assim, justificar a exclusão dos negros, imigrantes asiáticos e deficientes de todos os tipos. Ver mais em **“O que foi o movimento de eugénia no Brasil: tão absurdo que é difícil acreditar” em <https://www.geledes.org.br>**.

⁶ PROJETO DE LEI Nº 14449/2017 -Câmara Municipal de Maringá, Estado do Paraná, Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias e dá outras providências.

⁷ Algumas Ações praticada pela prefeitura Municipal de Maringá em prol dos imigrantes que vivem na cidade foi a criação e disponibilização do Guia de Informações e Contatos para Migrantes, Refugiados e Apátridas, produzido pelo Departamento de Direitos Humanos e Cidadania (DEDIHC), da Secretaria de Trabalho e Direitos Humanos (SEJU) e a elaboração da Gestão territorial por área de abrangência das unidades de CRAS, identificando as situações de vulnerabilidade e risco social dos imigrantes.

Durante os estudos que envolviam o período da construção da sociedade brasileira e de seu pensamento social, os encontros nas disciplinas que cursei, ainda como aluno não regular no mestrado em Ciências Sociais, também a participação em alguns projetos sociais com os migrantes, e fatos que percebia no meu cotidiano envolvendo possíveis discriminações raciais e xenofóbicas contra imigrantes, levaram então meu olhar na direção: migração e compreensão do racismo como acréscimo de todo esse preconceito. Apontar possíveis consequências do racismo contra esses indivíduos e dizer sobre sua permanência e constância visibilizando as populações que são marginalizadas por serem alvos diretos desse mal, no caso específico dessa pesquisa os migrantes haitianos. Em encontro a tudo isso, foi vislumbrado o que acabaria se tornando o foco central então desse estudo, ou seja, a problemática da pesquisa que é de analisar qual a percepção que os imigrantes haitianos teriam a respeito da discriminação racial existente no Brasil e como ela se reproduz também em Maringá. A proposta era fazer um exercício de aproximação para estabelecer um diálogo que possibilitasse traduzir culturalmente as "teorias" dos grupos estudados sobre determinados temas. Entendi que ouvir os haitianos, seria importante para compreender o que esses migrantes pensam sobre a acolhida e inteiração, além de suas percepções sobre a xenofobia e a discriminação racial que sofrem no seu cotidiano. Ter acesso a notícias que traziam relatos de que imigrantes haitianos sofriam xenofobia no Brasil, era algo que já fazia parte do meu cotidiano na procura de matérias que fundamentava a pesquisa e fui percebendo que sempre havia relatos na mídia escrita ou falada de casos com ofensas racistas e preconceitos sofrido por haitianos que vivem no Brasil. Frases como volta para o Haiti, estamparam até mesmo muros em cidades pelo país, demonstrando assim a intolerância e o ódio ao estrangeiro imigrante. A medida que o contato com a construção das fontes de pesquisa para o estudo iam sendo acrescentadas, era cada vez mais evidente que a aversão ao migrante agrava quando o mesmo era negro. Essa aproximação com o tema da pesquisa e constatações a partir de relatos e entrevistas que tinha acesso direcionava sempre ao racismo como base para tamanha discriminação sofrida por esse grupo de migrantes. Roselaure Jeanty de 25 anos, haitiana que vive no Brasil em entrevista ao site Migra Mundo afirmou

O Haiti tem cerca de 95% da população de negros, e os 5% entre mulatos e brancos, dificilmente o racismo acontece lá. Mas aqui no Brasil eu fiquei impressionada com esse crime de racismo, pois aqui eu passo por isso quase todos os dias, Não sabia como o racismo afetava as pessoas, não imaginava que a cor da pele seria motivo de piadas, de se desprezar uma pessoa, mas olhando pelo lado positivo, sou confiante, sempre luto e acredito na história e em mim mesma⁸. (MIGRA MUNDO, 2016)

⁸ Reportagem : **Haitiana que vive em São Paulo pede união para combater o racismo e a xenofobia**, Migra Mundo 2016, disponível em : <https://migramundo.com/haitiana-que-vive-em-sao-paulo-pede-uniao-para-combater-o-racismo-e-a-xenofobia/>.

A fala na reportagem da Haitiana, sobre não imaginar que o racismo no Brasil afeta tantas pessoas, me colocou em reflexão. Teria esses migrantes haitianos que vivem em Maringá a percepção do racismo e as possíveis formas da discriminação racial existente no Brasil? Existem algumas fontes de pesquisa que reafirma a reflexão de que haitianos sofrem discriminação racial no país. Na tese de doutorado a professora Maristela Abadia Guimarães (2017), apresenta alguns fragmentos que mostraram os migrantes haitianos sendo apartados conforme suas origens, cor e condição social. De acordo com a professora que estuda relações raciais e migração, sobre alguns haitianos pairam estereótipos como aqueles que: comem bananas, parecem com macacos; devem ser expulsos; são rejeitados, são invasores e toda essa xenofobia e discriminação são percebida pelos haitianos com quem ela trabalhou em sua pesquisa. (GUIMARÃES, 2017). Mas, em Maringá, haveria essa percepção? Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa passou a ter o foco central na percepção que os haitianos que vivem nesta cidade, teria sobre o racismo na prática e identificar quais as estratégias usadas por esses imigrantes para sobreviver e se inserir na sociedade maringense. Compreender o que esses migrantes teriam como percepções sobre o racismo no Brasil poderia trazer grandes contribuições para a discussão do tema e ainda demonstrar as tantas contribuições culturais ou produtivas dos haitianos, que têm uma riqueza cultural enorme, e que dificilmente viram notícia. Muitas vezes quando, os haitianos aparecem na mídia estão, atrelados a problemas, crises, marginalizações, ou ligados à ideia de uma invasão, fazendo com que o racismo que muitos sofrem em seu dia a dia, seja esquecidos ou nem noticiado.

De acordo com o exposto, e já com o intuito de anunciar ao leitor o que vem a seguir, este trabalho tem como eixo principal o relato de migrantes haitianos sobre suas trajetórias na vida cotidiana e contará com alguns objetivos específicos como eixo equivalente a pesquisa com discussões sobre a inserção no mercado de trabalho, educação, lazer e como os haitianos que vivem em Maringá, transformam esses espaços em um território próprio deles. Além disso, o desejo de estudar, imigrantes haitianos que em sua maioria são tratados como indesejáveis pela sociedade em que estão inseridos, também pretende enfatizar com firmeza que esses migrantes são latinos americanos que como tal dialogam com a realidade brasileira e assim podem contribuir para evidenciar as lutas desses povos haitianos.

É preciso demonstrar de forma colaborativa como está o Brasil no processo migratório, visto que o país é a maior metrópole da América Latina, e que tem recebido esses migrantes negros há alguns anos, que não falam o idioma local e que se somam às populações vítimas das

mazelas sociais existentes na Metrópole, com resposta imediata de altas cargas de preconceitos. Tendo em vista essa perspectiva, esta dissertação propõe uma discussão sobre migração e racismo por meio do uso das narrativas de trajetórias de vida de haitianos, analisando qual a percepção que esse imigrante haitiano tem a respeito da segregação racial existente no Brasil e como ela reproduz também em Maringá.

2. IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: INTEGRAÇÃO, XENOFOBIA E RACISMO.

2.1. As Condições da Imigração Haitiana para o Brasil.

O conjunto de povos que imigraram para o Brasil, ao longo de sua história, sempre deixou fortes marcas na demografia, na cultura e na economia do país. Nos últimos anos esse fenômeno titulado de imigração no Brasil, passou a ser destaque os indivíduos migrantes vindos do Haiti o país mais pobre da América⁹ e também marcado pela violência, desigualdade social, desastres naturais e instabilidade política desde o início de sua formação. De acordo com Cristóvão Almeida (2017), a população do Haiti vivenciou uma ditadura e, mesmo no processo de redemocratização, sofreu golpes militares, o que gerou instabilidade econômica e política, empobrecimento e saída dos haitianos do país. Além disso, “outro fator que deve ser pontuado como propulsor do êxodo haitiano são os desastres naturais que ocorrem com frequência no país” (ALMEIDA, 2017, p. 57), o que força a saída de sua terra, marcada por “situações que mostram a complexidade socioeconômica e política de uma população que passa a lutar por um direito básico: a sobrevivência” (ALMEIDA, 2017, p. 72). A população haitiana, sempre precisou lidar com condições inferiores de saúde existentes no país devido às baixas condições sanitárias, principalmente dos acampamentos, fazendo com que algumas doenças afetassem a população, como a cólera (Human Rights Watch, 2011). Mediante a tantas dificuldades, o caminho encontrado pelos haitianos para sair desse cenário foi a imigração e que intensificou ainda mais após o terremoto, chamado de Sismo do Haiti de 2010, catastrófico que teve seu epicentro na parte oriental da península de Tiburon, a cerca de 25 km da capital haitiana, Porto Príncipe.

O Brasil passou a ser um dos países escolhido por muitos haitianos para iniciar uma nova vida diferente a que tinha no Haiti. O ano de 2010, houve um crescimento da imigração

⁹ Segundo relatório de 2010 da United Nations Conference on Trade and Development – Unctad, o Haiti é o país mais pobre da América e está entre os 49 mais pobres do mundo.

haitiana no Brasil. A entrada dos haitianos via Tabatinga no Amazonas, começou a ser notada em fevereiro de 2010, logo após o terremoto¹⁰, que sacudiu violentamente o Haiti, e em particular a capital Porto Príncipe. Sidney Antônio da Silva¹(2015) destaca que, particularmente se tratando de migrantes que utilizam de rotas amazônicas para adentrar ao Brasil, esse grupo é composto por pessoas que se encontram em situação de severa vulnerabilidade. A ação dos denominados “coiotes”¹¹ que são pessoas pagas para efetuarem a travessia da fronteira de modo ilegal fragiliza ainda mais a situação dos imigrantes que precisam enfrentar as adversidades de um trajeto percorrido a pé e em pequenas embarcações em plena floresta equatorial. Essa região ainda não tem as estruturas oficiais para integrar todos que chegam ou se mostra ineficientes na oferta do acolhimento aos imigrantes e que no momento que chegam ao Brasil, são instituições religiosas locais que fazem o trabalho de apoio essencial ao imigrante, como no município de Tabatinga (AM) que recebe um grande contingente por meio da Pastoral da Mobilidade Urbana e da Pastoral do Migrante, ligadas à igreja católica com doações de alimentos e primeira atenção aos recém-chegados. A situação agravada pelos coites, ganhou nova rota em 2015 para a entrada de haitianos no Brasil. Como é descrito na reportagem no site The Intercept Brasil, assinada por Leandro Barbosa afirmando que Traficantes de pessoas criaram nova rota, e haitianos que deixam o Chile agora chegam no Brasil pelo Mato Grosso do Sul.(BARBOSA, 2018)

Os haitianos se tornaram a terceira maior população de imigrantes a entrar no Brasil por Corumbá, ficando atrás apenas dos vizinhos peruanos e bolivianos – no ano passado, eles sequer estavam entre os dez primeiros da lista. De acordo com a PF, 30% dos inquéritos policiais na região tem relação com documentos falsos. O número é superior ao do tráfico de drogas, por exemplo, que totaliza 17%.(BARBOSA, 2018).

O trajeto, é feito de ônibus por grupos de haitianos, que deixam o país devido às mudanças na lei local de imigração e crise na economia, cortando todo território boliviano até a fronteira com Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Isso porque o Chile endureceu as leis de migração alterando a entrada e permanência de estrangeiros¹². De acordo com as novas normas os haitianos precisam de visto de turista para entrar no Chile e permanecer por 30 dias, mas o país não permite que o documento seja convertido posteriormente em temporário, como era feito antes. Da mesma forma, agora o visto humanitário no Chile é somente concedido àqueles

¹⁰ No dia 12 de janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter atingiu o país do Haiti, estima-se que metade das construções foram destruídas, 250 mil pessoas foram feridas, 1,5 milhão de habitantes ficaram desabrigados e o número de mortos ultrapassou 200 mil.

¹² : BBC BRASIL. Cidade no Mato Grosso do Sul vira nova porta de entrada para haitianos. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45278905>. Acesso em 24 dez 2020

que morem no Haiti e façam a solicitação em Porto Príncipe, sendo que esse documento tem o prazo de 12 meses e o período pode ser prorrogado uma vez, tendo ainda uma cota anual de 10 mil vistos humanitários. (BBC BRASIL, 2018). Segundo Leandro Barbosa a situação não é muito diferente quando esses haitianos tentam entrar no Brasil por vias legais¹³.

A situação não é muito melhor se o trajeto for feito de forma legal: parte da polícia boliviana cobra propina para permitir que os haitianos sigam viagem. A cada parada nas rodoviárias da Bolívia, de acordo com relatos que ouvi em Corumbá, os agentes de segurança costumam levar os imigrantes até uma sala fechada e cobrar valores exorbitantes, em dólares, pela permissão para continuar viagem. (BARBOSA, 2018)

Na cidade de Brasiléia (AC), esses imigrantes também encontram muitas dificuldades na chegada. Chegam debilitados e necessitando de todo tipo de ajuda. Contudo, nos municípios citados, não há um suporte eficiente para receber os imigrantes aumentando assim a vulnerabilidade desses grupos. Tudo isso é narrado pelos próprios haitianos que fazem parte dessa pesquisa e que usaram essas mesmas rotas para chegar até o Brasil, como conta James¹⁴, haitiano que chegou no Brasil, final de 2014 e em Maringá desde do ano de 2015, narrou ter sofrido muitas dificuldades na sua chegada

Chegamos em Brasiléia totalmente desabilitados fisicamente e sem dinheiro, porque os coiotes cobram muito alto e é muito difícil a viagem. Muitos têm que ficar lá meses trabalhando até conseguir ter condições de conseguir ir para seu destino escolhido no Brasil. Meu amigo que veio comigo mesmo, teve que ficar lá, não veio comigo para Maringá. Ele pegou um problema de estomago e não tinha dinheiro. Se não fosse a igreja de lá, ele não tinha conseguido e teria que ser sozinho e resolver tudo só. Lá é você por você. Chegou se vira (James, migrante casado 25 anos, residente em Maringá 5 anos.)

Ou seja as situações de chegadas desses imigrantes no Brasil são precárias e desumana. Vale registrar que nem sempre essas cidades, são os destinos pensado pelos haitianos. Eles chegam ao município com o objetivo de, em até três dias, ir para outras regiões do país, como São Paulo, Santa Catarina ou Paraná. Uns conseguem, outros ficam por problemas financeiros. Em seus destinos finais, os haitianos costumam ter amigos ou parentes que vieram anteriormente e conseguiram emprego.

¹³ Ver mais em: NOVA ONDA DE HAITIANOS ESTÁ VINDO DO CHILE PARA O BRASIL COM A AJUDA DE COIOTES. Disponível em : <https://theintercept.com/2018/08/16/haitianos-coiotes-chile-brasil/>.

¹⁴ Registra-se aqui, que James, não é o nome identificado no registro. Serão utilizados nessa pesquisa, nomes fictícios para todos os entrevistados.

A imigração haitiana para o Brasil, segundo o Itamaraty¹⁵, em 2014, contava com mais de 21.400 migrantes no país e atualmente pode ser comparada historicamente com a de italianos e de japoneses, que desembarcaram no país entre o período imperial e os primeiros anos da República. Sobre o conceito de migrante, o Instituto de Migrações e Direitos Humanos afirma:

O migrante é toda a pessoa que se transfere de seu lugar habitual, de sua residência comum para outro lugar, região ou país. É um termo frequentemente usado para definir as migrações em geral, tanto de entrada quanto de saída de um país, região ou lugar, não obstante existam termos específicos para a entrada de migrantes – Imigração – e para a saída – Emigração. É comum, também, falar em “migrações internas”, referindo-se aos migrantes que se movem dentro do país, e “migrações internacionais”, referindo-se aos movimentos de migrantes entre países, além de suas fronteiras (IMDH¹⁶, 2012).

Para Georg Simmel (2004) o migrante é o sujeito que se apresenta como “o Estrangeiro”, e esse estrangeiro seria aquela pessoa que está em um lugar, mas também não está ao mesmo tempo. Isto quer dizer, aquele sujeito que não abandonou a liberdade de ir e vir, que não está “preso” a um contexto social específico. Entretanto, ao longo da descrição acerca do ser estrangeiro, Simmel apresenta o estrangeiro para mais do que isso, ele mostra que na verdade em todos os grupos sociais existem estrangeiros, aqueles que são mal vistos pelos olhos dos estabelecidos. Seja pela sua “liberdade” de mobilidade, ou seja, pelo estranhamento que causam, por serem diferentes. Ou seja o estrangeiro é, também, aquele que possui uma distinção específica no olhar e consegue fazer “leituras” que os nacionais não fazem. Circulam entre dois mundos. Estão em um universo, mas são de outro.

O Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH, 2015) contribui para os estudos e discussão sobre o conceito de migração destacando a diferença entre migração e refúgio. Migração é concebida como movimento “voluntário”, podendo ser regular ou não, geralmente motivada por questões econômicas, culturais, não havendo fundado temor de perseguição no país de origem. Refúgio, por sua vez, consiste em deslocamento forçado de seu país de origem devido à perseguição ou fundado temor de perseguição ou ainda devido à grave e generalizada violação de direitos humanos. Importante mencionar que há divisões em categorias de migrações dentro do fenômeno migratório, utilizando o “contexto migratório” como ferramenta para a devida conceituação. A migração forçada ou involuntária é aquela decorrente da fuga de guerras, desastres naturais e/ou provocados pela ação do homem, perseguições políticas,

¹⁵ Ministério das Relações Exteriores dedicado a auxiliar o Presidente a formular e direcionar a política exterior nacional.

¹⁶ IMDH- Instituto de Migrações e Direitos Humanos

religiosas e raciais (BERNER; PARREIRA, 2013, p. 293). Existe também a migração voluntária que ocorre quando o deslocamento se dá com vistas a melhores condições de vida, muitas vezes impulsionado pela busca por mais oportunidade de trabalho (BERNER; PARREIRA, 2013, p. 293). Essa busca por empregos em outros países como forma de oportunidade muitas vezes é utilizada como ferramentas por empresários mau intencionados como forma de lucrar¹⁷ transformando a imigração em certa forma de escravista. Em resumo, no contexto da imigração vale reafirmar que o imigrante entra no território e permanece nele, o emigrante é aquele que no país de origem é um imigrante, e o refugiado tem um status do indivíduo que sai de seu país para outro em busca de proteção, por fim o estrangeiro classifica sendo o imigrante detentor de visto temporário ou de autorização de residência. Nesse sentido, a migração, então um fenômeno de grande peso e importância para os Estados Nacionais, com desdobramentos sociais, políticos, econômicos, culturais, entre outros, ganhou destaque e passou a demandar debates e providências em nível mundial.

No caso da migração haitiana deve-se compreender que o processo migratório é específico e diferente de outras imigrações, pois o caso haitiano “provém de sociedades que têm a migração inscrita em sua história” (BRITO, 2010, p.439). Nesta imigração é muito presente a questão da diáspora como um atributo cultural próprio, é muito comum o desejo de sempre estar em migração na sociedade haitiana. O fenômeno da diáspora, existente na constituição da cultura do Haiti, está presente nos relatos dos participantes desta pesquisa, aparecendo de forma recorrente em suas falas. Surgiram comentários sobre parentes que vivem em outros países; sobre a falta de perspectiva no Haiti, fato que impulsiona os haitianos a migrarem; e sobre a diáspora como busca por uma vida melhor. Em conversa informal com Pierre, haitiano entrevistado nesse estudo, percebeu-se as referências que ele faz de suas próprias experiências e de seus familiares em outros países, conforme segue:

Eu já morei na República Dominicana e não gosta de lá. Também já morei por 5 meses no país do Chile e alguns outros meses no Equador. Falo aqui que tem muitos haitianos na República Dominicana. Meu pai morou no Equador e tenho mais parentes em outros países. No Brasil, tenho família no São Paulo. (Pierre, estudante de Comércio Exterior, 27 anos, residente 5 anos em Maringá).

Estima-se que entre 4 e 5 milhões de haitianos, aproximadamente 50% de sua população total, encontrem-se em mobilidade fora de seu país. Dado seu papel histórico-social e importância econômica, a migração marca de tal modo a sociedade haitiana que é possível considerá-la uma

¹⁷ Sayad (1998, p. 59) indica como uma das características fundamentais da imigração a de ser intrinsecamente uma arma nas mãos do patronato, servindo como pressão sobre a classe trabalhadora nacional.

“tradição” nacional (BAENINGER e PERES, 2017) e nesse contexto significa que os haitianos migrantes, apresentam-se como um tipo-ideal desta figura do estrangeiro, ao qual Simmel defende aquele que está em um lugar e não está, com a diáspora, o estar dentro e estar fora. Pois, embora alguns estejam no Haiti, não consideram aquele espaço como sua morada, planejam sua partida para outro lugar e acabam por sentir inserido em sua nova condição de sociedade com muita diferença de igualdades e discriminações. Stuart Hall (2003) nos explica, em *Da Diáspora*, sobre a necessidade de um debate sobre a dupla demanda por igualdade e diferença. E justifica: “O liberalismo político vem sendo incapaz de se conciliar com a diferença cultural, que ocorre com o estrangeiro, e que não consegue garantir a igualdade e a justiça para os cidadãos minoritários” (2003, p, 81). A partir disto, Hall sugere que a definição de democracia voltada para o estrangeiro como um espaço genuinamente heterogêneo é essencial, e, desse modo, “deve-se tentar construir uma diversidade de novas esferas públicas nas quais todos os particulares serão transformados ao serem obrigados a negociar dentro de um horizonte mais amplo” (2003, p. 82). Assim verificamos que o modo como devemos pensar e ver o outro não está interligado a sua nacionalidade, não pode ser algo definido, e que não podemos tentar classificá-lo ou hierarquizá-lo. É necessário portanto estabelecer um diálogo que nos possibilita traduzir culturalmente as teorias dos grupos estudados sobre determinados temas ou questões. Conforme Marcio Goldman (2011p.195-211) “Cada um pensa e fala com as palavras e as categorias de que dispõe, todos são capazes de dizer mais, ou outra coisa, do que o de costume, mantendo, não obstante, sua inteligibilidade”. Portanto o outro é tantas coisas e necessita de cuidado para defini-lo e descrever dentro do contexto migratório.

Na perspectiva das condições do estrangeiro migrado no Brasil, seja haitiana ou de qualquer outra origem a autora Neide Lopes Patarra (2005) enfatiza que, apesar de alguns avanços do Brasil na consolidação de uma política de acolhimento ao imigrante, o país está longe de atingir aquilo que a autora considera como sendo algo que acolhe os imigrantes. Segundo Patarra, há uma necessidade do Brasil atender os acordos internacionais firmados em relação aos direitos humanos e a nova dinâmica de migração dada pelos processos de globalização.

Os imigrantes haitianos ou de qualquer outra nacionalidade, que chegavam ao Brasil, não encontraram uma situação garantida de direitos, ainda que na Constituição, há essa condição prevista, o que encontravam como sendo base de garantias era um Estatuto do Estrangeiro, um documento que afrontava os direitos básicos dos seres que havia sido criado

na época em que o país se encontrava sob a ditadura militar¹⁸. Esse estatuto lei 6.815/1980¹⁹, que por quase quatro décadas ditou as regras legais da política migratória brasileira, colocava os estrangeiros sem nenhuma proteção e que cabia somente aos Estados o cuidado na permanência desses imigrantes. O imigrante era mal visto e tido como uma ameaça à estabilidade e à coesão social do país; devido a isso, o estatuto estabelecia poderes a segurança nacional, para manter os imigrantes (que causariam desordem, segundo os que estavam à frente do regime militar) longe das fronteiras do Brasil, para assim manter a ordem no país. Vale registrar aqui que esses atrasos na legislação de outros tempos também colaboram para aumentar a incapacidade do Brasil de ter uma política migratória à altura dos desafios que essa tônica pede. O estatuto do estrangeiro, vigorou como sendo a principal lei do imigrante no Brasil, e mesmo com a implantação de leis que de alguma forma tratavam de temas sobre a migração, como ocorrido em 1997 sob a ótica da lei nº9.474/97, que entre outros conceitos definiu o indivíduo refugiado, o estatuto seguia como sendo um documento à época, que, determinava tudo o que condizia ao tema de migração, sempre visava somente definir a situação política do migrante no país, com vistas, exclusivamente, aos interesses nacionais.

Uma lei própria, dedicada aos imigrantes, somente foi aprovada no país no ano de 2017. A Lei nº 13.445, com o título, lei sobre os processos de registro e regularização migratória, ou simplesmente lei da migração, determina entre outras coisas a existência de um visto temporário específico para o migrante em situação de acolhida humanitária, para pessoas que precisam fugir dos países de origem, mas que não se enquadram na lei do refúgio²⁰. Outro ponto importante da lei é que migrantes com documentação inexistente ou irregular poderão regularizar a situação dentro do Brasil. Na questão específica dos Haitianos, a lei passou a atribuir tratamento prioritário para fins humanitários e apátridas residentes no Haiti, em adequação com a atual Lei de migração brasileira, conforme menciona o Art. 2º:

Art. 2º O visto temporário para acolhida humanitária poderá ser concedido ao cidadão haitiano e ao apátrida que sejam residentes no território da República do Haiti.

§ 1º O visto temporário para acolhida humanitária será concedido às pessoas mencionadas no caput com prazo de validade de noventa dias.

§ 2º O visto temporário para acolhida humanitária será concedido exclusivamente pela Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.

¹⁸ Regime instaurado em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares e que foi marcado pela repressão e violência contra os opositores ao regime.

¹⁹ Lei 6.815, 19 de agosto de 1980 conhecida também como "Estatuto do Estrangeiro". Esta definiu a situação jurídica de todos os estrangeiros (cidadãos não brasileiros) no Brasil até o ano de 2017.

²⁰ Lei 9474 /97 considera como refugiado todo indivíduo que sai do seu país de origem devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas imputadas, ou devido a uma situação de grave e generalizada violação de direitos humanos no seu país

§ 3º A concessão do visto temporário para acolhida humanitária ocorrerá sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas na Lei nº 13.445, de 2017, e no Decreto nº 9.199, de 2017. (BRASIL, 2018).

Antes da lei de migração, existia o Estatuto do Estrangeiro, que entre várias proibições destaco aqui a proibição dos imigrantes de participarem de qualquer atividade de natureza política. A nova lei da migração que teve origem durante o governo Dilma Rousseff, com a proposta do projeto de Lei do Senado nº 288, de 2013, baseado no tratamento ao movimento migratório como um direito humano, combatendo a xenofobia e a discriminação contra o migrante, teve sua aprovação, no Governo de Michel Temer, quatro anos após, com vários vetos da lei original no quesito sendo publicada no Diário oficial em Brasília - DF, em 25 de maio de 2017. Com a nova lei, foi distinta a proibição e passou a garantir o direito do imigrante de se associar a reuniões políticas e sindicatos e assegura aos migrantes direitos que garantem a integração à sociedade brasileira, ressaltando que o direito de Liberdade, Igualdade e Fraternidade é garantido desde 1948 pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nesta declaração dá-se o direito a todos os seres humanos de liberdade e sem privações em qualquer lugar do mundo, garantindo assim a qualquer ser humano nas políticas públicas inseridas dentro dos diversos países do globo. Entretanto fica evidente que o tema imigração ainda é confuso e mal-entendido no Brasil, visto a demora para a aprovação de uma lei, bem como as constantes alterações em seu texto, que demonstram o quanto a temática da imigração ainda é controversa e carregada de estereótipos xenófobos, que resultam não só em resistência aos avanços legais, mas também em perigosas manifestações agressivas.

A Sanção de uma lei que poderia acabar com o conceito de que estrangeiro deve ser visto como ameaça à soberania nacional, revoltou alguns brasileiros, prova disso, foi o ato que ocorreu em São Paulo, capital, logo após a aprovação da lei de migração em maio de 2017, que foram caracterizados pela incitação do ódio discriminatório, nos quais se falava em “islamização” e “abertura ao terrorismo”, importando discursos recorrentes na Europa, além do já tradicional discurso de “invasão de imigrantes” e “roubo dos benefícios sociais” (GLOBO, 2017). O protesto organizado pelas redes sociais pedia o veto da Lei de Migração, aprovada no Senado trouxe vários discursos contra estrangeiros, evidenciando o ódio e a discriminação a esses imigrantes. Porém essa resistência não é geral, ela foi acompanhada e até hoje é por inúmeros movimentos favoráveis a migração, que vão desde ao apoio nas ruas até a arrecadação online, com conversão para os imigrantes. Havia na lei, em seu projeto original de 2013, importantes avanços para a temática da migração do Brasil, no que condiz a acolhida e integração desses

indivíduos na sociedade brasileira, mas que foram vetados pelo então presidente da República Federativa do Brasil, Michel Temer, que ao todo vetou 18 trechos do Projeto na Lei, original, entre eles: o direito ao imigrante exercer cargo ou função pública; a anistia a todos os imigrantes que tivessem ingressado no Brasil até 6 de julho de 2016 e que fizessem o pedido até um ano após o início de vigência da lei, independentemente da situação migratória anterior; a revogação das expulsões decretadas antes de 5 de outubro de 1988. A obrigatoriedade de políticas públicas no quesito de acolhida e inserção no campo do trabalho e o direito ao voto. Nessa questão vetada na aprovação da lei de migração do direito ao voto, acaba por inviabilizar a inserção dos imigrantes na sociedade brasileira. “A exclusão dessa participação, ao direito do voto aos estrangeiros, infelizmente, ainda acaba por atingir a toda a comunidade migrante do ponto de vista da cidadania” (SILVA, 2016, p. 403).

Subjetivamente, e com base nas leis que trataram e tratam a temática da migração no Brasil, afirmo que alguns tipos de migração ainda tem o mesmo papel que tinha no período do império²¹ que era de resolver o problema da falta de mão de obra escravista sem direito algum e essa problemática aumenta, quando o imigrante é negro, pois volta à ideia para alguns cidadãos de que o negro sempre tem o estigma de só ser apto ao trabalho pesado com pouca valorização e baixa remuneração. Esse papel escravista que traz consigo a migração na construção da sociedade brasileira e com políticas públicas insuficientes, fazem aumentar as dificuldades enfrentadas pelos estrangeiros no país em relação à moradia e colocação no mercado de trabalho, vindo muitas das vezes a serem explorados em subempregos, sem terem seus direitos trabalhistas respeitados. Conforme Carmem Lussi salienta:

A migração traz consigo todas as fases da vida de uma pessoa e todos os âmbitos da existência, do trabalho ao lazer, da felicidade ao crime, da doença ao sucesso profissional e social. Cada vez mais migrantes serão sujeitos presentes em todas as políticas e em todas as instâncias da vida pública. Quanto menos tivermos previsto e incluído esta parte da realidade nos processos de ideação e elaboração das políticas e das leis, tanto mais o tema se apresentará como problema para a sociedade e tanto mais quem migra estará exposto a riscos de violações de Direitos Humanos. (LUSSI, 2015, p 55)

Dessa forma, as condições de migração de haitianos para o Brasil que é o foco dessa pesquisa, encontrou muitas barreiras para acontecer de maneira mais humanizada, esbarrou também no atraso da legislação brasileira sobre a temática. O Brasil precisa de fato de mais

²¹O Império do Brasil foi um Estado que existiu no século XIX e que compreendia, aproximadamente, o território que forma o Brasil e o Uruguai atuais. Seu governo era uma monarquia constitucional parlamentar representativa, tendo tido como imperadores D. Pedro I e seu filho, D. Pedro II.

políticas públicas que além de recebê-los, no país possa também os incluir na sociedade por meio da assistência de programas sociais e de agências de fomento. Essa medida está em absoluta conformidade com o Art. 3 da nova Lei de Migração, o qual determina a inclusão social e produtiva do imigrante por meio de políticas públicas. Assim na perspectiva que os imigrantes haitianos encontravam no Brasil, é diferente da perspectiva atual. Enquanto o Estatuto aprovado pelos militares tratava o imigrante como um estrangeiro, como uma suposta ameaça à segurança nacional.

A nova Lei, por sua vez, cuida para que os imigrantes não sejam vitimados pela xenofobia, mas ainda precisa ser colocada em prática e não perder o que foi conquistado em sua redação final. Vale ressaltar que no ano de 2019, não foi assinado pelo atual Governo Federal a revogação da adesão do Brasil ao Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular²², com a justificativa que a iniciativa da saída do país do pacto foi motivada para preservação dos valores nacionais.

2.2. A Inteiração e Acolhida no Contexto da Imigração Haitiana no Brasil.

Ao iniciar a discussão sobre o contexto de acolhimento sobre a temática da migração, se faz necessário, conceituar o que termo acolhido. Segundo a perspectiva, empreendida por Eva Santos (2006) que o define como sendo

[...] um processo de intervenção profissional que incorpora as relações humanas. Não se limita ao ato de receber alguém, mas a uma sequência de atos dentro de um processo de trabalho. Envolve a escuta social qualificada, com a valorização da demanda que procura o serviço oferecido, a identificação da situação problema, no âmbito individual, mas também coletivo (ibid., p. 58).

Acolher é dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a agasalhar, receber, atender, admitir (FERREIRA,1975, p.27). Dessa forma, o acolhimento a imigrantes que é uma das funções dos serviços público da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de cada município, necessariamente, precisa garantir uma ação de aproximação, com o outro, ou seja, uma atitude de inclusão. É necessário que o integrar-se significa parte da ideia de que o indivíduo, ou um grupo específico, não deve necessariamente esquecer totalmente de seus costumes originais (idioma e religião, por exemplo) para estar presente por inteiro na rotina da

²² Fechado em 2017 e chancelado no ano passado, o pacto estabeleceu orientações específicas para o recebimento de imigrantes, preservando o respeito aos direitos humanos sem associar nacionalidades. Dos representantes dos 193 países, 181 aderiram ao acordo.

nova sociedade que está inserido, mesmo que esses costumes representem entraves. Ou seja, aprender o português não significa, necessariamente, que um imigrante haitiano não deva mais falar o idioma creóle, e assim por diante.

Abdelmalek Sayad demonstra preocupação quando trabalha o conceito de integração, segundo as palavras de Sprefico (2009), Sayad quando aborda o conceito de integração considera que:

A integração é um processo contínuo, que dura toda a vida e que diz respeito à identidade. A identidade individual daquele que se supõe que se esteja a integrar e a identidade coletiva que é linguisticamente afirmada como existente e como hipoteticamente caracterizadora do coletivo no qual se daria a integração.

De um lado, podemos ter um Estado que, uma vez tendo entrado em contato com fluxos de imigração consideráveis, é obrigado a refletir sobre a ficção – tornada inconsciente social – da coincidência entre povo, nação, soberania, cidadania, sobre a qual se tinha constituído no tempo e na qual frequentemente inseriu a retórica de uma identidade nacional que seria formada por elementos específicos caracterizadores partilhados e conhecidos efetivamente por todos como tais e como algo que nos distingue de outros que não “possuiriam” tais elementos; do outro lado, temos o indivíduo que chega ao Estado e que vive a integração como um processo frequentemente inconsciente, quase invisível, de socialização com uma construção ideal que se impôs, e que tem simultaneamente manifestações concretas, à qual se adapta variavelmente ao longo de todo o curso da sua existência. (SPREAFICO, 2009, p. 129)

Assim, a integração de imigrantes não se dá somente pelas vontades e sim por políticas públicas com vários autores envolvidos, sejam públicos ou privados e que de fato sejam decisivas para essa construção do inserir-se. Os imigrantes, principalmente haitianos, mesmo que em proporção pequena em relação à população brasileira, representam um grupo de pessoas que não consegue se inserir em estratos seguros da estrutura social brasileira, já que as dificuldades de integração que são criadas por qualquer vulnerabilidade social, econômica ou cultural, alimentam um desafio imenso para o governo: a criação de políticas públicas e garantias legais que atendam a esse grupo e que lutem por uma inserção social adequada (IBGE, 2019). E esse acolhimento a imigrantes, é garantido na legislação brasileira, que além da Constituição Federal (1988), em seu artigo 5º que diz “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade “[...], está previsto também na Lei da Migração (nº 13.445, 2017), em seu artigo 3º que diz, “A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes: I - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos; [...]; XI - acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social. Nesse sentido,

as políticas públicas voltadas a acolhida a imigrantes se faz necessárias para organizar o acesso aos serviços públicos a proteção de direitos adquiridos, é uma resposta do Estado às necessidades do coletivo que, por meio do desenvolvimento de ações e programas, objetivam o bem comum a diminuição da desigualdade social e da discriminação racial, visto, que sem um processo de acolhida e inteiração que aconteça na prática, podem viver na vulnerabilidade que expõe esses sujeitos à exclusão atuante me nossa sociedade.

A integração e a Socialização de migrantes haitianos em Maringá, ocorrem em sua maioria por meio de Associações que tem trabalhos voltados a pessoas em situação de vulnerabilidade e Igrejas. Como informa Daniele Rosseto (2018), a Cáritas em Maringá desenvolve, dentre outras atividades, “atendimento humanitário, cadastramento, organização do curso de português, palestras para melhor direcionamento com relação às leis trabalhistas no Brasil, os direitos e deveres e várias outras questões” (ROSSETO, 2018, p. 117). E essa acolhida é importante no processo de inserção a sociedade maringaense. Quando é formado um curso que pode ensinar a língua e esses migrantes, também está sendo pensado com abordagem em forma de acolhimento, no artigo Haitianos refugiados e a reinserção social por meio de aulas de língua portuguesa: motivações e resultados, Costa, Brunauth e Palma (2017) abordam as aulas de um projeto de aulas de língua portuguesa em um espaço de educação fora da escola, na região metropolitana de Porto Alegre/RS, que surgiu com a ideia de “contribuir para a redução do sentimento de invisibilidade e caminhar para a extinção da exclusão dos imigrantes” (COSTA, BRUNAUTH e PALMA, 2017, p. 12). Para isso, de acordo com as autoras, todas as aulas eram planejadas para atender as necessidades dos migrantes beneficiados pelas aulas, ou seja, além de aprenderem a língua, ainda supriam outras questões que eram necessárias em suas realidades.

2.3 Desigualdades Raciais na Dinâmica da Imigração na Sociedade Brasileira

A busca por respostas sobre o porquê de tantas desigualdades raciais existente no Brasil e em especial na temática da migração, me fez ter contatos com obras que dialogam com as práticas culturais brasileira, visto que ao analisar as primeiras legislações do governo republicano, período que se iniciou em 1889, com o declínio da monarquia e o começo da chamada República Velha, é possível se perceber o descaso de legislações com pautas de direitos levando a percepção que nesse período, acontecia uma ilustração do cinismo e racismo na formação social do Brasil. Será que aprofundar em escritos sobre estudos críticos das obras

e do pensamento social brasileiro, poderia trazer algumas respostas? Precisava tentar entender tudo isso. Entretanto, é público comentar que as ideias de cor e de raça que hoje são discutidas de forma até que intercambiáveis, testemunhando a luta social, na história da América vem do século XVIII. E em torno da composição de raça, reconfigurou-se todas as formas e instâncias prévias de dominação, em primeiro lugar entre os sexos, depois entre raças (QUIJANO, 2005). Ou seja, historicamente os grupos dominantes e colonizadores dos países da América, sempre exerceram poderes sobre os grupos dominados, que em sua maioria eram grupos formados por índios, mestiços e negros, dissimulando assim a discriminação racial e social e assim o mesmo aconteceu no Brasil. Esses grupos acabam por ser invisíveis dada sua condição de raças inferiores e de “culturalmente” primitivos, pelos povos dominantes, como afirma em seu texto Quijano (2005):

A colonialidade do poder implicava então, e ainda hoje no fundamental, a invisibilidade sociológica dos não-europeus, “índios”, “negros” e seus “mestiços”, ou seja, da esmagadora maioria da população da América e sobretudo da América Latina, com relação à produção de subjetividade, de memória histórica, de imaginário, de conhecimento “racional”. Logo, de identidade (QUIJANO, 2005 pg.24)

É muito importante enfatizar que alguns países europeus consideravam que tinha a missão divina de levar a civilização aos povos selvagens do mundo. E dessa forma esse pensamento foi intensificando como sendo justificativa para uma colonização da América. Havia, portanto, uma falsa presunção de superioridade biológica e cultural europeia que constituía uma superioridade de ideias, imagens, valores, atitudes e práticas sociais que ainda hoje permeiam as relações sociais nos países que passaram pelo processo de colonização. Essa construção ideológica europeia de superioridade praticada, serviam de influência nas implementações de políticas migratórias adotadas pela maioria de países latino-americanos. Políticas que favoreciam a migração europeia por um lado, e por outro, proibiam seletivamente a migração de grupos humanos “indesejados” (por não serem “compatíveis” com o tipo de miscigenação ou mestiçagem desejada), isso visando obviamente o branqueamento da população da América Latina. Segundo Quijano (2014), “nas relações intersubjetivas e nas práticas sociais de poder, ficou formada a ideia de que os povos não europeus não só têm uma estrutura biológica diferente se não também e sobretudo um tipo e nível “inferior” aos europeus”. Graças à colonialidade, e o Colonialismo a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente. Mas colonialismo e colonialidade

são dois conceitos relacionados, porém distintos. O colonialismo se refere a um padrão de dominação e exploração no qual:

O controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada possui uma diferente identidade e as suas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial. Porém nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O Colonialismo é, obviamente, mais antigo; no entanto a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à inter-subjetividade de modo tão enraizado e prolongado. (QUIJANO, 2007, p. 93)

Além disso, esse conceito operou a inferiorização de grupos humanos não-europeus, do ponto de vista da produção da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos. Nesse sentido, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos.

Quando voltamos os olhares para o Estado brasileiro, vemos situações semelhantes e quando este não atua como agente promotor do racismo, ou da xenofobia as vezes atua como cúmplice. Ocorre a lógica racista sobre a qual foram construídas as nossas sociedades. Por exemplo, quando o estrangeiro migrante tem o fenótipo europeu, pele clara, cabelos loiros e olhos azuis, não recebem o mesmo tratamento que seus pares de pele escura, índios, asiáticos, africanos etc., os quais são cruelmente discriminados porque para alguns, os primeiros vêm “logicamente” a “melhorar a raça”, enquanto os outros vêm a “roubar os empregos locais”. Vale relatar aqui que estes são os tipos de comentários racistas que, infelizmente, ainda hoje escutamos com respeito ao tema dos imigrantes estrangeiros em parte do mundo. Embora mencionar todos os casos de racismo e xenofobia que ainda hoje vemos no mundo seria uma tarefa interminável, e, portanto, alguns exemplos bastam para refletir sobre esta realidade, como o exemplo as declarações xenofóbicas do Presidente dos Estados Unidos Donald Trump a respeito dos migrantes mexicanos, as políticas migratórias de seu governo que permitem a expulsão de imigrantes “ilegais” afetando gravemente, principalmente, os direitos humanos de milhares de famílias latino-americanas. Em uma mesa redonda sobre migração na Casa Branca, como lemos no Jornal O Globo do 16 de maio de 2018, uma declaração racista e xenofóbica do Presidente Trump, em que chamou aos imigrantes ilegais de “animais”. O Brasil tristemente não é muito diferente, e toda a cordialidade e acolhimento ocorrem somente com os estrangeiros na condição de turistas já que com respeito aos estrangeiros imigrantes, o tratamento vai mudar

de cordial para xenofóbico dependendo de fatores como o racial, econômico, político, geográfico, e até ideológico.

Em meados de 2015, após várias denúncias de que estava acontecendo situações de características xenofóbicas contra haitianos no Estado de São Paulo, foi necessário que A Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), apurasse a existência de xenofobia e racismo em mensagens contra imigrantes haitianos em Nova Odessa (SP). O muro do cemitério da cidade foi pichado pela segunda vez com a frase em inglês "Back to Haiti", que traduzida para português quer dizer "Voltem ao Haiti". (Fig. 01). Na reportagem é descrito que essa seria a segunda pichação no cemitério . A primeira mensagem foi registrada também com a mesma frase e tinha também o desenho de uma suástica, que é o símbolo do nazismo. A reportagem que foi publicada pelo site G1, em 2015, ainda causa reações em seus leitores pelo conteúdo xenofóbico e racista que existe nesse tipo de ato abomináveis que acontecem pelo país contra imigrantes principalmente os de origem haitiana.

Figura 1 - "Back to Haiti"



Fonte: G1, 2015 .

Outro fato parecido e que chamou a atenção pelo teor xenofóbico e racista que causou revolta em muitos aconteceu em Cascavel, cidade paranaense da região central do Estado.

Muros e pontos de ônibus da região amanheceram no final do ano de 2016²³ com pichações de ódio e preconceito contra os imigrantes haitianos que residiam no município. com mensagens, “Fora Haitianos” e “ Volta para o Haiti” .

Em forma de protesto contra o xenofobismo, membros do movimento União da Juventude Socialista (UJS)²⁴, realizaram a limpeza das pichações na época pela cidade. Entretanto, outros casos vão além de manifestações de repulsa, casos noticiados pelos meios de comunicação denunciam o uso de violência contra os haitianos, como o que ocorreu com seis haitianos na Baixada do Glicério/SP, que em agosto de 2015, foram feridos por um grupo de jovens armados com espingardas de chumbinho. Na ocasião, os jovens passaram de carro disparando pela janela e xingando os haitianos de ladrões de empregos e frases indicando que deveriam retornar para o Haiti. (Carta Capital, 2015).

O contato com a leitura e acesso a reportagens como a exposta acima, fizeram aumentar o desejo em entender mais a origem da discriminação racial, sofrida por imigrantes no Brasil. As leituras sobre o período intelectual do pensamento social brasileiro trouxeram fundamentações presentes no processo de constituição das Ciências Sociais no Brasil, mais precisamente na década de 1930. Nesse processo de coletas de pesquisa, tive acesso a leituras desse período que tratavam sobre uma sociedade brasileira de perfil discriminatório e xenofóbico. Alguns textos tratavam sobre como se deu todo o povoamento de imigrantes nas regiões brasileira e a região do Sul do Brasil ao qual se localiza geograficamente essa pesquisa, não foi diferente sua formação foi também composta por muitos imigrantes. Era preciso, portanto, povoar a região Sul e incentivados pelos governos da época, vieram principalmente alemães e italianos (SANTOS, 2003; SEYFERTH, 2000). Portanto se historicamente, a construção da região Sul brasileira, foi feita por migrantes, porque então o ódio, discriminação ao migrante haitiano que vivem na cidade de Maringá? Minhas inquietações aumentam ao constatar que só poderia ter um motivo para tal fato, o racismo. Alguns depoimentos retirados no site, G1, 2015, ilustram essa desigualdade sofridas pelos imigrantes haitianos na região, “O Sul daqui uns 40 anos vai mudar o nome Alemão e sua pele branca, para o sobrenome francês

²³ Ver mais em : **MIGRANTES HAITIANOS: Em ato simbólico, jovens cobrem pichações xenofóbicas em Cascavel (PR)**, Disponível em : <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/30/em-ato-simbolico-jovens-cobrem-pichacoes-xenofobicas-em-cascavel-pr>

²⁴ A União Socialista da Juventude, fundada em 1984, é a organização da juventude do Partido Comunista do Brasil formado por jovens operários, camponeses, estudantes, artistas e intelectuais que tem como missão Buscar o futuro e a liberdade, os direitos que são negados, a esperança banida, a vontade subjugada no Brasil.

e a pele negra”, outro comparara a situação dos imigrantes com os nordestinos e atribui aos imigrantes haitianos que vivem no Sul, às favelas e violência.

O mais engraçado é que esses haitianos vão justamente para a região onde ficam os branquinhos racistas, por que eles não vão para a região nordeste onde o número de negros e pardos é maior. Está muito claro que o governo traz esse pessoal numa tentativa descarada de miscigenar e enfraquecer a cultura europeia presente no Sul do Brasil. E além disso qual o motivo de deixar tanto estrangeiro entrar quando falta empregos no país? No começo tudo parece bonitinho, ajuda do governo, mas a real consequência demorará décadas para vir: mais favelas, mais violência e um país totalmente miscigenado de Norte a Sul. (G1, 2015)²⁵.

Além de depoimentos preconceituosos podemos observar que, o preconceito está presente até mesmo em um processo seletivo para contratar funcionários em 2013 em uma empresa no estado de Santa Catarina, que deixa velado a discriminação existente na sociedade brasileira. O conteúdo da reportagem trouxe a época uma discussão a cerca do assunto e que afetou toda a região Sul do País.

Afinal, na região Sul do Brasil, o mercado de trabalho, para alguns empresário na hora da contratação de seus funcionários parece ainda que tem um tipo de perfil de cor ideal para seus trabalhadores. A reportagem em questão, pautava o perfil ideal do futuro empregado e no anúncio da vaga do emprego descrevia a preferência por indivíduos masculinos com idade entre 25 e 35 anos de cor branca.

Qualquer empresa tem a possibilidade de contratar o profissional que atenda aos critérios técnicos que a função exige, desde que a seleção e o recrutamento não sejam discriminatórios, algo que não aconteceu diante desse anúncio . O preconceito racial é constatado de forma declarada. A matéria foi publicada na Coluna —Livre Mercado, de Claudio Loetz, do Jornal A Notícia - Joinville, a publicação foi datada em outubro de 2013, chegando em seu maior número de acesso quando foi reproduzida no Facebook pela organização Mães de Maio, em 27 de maio de 2014, onde se colocou a foto do jornal com a notícia (Fig. 02), com o título Racismo não existe?

Houve uma grande repercussão sobre o conteúdo da notícia, porém a empresa não veio a público para dar mais informações sobre a matéria, levando até o ministério público Catarinense a entrar em ação com a abertura de investigação contra a empresa.

²⁵ Comentário disponível em : <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/07/imigrante-diz-que-muitos-brasileiros-consideram-haitianos-como-escravos.html#comentario>. Acesso em 25/11/2019.

Figura 2- Jornal A Notícia – Livre Mercado – Racismo não existe?



Fonte: Organização Mães de Maio – Publicado em 27 de maio 2014²⁶.

A postagem dessa matéria seguiu até 2016, com vários compartilhamentos e comentários, muitos deles com denúncias de racismo que ocorrem na região sul do Brasil. O privilégio nos processos de contratação para homens brancos, viola abertamente o Estatuto da Igualdade Racial²⁷ – Lei 12.288/2010 – que proíbe e pune com penas de multa e de prestação de serviços à comunidade quem “em anúncios ou qualquer outra forma de recrutamento de trabalhadores exigir aspectos de aparência próprios de raça ou etnia para emprego cujas atividades não justifiquem essas exigências”. É fato que homens e mulheres negros e negras, vivem constantemente em todos os Estados brasileiros o racismo e isso é intensificado quando esse sujeito é estrangeiro e sofre a discriminação racial por ter marcas em seus corpos como em sua origem.

Depoimentos e reportagens nesse sentido podem provocar várias sensações ao leitor e evidenciam uma sociedade extremamente racista. Sociedade essa onde também são formadas por indivíduos haitianos. Mas como são recebidas tais discriminações pelos próprios haitianos? Um depoimento retirado do portal Terra, 2014, ilustra o modo como um haitiano sente o tratamento que alguns brasileiros lhes conferem. Nas palavras do haitiano Manasse Marotiere

²⁶Disponível em:

Link:<https://www.facebook.com/maes.demaio/photos/a.174007019401673.38528.173936532742055/464724546996584/?type=3&theater> . Acesso em: 22 julh. 2020.

²⁷ Disponível em: <http://www.afropress.com/post.asp?id=15621> . Publicado em: 19 out. 2013. Acesso em vários momentos.

(que já havia passado pelo Panamá, Equador e Bolívia até chegar ao Acre) o racismo e a xenofobia são uma constante.

Em todo lugar existe preconceito, mas quando cheguei à cidade de Bento Gonçalves, no interior do Rio Grande do Sul, achei muito complicado. Todos os haitianos que chegam aqui dizem que sentem o preconceito, é comum às pessoas atravessarem a rua para não andarem ao seu meu lado. Isso é preconceito porque somos pretos, porque somos haitianos, diz. (TERRA, 2014, SP)

Compreendi que muitas vezes, o ódio contra os imigrantes era de certa forma devido ao preconceito racial e era preciso voltar ainda mais no tempo da história para compreender, talvez obter esclarecimentos. Poderia encontrar respostas no período da escravidão no Brasil, também referida como escravismo ou escravatura, forma essa de relação social de produção adotada, no país desde o período colonial até pouco antes do final do Império. Conforme Sansone (2003), o Brasil foi um país onde o tráfico negreiro de escravos vindos da África começou muito cedo, no final do século XV, terminou mais tarde, em 1850. Na história mundial, o sequestro de africanos, com sua escravização nas Américas, matou milhões de africanos nos processos de captura, transporte e escravização nas Américas. Foi um genocídio em escala massiva. Nas Américas os negros escravizados durante o século XX, sofriam o mesmo racismo preponderante no século XVI, que era a de “falta de inteligência” dos negros, como afirma Ramón Grosfoguel, 2016.

Nas Américas os africanos eram proibidos de pensar, rezar ou de praticar suas cosmologias, conhecimentos e visão de mundo. Estavam submetidos e um regime de racismo epistêmico que proibia a produção autônoma de conhecimento. A inferioridade epistêmica foi um argumento crucial, utilizado para proclamar uma inferioridade social biológica, abaixo da linha da humanidade. A ideia racista preponderante no século XVI era a de “falta de inteligência” dos negros, expressa no século XX como “os negros apresentam o mais baixo coeficiente de inteligência”. (GROSFOGUEL, 2016, pg. 40)

Além disso segundo o pesquisador Sidney Chalhoub, o século XX²⁸, foi marcado por opressões e praticas de racismo contra os negros livres. Segundo o pesquisador o resultado é que o sistema escravista brasileiro produziu sempre um número grande de libertos e de negros livres descendentes de libertos, constituindo uma importante população negra livre. No entanto, ser negro livre no Brasil era arriscado. Havia a ameaça constante de escravização, de ser preso

²⁸ As lutas e os obstáculos dos trabalhadores negros livres da virada do século XX, seguiram produção escravocrata para aquele do trabalho assalariado, os operários enfrentaram uma série de opressões, formas de controle e obstáculos à sua organização. Ao lado das antigas relações paternalistas e de compadrio, do caráter degradante associado ao trabalho braçal e das rivalidades étnicas e de nacionalidade. Ver Mais em : CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Editora da UNICAMP, 2001.

“suspeito de ser escravo”. Isso tornava a liberdade muito precária, tolhia os movimentos e a vida dos negros livres. (Chalhoub, 2019)

Para observar a discussão para tamanha discriminação racial existente no Brasil, recorri a algumas obras que contextualizavam ideias e lutas daquele que é considerado até os dias de hoje como um dos principais autores da história do pensamento político brasileiro, Aureliano Cândido Tavares Bastos (1839-1875) que sempre é inserido num rol de defensores do liberalismo. Considerado um dos expoentes desse tipo de pensamento liberal na segunda metade do século XIX, é lembrado como abolicionista, e das liberdades civis. Tavares Bastos (1963) em sua obra “As Cartas do solitário”, são tratados estudos sobre a reforma administrativa, africanos livres, tráfico dos escravos, liberdade de cabotagem²⁹, entre outros temas escritos em forma de carta, que foram publicados no Correio Mercantil a partir de 1861, e traziam como assinatura tão somente as palavras “O Solitário”. Tavares Bastos cobrava do Governo parlamentar no Brasil Império da época, carta de alforria para os Africanos que já estavam livres sendo usados como escravos e sofrendo as mesmas discriminações raciais de antes, fazia ataques ao monopólio marítimo brasileiro atribuído uma mentalidade Portuguesa Colonialista.

Entretanto essa igualdade para africanos livres em relação a homens brancos defendida por Tavares Bastos, não passava de mero escrito, pois se compararmos os descendentes de imigrantes europeus com afrodescendentes no período no Brasil fica evidente a desigualdade, até de tratamento jurídico, em que só existiam políticas públicas para o primeiro grupo. Segundo Tavares Bastos (1863), que a princípio defendia a migração como modernização da sociedade brasileira alegando que a mesma era vantajosa para o Brasil no período, pois os escravos teriam um nível de inteligência inferior ao dos brancos migrantes, além de não ter incentivos (salários) e assim produziram menos que os migrantes europeus, norte-americanos, germânicos, ingleses e irlandeses. Tavares Bastos (1938, p.414-415), afirmava que moralmente, o brasileiro seria favorecido pelo contato direto com esses migrantes, não somente pelo acesso a outros hábitos e costumes, mas também porque outras leis seriam promulgadas a fim de propiciar a “mais plena liberdade religiosa e industrial” favorecendo os imigrantes brancos e obrigatoriamente aos brasileiros.

Outro ponto que Tavares Bastos defendia nas cartas 10 e 11 publicadas no período a migração no lugar do tráfico de escravos, era a perda de homens negros que muitas vezes

²⁹ Navegação entre portos marítimos, sem perder a costa de vista. Segundo Tavares Bastos o Brasil, era um País sem condições para desenvolver o poder marítimo, pois era um país agrícola, (carta 15).

morriam nas viagens no percurso do tráfico até o território brasileiro. Uma história totalmente diferente dos emigrados europeus, árabes, judeus e orientais que, decidiram sair de seus respectivos países, por vontade própria, chegando até solos brasileiros bem hidratados e com vontade de vencer na vida. Evidentemente, eles também sofreram rupturas que teriam provocado alguns traumas. Mas Kabengele Munanga (2005 pg. 76) sinaliza que em nenhum momento a cor da pele clara desses migrados no período foi objeto de representações negativas e de construção de uma identidade negativa que, embora inicialmente atribuída, acabou sendo interiorizada e naturalizada pelas próprias vítimas da discriminação racial.

Para Tavares Bastos o Estado gigante corrompe as elites com benefícios e ganhos que favoreciam o domínio aos mais pobres, principalmente os de cor negra, com distribuição de migalhas. Assim, ao usurpar a esperança de todos na crença de um futuro, rouba a autonomia de um povo e mata o seu senso de moralidade, dano assim poderes para os mais fortes financeiramente escravizar aqueles que não teriam tais condições, pois sempre que a lei permitir seja ela evidente ou disfarçada, haveria o trabalho escravo.

Aproveitando do momento político em que a luta pelo fim do tráfico de escravos no Brasil estava em acessão no final da década de 1860, Tavares Bastos mudou seu projeto de luta e passou a defender a liberdade para as pessoas escravizadas, cuja situação seria mais vantajosa para o país e não mais a migração, alterou seu discurso pela valorização da miscigenação do povo brasileiro. Como os negros eram uma fonte barata de trabalho e partindo da ideia de que os processos rotineiros da lavoura requeriam sempre mais pessoas e a migração não tinha braços suficientes para isso e pautado na lei no contexto do período, não haveria tanta condenação ao trabalho escravo e existiriam situações que até a lei permitiria a escravidão, Tavares Bastos (1863) se mostra a partir desse momento um grande defensor da utilidade de negros livres para uma construção do futuro do país.

No período em que Tavares Bastos escreve sua obra “Cartas do Solitário” em 1863, havia pressões de todas as esferas para o fim da escravidão e o principal objetivo de sua escrita, era o desenvolvimento moral e material do país. Tavares Bastos adotou a via da descentralização política e administrativa, como forma de promoção de uma política voltada para a liberdade, sempre valorizando a conduta inglesa e americana no período sobre essas questões e pautado na justificativa do discurso, de ainda ter negros libertos, exercendo trabalhos escravizados, seria o fracasso da sociedade brasileira. Segundo Tavares Bastos, os exemplos

mais apropriados de sociedade ao qual o Brasil deveria seguir como modelo, era a americana e a inglesa.

Conforme aumentava meu contato com a obra de Tavares Bastos, compreendia que esse autor defendia o acolhimento no Brasil a imigrantes, porém apenas para imigrantes brancos. Também compreendi que algumas práticas culturais em relação a etnias do período presente nos relatos e escritos de Tavares Bastos, poderiam ser justificativas para práticas relatadas por migrantes haitianos em relação a uma análise centrada nas desigualdades sociais por cor ou raça, sofridas na atualidade na cidade de Maringá.

Sobre essas desigualdades o pesquisador Sergei Soares (2000) afirma que existe uma categorização por parte da sociedade brasileira que o negro deva exercer um trabalho manual sem fortes requisitos de qualificação e se o negro ficar no lugar a ele alocado sofrerá menores discriminações. A classificação e a hierarquização racial articuladas no contexto da escravidão insistiram em regular as relações entre negros e brancos mesmo depois de 13 de maio de 1888³⁰. Para Tavares Bastos um país liberal, sem trabalhos escravos só seria possível se o Estado participasse do projeto.

Na década de 1850, alguns fazendeiros do sudeste brasileiro passaram a comprar escravos do norte do país, mas as compras não resolveriam os problemas da falta de mão de obra e voltaram a insistir em imigração como reposição de mão de obra para as lavouras de café em forma de parcerias, projeto esse que não deu certo, surgiu à ideia por parte dos fazendeiros de que os migrantes eram preguiçosos e com vícios da bebida, não obedeciam às ordens abandonando os trabalhos além que para alguns dos fazendeiros os imigrantes queriam bens em troca do trabalho prestado, direitos esses não adquiridos na percepção dos donos de terras Tavares Bastos (1863).

A leitura desses escritos, e a procura por reportagens sobre o assunto, levou a informação de um depoimento publicado no portal Exame, 2016, que ilustra a discrepância entre o modo como alguns cidadãos se sentem quando questionado sobre Políticas Públicas a migrantes haitianos no Brasil.

“Isso é de uma palhaçada só. Se o Brasil estivesse a mil maravilhas até concordaria em trazer e fazer políticas públicas a essas pessoas, mas então quer dizer que meu país

³⁰ A Abolição da Escravatura foi o acontecimento histórico mais importante do Brasil após a Proclamação da Independência, em 1822. No dia 13 de maio de 1888, após seis dias de votações e debates no Congresso, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que decretava a libertação dos escravos no país.

em vez de me ajudar com emprego, saúde, segurança e educação para meus filhos, sendo que tudo isso que falei não tenho, mais essas pessoas que nem brasileiros são vão ter. É no mínimo uma cachorrada das maiores que essa cidade já realizou”. (Exame, 2016, SP).

Confesso que ao buscar na literatura que trata sobre a formação da sociedade brasileira, alguns questionamentos me eram respondidos e outras inquietações aumentavam: A hospitalidade brasileira seria, afinal, um mito? Para Gustavo Barreto 2015, após analisar mais de 11 mil edições de jornais e revistas entre 1808 e 2015, a noção de que o Brasil é um país hospitaleiro, onde todos os estrangeiros e imigrantes são bem-vindos, não passa de um mito e em sua tese de doutorado defendida na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), o pesquisador concluiu que o racismo existe até mesmo na imprensa brasileira com abordagens sobre o mesmo assunto tratadas com diferenças entre europeus, africanos e haitianos, por exemplo. Barreto 2015 incluiu em seus estudos as hostilidades sofridas em junho de 2015, por haitianos em um posto de gasolina na região metropolitana de Porto Alegre. E uma suspeita de ataque xenóforo contra haitianos, que foram baleados com chumbinho na escadaria de uma igreja aparentemente sem nenhum motivo. Onde está a receptividade com o estrangeiro? Onde está a solidariedade com o sofridor? Essas reflexões, me fizeram recordar de uma situação, com muito sofrimento, em 2015³¹, que infelizmente, vitimou um menino sírio que morreu afogado na Turquia. Recordo-me que a imagem daquele menino morto na praia, comoveu muitos brasileiros e me chamou a atenção o que falaram no ciberespaço. Foram percebidas e tecidas comparações entre essa comoção e a insensibilidade diante de migrantes haitianos.

Chora pelo menino sírio mas joga banana no haitiano. Qual tamanho da sua hipocrisia? (Twitter, 4 out.2015 <http://migre.me/vePRA>).

Deus tá vendo essa galera lamentando menino morto na praia, ao mesmo tempo que querem expulsar Haitiano do Brasil #fb (T witter, 8 set. 2015 <http://migre.me/veQGy>).

Quando viu o menino sírio chorou comovido, mas ao ver um haitiano, destilou seu ódio, antes enrustido. (Twitter, 4 set. 2015 <http://migre.me/veQQw>).

O caráter feito ao problema não se dirige propriamente à comoção ao menino sírio, mas à seletividade nas acolhidas. A uns sentimentos de ternuras e brandura. A outros são negadas condições dignas de existência, como tem ocorrido com migrantes haitianos que chegam ao Brasil em estado de vulnerabilidade. Ou seja, os migrantes são tratados conforme suas origens, cor e condição social. Um ano após a comoção de muitos brasileiros com a morte do menino

³¹ Ver reportagem: “Menino sírio que morreu afogado na Turquia é enterrado em Kobane”. Disponível: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/menino-sirio-que-morreu-afogado-na-turquia-e-enterrado-em-kobane.html>.

sírio outro corpo, agora de um haitiano, foi encontrado soterrado, vítima de acidente de trabalho na cidade de Sorriso-MT. — Haitiano morre soterrado após barranco desmoronar em obra em MT, é a manchete do Portal G1 Mato Grosso, em 05 de setembro de 2016³². A notícia recebeu 10 manifestações, internautas falavam que era culpa dos “golpistas”; que eram pobres filhos de Deus; pobre trabalhador; vinham em busca de esperança e encontravam a morte. Um afirmou: “deveria ter deixado enterrado é bom que economizava com o enterro e nos dava menos despesa. Desenterraram e vão enterrar de novo. Mais despesa para nossa sociedade”. Esses fragmentos demonstram uma ambiguidade de alguns da sociedade brasileira. É sabido que sobre os haitianos, pairam estereótipos como são os invasores e devem ser expulsos. São contra estes que se instala o ódio. Quando o estereótipo se torna algo social, ele é exteriorizado para pessoas e grupos, e traz apenas um traço genérico que deve representar um grupo. Desta forma, os estereótipos podem ser vistos também como componentes cognitivos de uma atitude e, portanto, os estereótipos formam a base do preconceito em relação a um indivíduo ou a um grupo.

Durante a construção teórica da pesquisa, foi importante o estudo de alguns escritos de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo ou simplesmente Joaquim Nabuco. No momento em que o Brasil vive o debate racial, sobre cotas e ações afirmativas, revisitar um dos defensores da causa negra da nossa história pode significar uma reflexão sobre as origens das desigualdades raciais presentes no contexto brasileiro atual que podem ajudar a responder minhas inquietações sobre possíveis preconceitos sofridos por haitianos que vivem na cidade de Maringá.

Nabuco, em “O Abolicionismo” – obra de 1883, tratou de analisar a negatividade da escravidão para o Brasil da sua época e para o futuro, segundo o autor a diferenciação de raças seria provavelmente sentida no futuro e a escravidão negra, desde sempre, vista como um interessante e vantajoso negócio para aqueles que geriam o sistema. Mediante a leitura da obra de Nabuco, percebi que a escravidão, enquanto sistema social complexo que contabilizou mais de 350 anos no Brasil afetando o caráter, o temperamento e a moral da população. Para Nabuco a questão da escravidão, transformou-se numa verdadeira mancha que o Brasil traz na fonte. Nessa percepção consegui compreender porque para alguns cidadãos brasileiros é tão difícil a prática da solidariedade dirigida àquele que está em situação de vulnerabilidade, em especial, se este tiver a cor da pele negra.

³² Notícia disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/09/haitiano-morre-soterrado-apos-barranco-desmoronar-em-obra-em-mt.html>. Acesso em vários momentos.

Confesso que o contato com a leitura de Nabuco (1883) o grande escritor, advogado, diplomata e também um magnífico político que se destacou na luta pelo fim da escravidão quando juntamente com outros jornalistas radicais passou a usar casos de crueldade para demonstrar a barbaridade inerente à escravidão, mobilizando a opinião pública, quando argumentava que a escravidão não tinha lugar em uma nação moral ou civilizada; também serviram para enfraquecer os defensores da escravidão no gabinete e no parlamento por associá-los a tal barbarismo trouxe a mim a percepção que apesar da defesa pelo fim da escravidão e a afirmativa de que o preconceito racial surgiu pela a escravidão à união das raças não era algo defendido pelo autor.

A lei Aurea³³ regularizou uma situação juntamente com o fervor dos abolicionistas com seus discursos exaltados pelo fim da escravidão, entretanto os relatos que aqui nesse trabalho serão expostos de indivíduos estrangeiros e negros me levam a constatar que na pratica a escravidão segue separando os grupos étnicos/raciais e ainda há pessoas negras sem direitos, considerados sem pátria e sendo escravizado, usados para resolver uma situação e necessidade de mão de obra barata, trajetórias essas ainda contatas de uma forma, não tão evidente, agravando ainda mais esse quadro quando o indivíduo negro é imigrante. Além das dificuldades inerentes ao próprio processo de migração, como as diferenças de língua e cultura, os migrantes negros têm a discriminação racial como mais um agravante e que é necessário a discussão do tema, para conscientização da sociedade para uma construção social mais pautada nos assuntos de desigualdades por consequência do racismo. É preciso que todo o processo histórico dessa construção da sociedade, seja legalizado em todas as atividades que passem pela acolhida e integração desses imigrantes. Esse aspecto, todavia, encontrou um contraponto, de acolhida na área educacional com a aprovação da Lei 10.639/03³⁴ que foi alterada pela Lei 11.645/08³⁵, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, deixando evidente o reconhecimento e necessidade de se combater o preconceito, o racismo e a discriminação e, conseqüente, redução das desigualdades. Se cumprida de forma correta e com sequencia no processo da formação educacional, essa grade curricular poderia trazer novos conhecimentos e

³³ Lei Áurea, oficialmente Lei Imperial n.º 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravidão no Brasil.

³⁴ A Lei 10.639 de 2003 modificou a Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB), de 1996. Se introduziu no artigo 26 a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de ensino fundamental. Como referência de bibliografias sobre essa tematica, temos a autora Petronilha Gonçalves e Silva, a Pedagoga Nilma Lino Gomes entre outros.

³⁵ 4 A Lei 10.639/03 foi alterada pela lei 11.645/08, que também trouxe a obrigatoriedade do ensino de história e cultura das populações indígenas.

revalorização da cultura negra e se estender para a valorização da cultura de diferentes migrantes residentes no Brasil, como dos haitianos, o que faria com que pudéssemos conhecer, por exemplo, que o Haiti sempre sofreu situações de vulnerabilidade em diversos setores. De acordo com Adrina Santiago, organizadora do livro *Haiti por si: A reconquista da independência roubada*³⁶, o Haiti que nos foi apresentado depois do terremoto de 12 de janeiro de 2010 nos obrigando a retroceder muito antes do desastre que devastou o país. Ele diz ser necessário compreender a história do país caribenho para podermos depreender a vulnerabilidade do mesmo frente ao terremoto, visto que esta fragilidade é resultado de um longo processo que começa desde a colonização espanhola e francesa até hoje, passando pela ocupação estadunidense no país e a irresponsabilidade das autoridades haitianas, que não têm elaborado políticas públicas destinadas a reduzir esta vulnerabilidade. (SANTIAGO,(Ed.)2013). Outro processo também necessário conhecimento ou estudo sobre a formação do Haiti, é a influência do Haiti no processo abolicionista brasileiro, como o haitianismo. Andrea Alves (2010), ao falar sobre o haitianismo e sua influência na história do Brasil e na Europa, levanta o fato de haver uma lacuna historiográfica sobre a questão. O debate da revolução do Haiti causava um medo enorme nas elites escravistas brasileiras porque foi uma revolução que teve origem em uma revolta escrava em 1791 que levou ao fim da escravidão e a independência de um território colonizado.

A Revolução Haitiana potencializou os medos da elite branca diante da possibilidade de um avanço negro no Brasil, como ocorrera nas Antilhas. Contudo, a divulgação e o impacto do ideário haitiano nas Américas e na Europa permanecem um assunto pouco pesquisado, constituindo uma lacuna a ser preenchida (ALVES, 2010, s/p.).

A Revolução Haitiana foi uma grande rebelião de escravos e negros libertos que aconteceu na colônia francesa de São Domingos a partir de 1791. Essa rebelião conduziu a colônia francesa de São Domingos à independência e foi motivada pela grande exploração e violência do sistema colonial escravista francês naquela região. Os ideais de igualdade entre os homens inspirou-os a lutar pela sua liberdade e por seus direitos. Os escravos lutavam pelo fim do sistema escravista, e os negros libertos lutavam pela equiparação dos direitos entre brancos e negros.

³⁶ O livro *Haiti por si: A reconquista da independência roubada* trata-se uma organização de artigos e reportagens de diversos autores, tanto do Haiti, quanto de outras nacionalidades e possui textos e fotos que chamam a atenção dos leitores e do povo haitiano para que percebam as reais possibilidades de autogestão do Haiti.

Essa revolução haitiana deu início depois de dois anos de Revolução francesa³⁷ com suas repercussões os escravizados entraram em revolta e na noite de 22 de Agosto de 1791, alguns milhares de escravizados se levantaram contra seus senhores brancos no norte da colônia São Domingos . Essa luta dos escravizados durou doze anos. É a única revolta de negros na história registada como sucesso. Com o sucesso da revolução, o Haiti conseguiu sua independência e como consequência abalou a ordem colonialista inspirando muitas outras nações a seguir sua alta determinação na história de resistência que penduram até hoje. Alguns Historiadores marcam a data de 18/11/1803, que aconteceu a disputada Batalha de Vertières, uma das maiores batalhas da Segunda Guerra de Independência do Haiti, considerado um dos episódios finais da chamada Revolução Haitiana, uma luta de escravizados contra o jugo colonial e a escravidão, que garantiu a autonomia do Haiti e a abolição da escravatura haitiana, a primeira das Américas. Lutando com uma força quase dez vezes maior que as europeias, os haitianos se bateram com os franceses. Como resultado da Batalha de Vertières, em janeiro de 1804 é proclamada a República do Haiti, e até os nossos dias a data é comemorada como o Dia da Vitória no Haiti.³⁸

Os obstáculos cruzados concedem a essa revolta uma importante particularidade na história do período colonial (JAMES, 2000). A Luta foi liderada por François Dominique Toussaint L'Ouverture ³⁹ que era um ex escravo com muitas habilidades excepcionais tanto intelectuais como de corpo deram a ele o carisma na liderança que a revolução haitiana precisava tornando o maior líder dessa luta haitiana e da humanidade, estando a frente de realizações múltiplas como Independência nacional, igualdade racial e a abolição total de escravidão A transformação dos escravizados em pessoas capazes de se organizar e enfrentar as nações europeias mais poderosas do tempo estabelece uma das grandes epopeias revolucionárias de batalha e de sucesso (BEAUBRUN, 1955). O movimento na revolução seguiu sob a liderança de Toussaint Louverture até 1802. Pouco antes, em 1801, sob o comando de Napoleão Bonaparte, os Francês conseguiram aprisionar Toussaint Louverture. O líder haitiano foi enviado para a

³⁷ Revolução Francesa (em francês: Révolution française, 1789–1799) foi um período de intensa agitação política e social na França, que teve um impacto duradouro na história do país e, mais amplamente, em todo o continente europeu.

³⁸ Os historiadores relatam a data de 18 novembro de 1803 como a data da batalha de Vertière. Esta batalha marcou o fim da sociedade colonialista, segregacionista e escravagista da antiga colônia francesa até então denominada Santo Domingo. Esta batalha assinala um sinal de rebelião, de revolta a esse sistema e toda a sua integralidade. Ela é anunciadora da independência do Haiti, que é declarada em 1º de janeiro de 1804.

³⁹ François-Dominique Toussaint L'Ouverture foi o maior líder da revolução haitiana. No decorrer de uma prolongada luta pela independência Toussaint conduziu os africanos escravizados a uma vitória sobre os europeus, aboliu a escravidão e assegurou o controle da colônia pelos nativos em 1797, enquanto era nominalmente seu governador.

França em 1802 e permaneceu em uma prisão até a sua morte em 1803. A partir da captura e prisão de Toussaint, a luta Haitiana passou a ter um novo líder, Jean-Jacques Dessalines⁴⁰ um ex-escravo, Dessalines participou das revoltas de escravos da colônia francesa de Santo Domingo.

Também Com base nas referências que a literatura tem registrado, de maneira convicta pode ser afirmado que a Revolução Haitiana tem um papel primordial para os Direitos Humanos. Essa luta que recebeu o nome de haitismo derrubou as ideias racistas pela primeira vez e abriu um tempo novo na história para todos os povos não ocidentais, entre quem esses que foram colocados em escravidão, ou sob a dominação colonial. Algo que deve ser registrado e jamais esquecido é que todo o processo de revolução e libertação do povo escravizado haitiano foi conduzido pelos próprios escravizados, estes conseguiram, além de realizar a libertação de seu país, realizar também, a própria libertação.

É necessário reafirmar que a revolução haitiana (1791-1804) foi pioneira na luta anticolonial e antiescravista, e mesmo a muitas potências imperialistas no mundo que já eram hegemônicas, restituiu, em pleno processo de acumulação primitiva do capital, que tinha como características o seu sistema produtivo baseado na estrutura do trabalho escravo e a exploração das riquezas das colônias. Ou seja, o Haiti foi o primeiro país latino-americano a conquistar a sua independência, contribuindo, assim, para a luta pela independência em todo o resto do continente. Além disso, foi pioneiro na luta pela abolição do sistema escravista, assim como é a única experiência histórica de insurreição de pessoas escravizadas vitoriosa. E toda essa categoria de pionismo haitiano frente a sua independência e luta escravista trouxe como consequência, a resiliência em que o povo haitiano nunca foi aceita pelos países imperialistas hegemônicos, que usaram como forma de punição o isolamento do país nas relações internacionais e o desprezo pela sua história na luta contra o fim do sistema escravista. É evidente que a revolução haitiana foi tão impactante para a América Latina que a revolução cubana foi vista como um novo haitianismo, deixando toda a elite da América, com tanto medo do haitianismo, como posterior a elite teve do comunismo (PORTO-GONÇALVES, 2005). Durante a revolução haitiana e suas conquistas passou a ser conhecido no mundo como o período do haitianismo. No Brasil tal movimento foi importante para também conquistas em relação aos movimentos que lutavam pelo fim do período escravistas. João José Reis (2000, p.

⁴⁰ Após a declaração de independência, Jean-Jacques Dessalines escolheu o nome de **Haiti** para o novo país que havia surgido. O nome foi escolhido em homenagem às populações indígenas que habitavam a região antes da chegada dos europeus.

250), especialista em movimentos de resistência à escravidão e ao racismo no Brasil imperial, principalmente na Bahia, palco de “um ciclo de revoltas e conspirações escravas durante a primeira metade do século XIX” (REIS, 2014, p. 69) destaca em suas obras, o haitianismo no Brasil com carregado de duplo-significado, oscilando entre medo e inspiração, a depender da perspectiva dos sujeitos e forças sociais implicados.

O haitianismo se tornou a expressão que definiria a influência daquele movimento sobre a ação política dos negros e mulatos, escravos e livres nos quatro cantos do continente americano. O Brasil não ficou de fora (...). Talvez mais do que senzalas e barracos, entretanto, o Haiti penetrou, como um pesadelo, as casas senhoriais, os palácios governamentais e mesmos os clubs rebeldes brancos. Na conjuntura da descolonização no Brasil, várias vozes ligadas à ordem advertiram sobre uma reprodução aqui do fenômeno haitiano, caso as divergências entre portugueses e brasileiros se aprofundassem. (2000, p. 248-249)

Ou seja, as consequências do haitianismo tiveram ressonância no Brasil entre os escravos que lutavam pelo mesmo objetivo dos daquela ilha, onde o movimento que ocorreu no Haiti, serviu de força e exemplo para os movimentos que aconteciam no Brasil. Na obra “Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte”, Sidney Chalhoub que é historiador realiza uma rápida descrição sobre como a Revolução Haitiana foi recebida no território brasileiro. Segundo o autor:

Em 1805, um ano após a proclamação da independência do Haiti, foram encontrados no Rio alguns ‘cabras’ e crioulos forros ostentando no peito o retrato de Dessalines, o ex-escravo e ‘Imperador dos Negros da Ilha de São Domingos’; em 1831, chegou ao conhecimento da polícia que dois haitianos haviam desembarcado no Rio de Janeiro e tinham sido vistos conversando com ‘muitos pretos’. (...) Não há, é verdade, nenhuma referência conhecida a uma insurreição de negros de grandes proporções na cidade do Rio no século XIX. Todavia, o temor de que isto ocorresse era sólido como uma rocha, e era realimentado de vez em quando por revoltas urbanas em outros lugares, por notícias de haitianos passeando nas ruas da Corte, ou pelos rumores de uma conspiração internacional para subverter as sociedades escravistas (CHALHOUB, 2011)

Era preciso se apegar a outras lutas de iguais necessidades e que enfretavam a discriminação racial. Os ideais eram os mesmos e qualquer somatoria positiva seria vitória contra o processo escravista brasileiro ao qual deixou uma herança de três séculos e meio de escravidão negra no Brasil e que permanece somada à xenofobia atacando negras e negros que tentam nova vida no país. O medo da haitianização era agravada por parte do governo brasileiro a medida que as experiências concretas eram vividas nas províncias brasileiras. Sobre o temor de desordens sociais e da influência do haitianismo, Rodrigues salienta:

A possibilidade de movimentos articulados de escravos passou a ser encarada mais seriamente pelo poder público a partir da década de 1830. O levante dos malês em 1835, na Bahia, trouxe o medo da haitianização para um campo mais próximo espacial e temporalmente. Se o Haiti era um exemplo bem sucedido de revolta de escravos,

mas longínquo, os episódios na Bahia fizeram ver que os escravos no Brasil, especialmente os africanos, faziam mais do que minar a sociedade por meio da corrupção dos costumes. Eles poderiam por fim ao projeto de nação homogênea e sem conflitos. (RODRIGUES, 200) .

Ou seja, se no Haiti, deu certo, no Brasil também poderia dar e o medo por revoltas no país tornou constante por parte daqueles que utilizavam da escravidão o seu meio financeiro. Desse modo O Haiti nos contempla com uma experiência única na história da humanidade, passando de uma colônia formada majoritariamente por pessoas negras escravizadas, para uma república independente em pleno começo do século XIX, momento histórico em que predominava o sistema colonial escravista. Formando, assim, a primeira república negra fora da África que resiste até hoje, e como nós lembra Franck Seguy (2014), é o único país que foi colonizado onde o seu povo não fala a língua do antigo país colonizador. Toda essa conquista de liberdade, teve sua probematica para a nação haitaina . Como consequência, a resiliência do povo haitiano nunca foi aceita pelos países imperialistas hegemônicos, que reagiram com o isolamento do país nas relações internacionais e o desprezo pela sua história na luta contra o fim do sistema escravista.

Bem ao estilo ao que que Eduardo Galeano (2010) define como o pecado original, ou seja, as conquistas da independência e da liberdade. Entretanto essas conquistas na história do Haiti é ate hoje motivo de orgulho e festa para seu povo. Mas ao nosso entendimento, a revolução haitiana, apesar de ser um marco importante e histórico na luta anticolonial além de ter influenciado lutas pela independência, não é lembrada da forma que deveria. Nem todos países latino-americano.,compreendeu o processo que estava se desenvolvendo no Haiti no início do século XXI, e apoiou o golpe dos países imperialistas hegemônicos no governo do presidente eleito Jean-Bertrand Aristide, inclusive enviando as suas tropas para manter o país ocupado por militares estrangeiros. O Brasil, particularmente, não apenas participou ativamente da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH), como também comandou o seu componente militar, realizando o trabalho terceirizado dos países imperialistas hegemônicos, e desenvolvendo uma operação de guerra em um país que não estava em guerra. Tudo isso, levou o Haiti a seguir na invisibilidade mundial e a vulnerabilidade social ao qual sua nação povoa, acabam por contribuir para os constantes ataques discriminatórios que sofrem mundo a fora seus povos imigrados. Um dos períodos mais conturbados da história do Haiti teve início em 1957. Naquele ano, o médico François “Papa Doc” Duvalier⁴¹ foi eleito presidente da nação,

⁴¹ François Duvalier, também conhecido como Papa Doc, foi um político e médico haitiano que serviu como Presidente do Haiti de 1957 a 1971. Ele foi eleito Chefe de Estado da sua nação com uma plataforma populista e de nacionalismo negro.

instalando um regime ditatorial baseado na repressão militar que perseguiu muitos opositores – inclusive a Igreja Católica –, e sua guarda pessoal, os tontons macoutes (bichos-papões) eram os responsáveis pelos massacres. Os 14 anos de autoritarismo no governo de François, que se inspirava no fascismo, aniquilou, perseguiu, caçou e prendeu centenas de jornalistas e civis que eram contra os pensamentos do déspota. Sua empreitada violenta só teve um pontal final com o fim de sua vida. François Duvalier permaneceu no poder até o ano de 1971, quando faleceu com 64 anos. Seus 14 anos no poder serviram como legado a ser seguido por seu filho, Jean-Claude Duvalier que comandou o país com as mesmas mãos de ferro de seu pai, durante longos 12 anos.(CERQUEIRA, 2020). Somente em 1990 sob nova constituição, o país realizou eleições presidenciais livres, mas um novo golpe militar fez com que a ditadura fosse novamente imposta no país. A Organização das Nações Unidas (ONU) impôs sanções econômicas ao Haiti para forçar a volta de Aristide. Somente em 1994 a ditadura foi finalizada entretanto, como os problemas no Haiti persistiram, o país passou a sofrer intervenção internacional pela ONU. Durante esse período acordos políticos com outros chefes de Estado estrangeiros foram feitos. O etnocentrismo negro e o racismo de Duvalier, forjados a partir de uma leitura conservadora de traços fascistas que o afastava do progressista movimento caribenho de valorização da negritude, se combinavam em certa medida com o imperialismo político e econômico, bem como com a memória de uma certa arrogância haitiana usada para justificar uma indiferença do Ocidente ao país (OLIVEIRA, 2015). Passou o Haiti a ter o apoio ostensivo dos EUA ao regime estava ligado à época à necessidade de combater a partir de uma base segura no Caribe a expansão da revolução cubana de 1959. No entanto, o povo haitiano sofria crescentes taxações e impostos, além de toda sorte de esquemas e meios de desvios das finanças públicas, redução de empregos, taxas especiais. É preciso considerar que Duvalier chegou ao poder não apenas através da fraude e apoio dos EUA, mas também com significativo apoio social interno. A negritude, de fato, era uma máscara usada pelo regime para os objetivos políticos de uma fração da pequena burguesia. A propaganda transformou a negritude e seu líder em um messias multicolorido. No entanto, consolidado o regime, Duvalier não hesitou em se dissociar da negritude quando foi necessário (OLIVEIRA, 2015).

Ao trabalhar com a história haitiana, não podemos esquecer que estamos falando de pessoas, que ocupam um lugar na sociedade da cidade de Marigá que atravessados pela experiência da imigração, ao migrar trazem consigo suas memórias marcadas por todos esses acontecimentos que construíram o seu País. Existe um sentimento de nacionalismo, de orgulho que eles têm pela história deles, fizeram a única revolução Negra. Os haitianos em sua identidade apresenta os

negros e negras como sujeitos históricos protagonistas de uma revolta vitoriosa que libertou o Haiti da dominação econômica da França e proclamou uma república negra. Clarens Chéry, imigrante haitiano que reside em Florianópolis, foi convidado para uma aula aberta online da disciplina de Antropologia para o curso de História da UDESC- Universidade do Estado de Santa Catarina , durante o período pandêmico, para tratar da experiência dos haitianos com a migração e afirmou que :

os imigrantes tem outras coisas pra apresentar, também as pessoas negras e os outros grupos das minorias. Também temos uma riqueza de histórias, uma identidade e temos que falar coisas que nos fortalecem, não só as opressões que nós sabemos que existem, somos um povo que temos orgulhos de nossas conquistas e vitórias. (CHÉRY.2020).

A construção da História Haitiana é comemorada com muita alegria e respeito pelo seu povo. A data de sua independência é um fato muito comemorado pelos Haitianos além de todos orgulharem de sua cultura e da conquista na revolução Haitiana⁴². O respeito é notório pelo passado e construção do Haiti . Conforme Chéry, 2020, que afirma que no Haiti todas as festas comemorativas, são sempre colocadas as crianças para participar e assim todas sempre irão crescer sabendo do passado de Glória do País que o mundo Europeu confiscou. Ou seja apesar das crises políticas e econômica, além do terremoto que aconteceu o povo Haitiano não desvalorizam sua história , eles estão conseguindo a partir da luta do trabalho deles, da força deles, da resiliência que esse povo tem mostrado, e isso é evidenciando em suas narrativas. Há várias representações do patrimônio excepcional da cultura popular do país, com diversas cerimônias comemorativas que seguem todos os anos. Sobre essa vivência da cultura que é tão comemorada no Haiti, Jaberson, haitiano que mora em Maringá, relatou o seguinte:

Ah, sinto muita falta de estar com meu povo. O haitiano é um povo alegre , é um povo feliz. Sinto muito falta da comida de lá de nossa gente, locais históricos, danças e dos costumes nosso. Temos muitas tradições como a tradição de comer sopa no dia de Ano Novo, por exemplo. Mas eu sempre estou vendo e assistindo nossa gente que estão lá . (Wilkinson, Solteiro tem 29 anos, professor de Inglês residente em Maringá 5 anos).

Espaços de tradição e contracultura nos quais os haitianos encontraram sua própria maneira de superar e resistir a grandes tragédias e encontrar um profundo significado de sua identidade histórica. Segundo Alrich Nicolas , o Haiti é muito além do estereótipo da pobreza ao qual é

42

O Haiti entrou para a história como a primeira nação negra a se tornar independente no mundo e a primeira a se emancipar na América Latina e Caribe – no continente americano, o primeiro país foi os Estados Unidos, em 1776.

sempre retratado, mas que seu povo não é vítima e sim, vitorioso e isso é comemorado por todos haitianos.

O que sempre define o Haiti na imprensa internacional, que sempre diz "o Haiti, o país mais pobre deste hemisfério", ou "60% da população sobrevive com menos de um dólar por dia", mas isto é apenas uma apreciação estatística, e não quer dizer nada sobre a pobreza no país. Penso que quando analisamos a pobreza no Haiti e sua dinâmica, vemos que ela existe, mas frequentemente nos esquecemos de falar da produção de riqueza que existe no Haiti. Temos que falar também dos recursos e seu controle. A pobreza tem a ver também com a má distribuição de recursos que assolam o país. (ALRICH NICOLAS, 2011).

Sabe-se portanto que a população haitiana mesmo fatigada por conta de missões de paz anteriores e por conta da colonização da presença de militares norte-americanos e franceses, brasileiros no país, o respeito e adoração pela construção de sua história e lutas ainda permanecem muito forte entre seu povo como sendo motivo de comemorações e orgulho. A narrativa de Victor Schoelcher sobre o Haiti no início dos anos 1840, é reconhecida que os negros escravizados de Saint Domingue como os autores de sua própria emancipação e da independência do Haiti. Apesar da violência de sua luta, ele defende fielmente os êxitos das massas haitianas e sua capacidade de vencer o legado de degradação da escravidão e de progredir rumo à civilização. (SCHOELCHER, 2009), justificando parte do orgulho que sente cada haitiano de sua história.

Diante da importância no contexto da história da humanidade que tem o Haiti, e todo o sentimento de nacionalismo desse povo, tornou ainda mais necessário ouvir os Haitianos, sobre todo o contexto de discriminação e preconceitos que acarreta sua história e construção de uma nova vida distante de sua pátria. Afinal eles, imigrantes negros, teriam essas percepções a respeito da discriminação racial que sofrem? O que leva a esse estigma contra os imigrantes também na cidade de Maringá? Todo esse preconceito contra o estrangeiro negro, estaria também ligado a desigualdade social brasileira que sobrecarrega boa parte da população negra? Então nesse sentido passei a conduzir a dissertação.

A contínua desigualdade social brasileira que atinge especialmente as pessoas negras e que é constatação no informativo "Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil"⁴³, divulgado pelo IBGE- 2019 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que aponta como pretos e pardos trabalham, estudam e recebem menos que os brancos no país onde negros são

⁴³ Ver mais aprofundado em : <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm> Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos.

75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos mostra muitas das lutas que defendia o fim da discriminação racial ainda não aconteceu. Mostra também que não existe uma integração social verdadeira entre as raças, etnias por mais que elas sejam relativamente pacíficas entre si, tal como o próprio Nabuco (1988) observou. As diferenças sociais entre as raças são mais fortes do que a aparente harmonia que as une. O que subjetivamente conclui é que a interação entre etnias é barrada quando a cor da pele é negra o que era contrário os projetos descritos na obra de Nabuco. A receptividade com o estrangeiro até hoje no Brasil ainda esbarra no preconceito racial, isso faz parte da reflexão a partir do relato de um migrante haitiano que reside na cidade de São Paulo, em entrevista ao site G1 2017:

“Fui Proibido de participar de um protesto por melhores salários por um Funcionário com cargo de chefia aqui. Ele proibiu e disse que não tenho direitos por não ser igual à maioria e que caso eu insista serei demitido. Ganho R\$ 800,00 reais por mês e estou na função de auxiliar de serviços gerais e sou um dos poucos negros na empresa”. (G1, 2017)

Trago esses exemplos, iguais ao do relato anterior para expor as contradições que permeiam os debates sobre a migração no Brasil e alinhada ao migrante negro e todos os outros temas que dela decorrentes: acessibilidade, igualdade de direitos, respeito à diversidade. O texto de Joaquim Nabuco (1883) atribuí à escravidão como percussora da falta de igualdade de direitos seja o indivíduo negro estrangeiro ou nacional. Jessé Souza (2017), também, relata que “a falta de direitos e igualdade para os indivíduos negros no Brasil, tem fundamentação na escravidão e que o processo de incorporação do mestiço à nova sociedade ocorreu paralelamente à transformação das relações produtivas e à importação de mão de obra imigrante, principalmente italiana, favorecida pelo aspecto simbólico decisivo da época, que era a demonização do negro e de sua cultura. No trânsito de uma sociedade escravista para o capitalismo competitivo, tudo que fosse associado ao escravo constituía um elemento negativo em relação ao qual todos desejavam se distinguir; daí a afirmação de Souza, de que “o ódio ao pobre hoje em dia é a continuação do ódio devotado ao escravo de antes” (SOUZA. p. 70).

É fato que a discriminação racial ocorre na sociedade brasileira. O economista Marcelo Paixão, que estuda a desigualdade racial no país, em entrevista ao blog Eliomar, 2011, afirma que

“Qualquer indicador que nós mobilizarmos no Brasil vai mostrar que existe um abismo entre brancos e negros. Nosso olhar foi treinado para fazer uma associação das linhas de cor e de classe e considerarmos esta associação a coisa mais normal do mundo. É estranho ver uma criança bem branquinha catando lixo. É estranho ver uma pessoa bem pretinha sendo dono de uma grande empresa”. (BLOG ELIOMAR, 2011)

Ou seja, não aconteceu de fato mecanismos de inclusão e de proteção no decorrer dos anos no Brasil e o papel do negro na sociedade seguiu a ser insignificante, sendo ele excluído das principais formas de convivência. Sem perspectivas, o negro passou a ingressar nas mais diversas formas de trabalho precário, gerando condições de pobreza e miséria. Assim, as desigualdades raciais foram cada vez mais sendo praticada dentro da sociedade brasileira, fazendo com que a relação do negro se tornasse sempre de inferioridade perante o branco e a cor fator de organização e segregação das relações sociais e das oportunidades econômicas do mercado brasileiro. Toda essa discriminação sofrida pelo povo negro no país fica evidente ao analisar os dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), que em 2018, registrou 615 denúncias de racismo, sendo 96,09% do tipo discriminação racial/étnica e o número de denúncias se manteve proporcional para o ano de 2019 (BRASIL, 2019a). É evidente que a discriminação racial praticada contra os negros no Brasil é agravada quando esse indivíduo negro é também imigrante. Ou seja o haitiano é duplamente discriminado por ser negro e portanto recebe o preconceito que também negros brasileiros sofrem e por ser estrangeiros. Diante disso como retratar a vida dos indivíduos haitianos negros em um país com um passado escravista? Falar de suas potencialidades? Do preconceito contra eles? De sua interação e acolhimento na cidade? Segundo Tim Ingold, compreender a vida enquanto um “[...] movimento de abertura, não de encerramento [...] deve estar no próprio cerne da preocupação antropológica” (2015, p. 30). Então, o objetivo de trazer as narrativas é vencer estereótipos, superar generalizações. Como afirma Roy Wagner, “[...] é o conjunto de predisposições culturais que um forasteiro traz consigo que faz toda a diferença em sua compreensão daquilo que está lá” (2010, p. 38).

Em minhas inquietações na construção do diálogo com os haitianos que formulam os capítulos desse trabalho, sempre eram retomados o contexto de um Brasil escravista, um Brasil onde seres humanos eram tratados em situações inferiores sejam classes sociais ou raciais sendo objetos de mercado de troca sem direito algum. A falta de direitos para indivíduos negros começou com a colonização do Brasil e com o regime de trabalho exploratório que desde o início se estabeleceu no país. A escolha pela escravidão negra por parte da elite colonizadora significou a implantação de raízes sociais marcadas pelas diferenças de raça e de classe, as quais se articularam numa construção nacional determinada e cujos efeitos permanecem vivos até hoje, onde o que tem o poder, manda e deve ser obedecido. O Brasil ainda precisa lidar com a discriminação enraizada, a exclusão e a pobreza que afetam a população negra brasileira.

“O Brasil foi o último país no hemisfério ocidental a abolir a escravidão, em 1888. No entanto, a profunda divisão social criada não se dissipou com a abolição. Pelo contrário, como o poder político e econômico manteve-se concentrado nas mãos dos fazendeiros brancos, afro-brasileiros tiveram limitados os meios ou oportunidade para estabelecer suas casas ou desenvolver meios de subsistência. Isto levou ao desenvolvimento de favelas empobrecidas, que entrincheirou ainda mais a sua desvantagem e marginalização” (ONU, 2016, p.4).

Portanto, no Brasil a cor e outros traços fenotípicos são os fatores a partir dos quais pessoas são preteridas, efetivamente discriminadas e quando são imigrantes, essa condição se agrava ainda mais. O modelo de imigrantes que se espera é branco, de olhos azuis, europeu, que é o perfil compreendido como qualificado. A migração haitiana pede, reflexão pelo conjunto da população brasileira, nos informa a obra de Jurandir Zamberlan (2014).

Mas a chegada dos haitianos levanta questões para toda a sociedade brasileira: até que ponto somos capazes de nos abrir ao diferente, ao estrangeiro, ao outro? Qual o nível de xenofobia ou de racismo oculto ainda existente frente ao diferente, ao pobre e ao negro, e como isso se expressa nas demandas por moradia, trabalho, no transporte e no cotidiano da vida? (ZAMBERLAN.2014, p. 37).

Atraídos por uma ‘vida melhor’, muitas vezes os haitianos, se deparam com ódio, preconceito e abusos no Brasil, como demonstra o depoimento retirado do site oestrangeiro, 2016, na cidade de Curitiba no Paraná, “Se você quer, pega. Se não quer, não quer“. Foi assim que Alix Mustivas, de 26 anos, foi tratado pelo patrão após se machucar enquanto trabalhava na construção civil. Após fraturar a coluna o braço em dois lugares durante o trabalho – sem carteira assinada – o dono da empresa ofereceu R\$ 300 ao jovem. “*Eu disse que minha vida não valia R\$ 300*”. Esses diferentes fatos podem ser relacionados a essa situação para além da discriminação. E poderiam ocorrer também na cidade de Maringá?

Assim sendo, essa pesquisa parte de pressupostos de possíveis influências e permanências dos estigmas raciais e estereótipos sobre o imigrante haitiano no imaginário social na atualidade, considerando as ideias oriundas de consequências das teorias raciais, e de imigração, recorrentes nos séculos XIX e XX no Brasil. Vale afirmar que Durante o século XX, o país ratificou várias normas internacionais que definem e proíbem tanto a escravidão quanto o trabalho forçado. A norma interna, através do artigo 149 do Código Penal, criminalizou a escravidão e pune com reclusão de dois a oito anos e multa, o crime de redução do trabalhador a condição análoga à de escravo. Mas nem a lei, pois fim à escravidão, nem o Código Penal, tem sido suficiente para impedir a impor os trabalhadores a condições de trabalho análogas ao

escravo, pois vemos materializado em práticas igualmente discriminantes e supressoras da liberdade do trabalhador. Nesse contexto os haitianos por serem negros, tem também sobre si esse olhar de uma sociedade que é dotada de valores brancos, olhar esse que inferioriza e esta carregado de pilares de uma cultura que era relacionada a valores negativos. Kabengele Munanga em sua obra “Negritude: usos e sentidos” acerca da identidade dos negros na cultura brasileira, abordando as origens históricas dos africanos desde as épocas das colonizações, remontando o território da África e constatando os objetivos europeus ao utilizar a mão de obra de pessoas escravizadas para obter vantagens. Além disso, Kabengele Munanga (1988) afirma que:

Na sua totalidade, a elite negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para, na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito. (...) O embranquecimento do negro realizar-se-á principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco (MUNANGA, 1988, p.27).

Em certo momento da história, algumas culturas brancas eram ditas como culturas oriundas de Deus e assim, os brancos sempre seguiam repassando o caráter de superioridade e ridicularizavam os negros com humilhações e preconceitos. Era o poder sempre sobre os negros.

Consciente de que a discriminação da qual, negros e mestiços são vítimas apesar da “mistura do sangue” não é apenas uma questão econômica que atinge todos os pobres da sociedade, mas sim resultante de uma discriminação racial camuflada durante muitos anos, o Movimento Negro vem tentando conscientizar negros e mestiços em torno da mesma identidade através do conceito “negro” inspirado no “black” norte-americano. Trata-se, sem dúvida, de uma definição política embasada na divisão birracial ou bipolar norte-americana, e não biológica (MUNANGA, 2006, p. 53).

De fato, a discriminação racial, deve ser sempre estudada e essa noção de discriminação racial será aqui tratada, inicialmente, conforme a Organização das Nações Unidas (ONU 1969), em sua Convenção Internacional para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial, ratificada pelo Brasil em 27 de março de 1968, art. 1º diz que:

"Discriminação Racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com a finalidade ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e/ou exercício, em bases de igualdade, aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública". (Comissão de Direitos Humanos e Minorias, 1968)

A discriminação racial acontece por meio da prática que denominamos de racismo. Dessa forma, a fim de evitar que isso ocorra no Brasil a Constituição Federal veda

indiscutivelmente a prática do racismo e ainda o considera crime inafiançável e irrevogável sujeito à pena de reclusão conforme lei. Essa manifestação discriminatória agrava quando o indivíduo negro é imigrante, demonstrando um Brasil preconceituoso e xenofóbico e mesmo sendo evidenciado que o país precisa de braços estrangeiros, fica claro que existem braços e braços. Imigrantes ou quem até ontem era importado e comprado por muito dinheiro hoje não é desejado nem de graça.

2.4. As Condições da Imigração Haitiana para Maringá – PR.

Com o crescimento no processo migratório de haitianos para o Brasil a partir de 2010, rapidamente, todas as regiões brasileiras começaram a receber esses migrantes e em Maringá, como toda sua região metropolitana, houve um aumento expressivo de haitianos. Segundo a pesquisa realizada pela professora Sueli de Castro (2016), o primeiro grupo de haitianos chegou a Maringá em 2010 e esses grupos foram inseridos em frigoríficos e outras indústrias de grande porte, além dos setores que eram ligados ao comércio e serviços na cidade. Essa população de haitianos foi aumentando progressivamente; segundo dados levantados pela Polícia Federal (2016), estimou-se que tinha mais de 4.000 indivíduos haitianos na região metropolitana de Maringá. A Região Metropolitana de Maringá precisava de mão de obra na indústria da construção civil e na indústria agropecuária, especificamente nos frigoríficos, que crescia muito. Nos anos seguintes de 2010 na região e a solução encontrada foi trazer a mão de obra haitiana para a cidade e região.

Maringá é um município localizado no norte do estado do Paraná, e foi criada em 1945 na data de 10 de maio de 1947. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020), o município possui uma área de densidade demográfica de 733,14 hab/ km², e uma Área Territorial 487,012 km² com uma população estimada em 2019 de 423.666 habitantes, e é composto por três distritos: Maringá, Floriano e Iguatemi. A criação de Maringá é diretamente associada a um grande empreendimento agrícola e imobiliário. A cidade foi fundada pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná em 1945, que promoveu o planejamento territorial da região, mas a ocupação do território iniciou-se em 1942. Conforme informações localizada no site Maringá (PR). Prefeitura. A cidade é formada por uma miscigenação étnica, Maringá conta com colônias japonesa, alemã, árabe, portuguesa e italiana, que migraram de regiões do próprio estado do Paraná onde já estavam instaladas, proporcionando, assim, uma pluralidade cultural que se destaca com seus folclores e tradições

ficando evidente que a cidade sempre conviveu com migrantes sendo uma região de origem cultural miscigenada. Todo o espaço urbano que se desenvolveu na cidade, desde a sua fundação, busca alimentar um único imperativo que é Maringá sendo significada como uma cidade moderna e planejada⁴⁴. Como aponta a arquiteta e urbanista Fabíola Cordovil (2007), a fundação de Maringá e seu posterior desenvolvimento estão imbuídos de um discurso publicitário diretamente relacionado à imagem sob a qual a cidade se erigiu. Formação associada a uma busca incessante pelo novo, pelo desenvolvimento, pela espetacularização da paisagem urbana. Segundo Cordovil (2007), a cidade estruturou-se a partir do discurso que a criou uma imagem com traçado de modernidade reproduzido por poder público e da iniciativa privada, uma Maringá planejada para ser um empreendimento urbano, destinado a reproduzir o capital e suas desigualdades. Segundo a professora e pesquisadora Marivânia Conceição de Araújo, “Maringá tornou-se uma cidade cujo espaço caracteriza-se pela hierarquização e diferenciação.

Um exemplo interessante da organização do seu espaço urbano é a localização da Zona 1. Área residencial destinada a classes média e alta, está próxima ao centro, circundada pelos dois bosques da cidade. Isso, sem dúvida proporciona uma maior qualidade de vida e comodidade, pois seus moradores não precisam dispor de muito tempo para se dirigir ao centro e a um dos pontos destinados ao lazer e à prática de esporte da cidade” (ARAÚJO, 2005). Portanto formou um espaço urbano cuja organização era bem definida por funções e classes sociais e que atualmente, nas ruas desses espaços projetados para o grande centro rodeado de bosques passou a ser notória a presença de migrantes, os haitianos, que estão trabalhando em banquinhas de camelô, nas calçadas como ambulantes, em restaurantes como garçons ou circulando com suas bicicletas para o trabalho, muitas vezes, abandonados em sua maioria a própria sorte, a espera de política pública⁴⁵ municipal, visto que as existentes não tem se mostrado suficiente para a quantidade de imigrantes que vivem na cidade, ou sem entender a funcionalidade das que existem de fato que poderia acolhê-los, e que recebem o acolhimento e a inserção na cidade através das praticas sociais de organizações sem fins lucrativos ou de instituições de ensino.

⁴⁴ Maringá foi projetada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, que nunca esteve no local. O projeto foi elaborado com base nas informações colhidas pelos engenheiros funcionários da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (RODRIGUES, 2004).

⁴⁵ Foi Criado um Comitê do Migrante da Cidade de Maringá em 14/06/2017, para a elaboração de propostas para compor o plano municipal de políticas públicas. O comitê está disponibilizado seu decreto nº 743/2017.

Para localizar a cidade de Maringá, que está localizada no norte do Paraná, abaixo é demonstrando a imagem de sua localização na figura 3.

Figura 3 - Mapa de Maringá



Fonte: Site Maringá.com

No quesito sobre políticas públicas na cidade de Maringá que pese a acolhida e inteiração dos migrantes de forma geral, existe um plano Municipal de políticas públicas desde de 2018 que se estenderá até 2021. O plano segue a mesma linha de ação do Plano do Estado, e se estrutura em sete eixos temáticos de ações públicas para com os migrantes: Eixo 1 – Assistência Social; Eixo 2 – Saúde; Eixo 3 – Educação; Eixo 4 – Cultura; Eixo 5 – Justiça; Eixo 6 – Esporte, Lazer e Recreação; Eixo 7 – Trabalho. O prefeito Ulisses Maia ressaltou a importância de este plano não fazer apenas parte de uma gestão, mas sim da própria política pública do município de Maringá. Este plano ainda será avaliado pelo Comitê Interinstitucional de Elaboração do Plano Municipal de Políticas Públicas do Migrante e os demais Conselhos de Direitos ligados ao tema.

Devido à possibilidade do encontro com os migrantes haitianos poder ser em vários lugares com situações diversas na cidade de Maringá, a construção do campo para a pesquisa foi feita, diariamente a todo o momento e que pode ir desde primeiro encontro até o Haiti, dessa forma, a etnografia urbana, passou a ser central para a condução da pesquisa. Tudo isso faz parte da compreensão do entrevistador. José Guilherme Magnani (2002) discute a questão da etnografia urbana e afirma que uma pesquisa onde a técnica da entrevista será aplicada, deve sempre ser seguida como prática e experiência do campo, e assim a pesquisa conseguirá atingir respostas para suas questões.

Nesse sentido o uso de entrevistas semiestruturadas, com alguns haitianos que vivem em Maringá, poderia ser assertiva como um dos procedimentos metodológicos do estudo e que poderia apontar possíveis desigualdades sociais especialmente para o grupo que pertenceriam a essa pesquisa isto é, os imigrantes haitianos que tem atualmente grande potencial no Brasil e assim será utilizada também para demonstrar que essa imagem omite, na verdade, a seletividade branca e europeia, característica da formação do “povo brasileiro” e ainda extremamente presente na forma de preconceitos e xenofobias e muitas vezes impede a inserção do migrante na sociedade maringaense com uma cidadania plena.

Após esta apresentação inicial da pesquisa, virá pequena seção expondo a maneira como o trabalho de campo se construiu e, principalmente, a forma como serão expostos os relatos no decorrer do texto. Vale ressaltar que a pesquisa, não definiu seções específicas para a discussão teórica, pois esta será apresentada ao longo desta dissertação sobre uma proposta antropológica gerando conhecimento do mundo e dos seres que nele habitam através das vivências e fazeres cotidianos, o que Tim Ingold chama de “antropologia para além do humano” (INGOLD, 2012). Ou seja, pensar as sociedades humanas, preocupa-se em detalhar, tanto quanto possível, os seres humanos que as compõem e com elas se relacionam, seja nos seus aspectos físicos, na sua relação com a natureza, seja na sua especificidade cultural.

3.REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Relatei, anteriormente, como foi se construindo o interesse ao tema que compõe este trabalho algumas reflexões na contextualização da imigração haitiana no Brasil também sobre discriminações raciais agora será detalhado como as fontes e técnicas de pesquisas surgiram ao longo da pesquisa e apresentação dos dados no texto desta dissertação. Confesso, que os relatos de possíveis casos de discriminação, ouvidos por mim de voluntários que estavam na linha de frente de projetos voltados aos imigrantes em Maringá, me fizeram querer ouvir os próprios imigrantes. Afinal como eles se enxergam na vida cotidiana maringaense. Teriam eles a percepção a respeito da discriminação racial existente no Brasil? Nesse sentido a antropologia, como área do conhecimento e o uso da entrevista como procedimentos metodológico, foi importante e à aproximação entre pesquisado e pesquisador, que é já consolidada na postura da Antropologia, trouxe benefícios e percalços do estudo de campo. Assim, a Antropologia, que tem como um de seus objetivos o de proporcionar o “alargamento da razão” (SILVA, 2006) através do conhecimento de várias culturas e formas de vivenciar os fatos, viabilizou, a

construção metodológica da pesquisa e através do seu potencial pode oferecer reflexões a partir de deslocamentos de pontos de vista sobre o mundo.

3.1. Construindo o Contato

Comecei ajustando bibliografia que iria fundamentar a parte teórica da pesquisa. Após fazer algumas leituras na disciplina de metodologia no curso, verifiquei que as existências de proposições contidas nas obras de diferentes autores seriam importantes para compreensão da prática investigativa, e é possível que a prática se construa conjuntamente com a teoria e que, ambas, concomitantemente, vão se encontrando e dando forma ao estudo. Essa compreensão fez com que a pesquisa fosse direcionada para a etnografia como caminho para melhor apreensão dos dados que seriam analisados posteriormente.

Foram utilizadas, além de livros, artigos e dissertações, as “fontes virtuais”, encontradas em sites de notícias como um suporte no sentido de que muitas pessoas parecem se sentir mais “seguras” para poder dizer o que pensam enquanto estão utilizando alguma página virtual, pois dificilmente uma pessoa daria uma entrevista a um pesquisador se mostrando racista e/ou xenófoba, mas pela tela do computador isso é possível de se observar, que “nesse sentido a internet não é um veículo, mas um espaço multifacetado de referência e legitimidade para a atuação de um grupo socialmente muito importante de reprodução e produção de sentidos e visões de mundo” (GRIJÓ, 2014, pg 179). Segundo Guimarães (2017) “a internet está presente e influenciando no cotidiano das pessoas. Portanto fazer uso, desse meio como veículo para pensar as relações sociais que se constroem é perfeitamente possível e necessário” e “porque as manifestações acontecem, independente de nós, e, ao acontecer, passa a ser objeto de significação”. Assim, consideramos deste modo, como totalmente aceitável o uso das falas de sujeitos que foram retiradas de sites, uma vez que, o que foi escrito é público, e o que foi dito ainda pode ser “curtido” por um grande número de pessoas, o que mostra que aquela manifestação encontrou voz e aceitação de outros usuários dessas ferramentas, podemos assim quantificar quantas pessoas concordam ou não com tais afirmações.

As fontes de pesquisas foram sistematizadas por busca de artigos sobre a imigração e de uma forma mais delimitada, a imigração haitiana, e de entrevistas realizadas, reportagens divulgadas ou publicadas em sites, além de série documental de materiais audiovisuais, que foram utilizados como técnicas de fontes de forma consultivas, cito aqui o Documentário:

Bombagai - 13 anos do Brasil no Haiti⁴⁶, disponibilizado no ano de 2018, O documentário é uma peça de conteúdo humanitário e histórico, tendo como principal fio condutor depoimentos de militares que participaram da missão desde 2004, de autoridades brasileiras, de representantes das Nações Unidas, além do Documentário: Um Olhar Haitiano⁴⁷ de 2015, que auxiliaram muito na construção do caminho metodológico que seria seguido para a realização desta pesquisa e tudo foi sendo materializados, desde as anotações do período ao qual, estive em contato como voluntário na Caritas Arquidioceses de Maringá, com participações em alguns momentos de projetos a imigrantes.

Na construção da pesquisa a realização do presente estudo, utilizou-se da abordagem qualitativa e do método investigativo da história oral, com narrativas baseadas em roteiro de entrevistas semiestruturadas, com o uso de diário de campo e de gravador, para o registro das evidências de campo e coleta dos depoimentos.

De acordo com Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski Senna

Como procedimento metodológico, a história oral, busca registrar e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. (MATOS, SENNA, 2011, p. 96).

Na coleta dos dados, foi de suma importância a realização da observação, antes de iniciar a pesquisa durante o processo da escrita e entrevistas. Conforme alega Arilda Godoy (2006, p. 133), sobre a coleta de dados:

A observação tem um papel essencial no estudo qualitativo. Por meio da observação procura-se apreender aparências, eventos e/ou comportamentos. A observação pode ser de caráter participante ou não-participante (denominada por Yin observação direta). [...] baseado nos objetivos da pesquisa e num roteiro de observação, o pesquisador procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessam ao seu trabalho.

Antes do início do estudo e no seu decorrer permaneci em contato com membros da Associação Cáritas Arquidiocesana de Maringá, frequentei reuniões com a pauta imigrantes, participando ativamente de algumas atividades ligadas aos haitianos, como o curso de

⁴⁶ Documentário Produzido pelo Ministério da Defesa Brasileira. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hobP5G51lhw>.

⁴⁷ Documentário produzido pelos alunos do curso de psicologia Ulbra - PVH, para a disciplina de Sociedade e Contemporaneidade. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Do0fmJjwJnA>.

português, doações de cestas básicas e vestimentas, organização de festas e eventos – dia das mães haitianas, confraternização do curso de português, almoço de confraternização de final de ano para todos os imigrantes de Maringá e região; encontro de Pastorais do Migrante Regional Sul, entre outras atividades. Também durante esse processo de construção foram realizadas entrevistas e conversas de modo informal, com diversos haitianos residentes no município e com agentes que trabalham nos projetos voltados à essa população.

As entrevistas com os haitianos através das minhas redes de contato, não foram suficientes. Muitos dos possíveis entrevistados que já tinha um contato, não moravam mais em Maringá, percebi que, essa rede de contatos, importante para a construção dessa dissertação, não seria por si só suficiente. Com a necessidade de estender meu campo de pesquisa, na coleta dos dados, fui auxiliado pela orientadora desta pesquisa professora Dra. Marivânia Conceição de Araújo, que indicou o contato de uma professora do departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, que já havia trabalhado como pesquisadora na área de migração com foco na migração haitiana em Maringá e região Professora, Dra. Sueli de Castro Gomes, que gentilmente me atendeu, colaborando muito para a construção de outras fontes de pesquisas usadas no estudo, indicando como contato do secretário da AERM- Associação dos estrangeiros residentes na região Metropolitana de Maringá.⁴⁸ Na Associação, inaugurada na cidade de Maringá em 2018, que auxilia na integração social e profissional de imigrantes que vivem na região metropolitana de Maringá, fui informado que de acordo com dados da Polícia Federal que há 5.522 estrangeiros registrados no município de Maringá, e que 68% dos imigrantes cadastrados são haitianos e a maioria trabalha na construção civil e em frigoríficos.

No contato com a Associação dos Imigrantes, tive o prazer de conhecer o secretário da Associação, Cleo, que prontamente se interessou em me ajudar. Após, algumas horas de conversas, já estava Cleo, pontualmente me dizendo. *“Você precisa falar com quantos haitianos? Homens ou mulheres, te passo o contato imediatamente”*. *“Falo com eles e na hora que aceitarão falar com você, te passo o contato”*. Pronto, agora estariam completas, minhas redes de fontes de pesquisas para o estudo. Deveria agora, me concentrar na construção das narrativas dos haitianos. Em relação às narrativas, Laville e Dionne (1999, p. 159) argumentam

⁴⁸ A associação dos Migrante da região de maringá, com abertura em 06/03/2018, auxilia, por exemplo, juridicamente os estrangeiros, encaminhando-os para a obtenção de documentos importantes e esclarecendo nossas leis vigentes. Também tem um papel social e psicológico, no enfrentamento do preconceito e ainda nas ajudas que podem receber com doação de alimentos e roupas.

que, quando devidamente anotadas, registradas e redigidas, são importantes e extremamente significativas, pois:

Nelas descobrem-se pontos de vista originais sobre experiências pessoais, até mesmo íntimas em detalhes, nas quais delineiam, de modo implícito, às vezes, acontecimentos, se não históricos, pelo menos públicos, uma organização social e cultural que vive e evolui quando não é subitamente modificada. Obtêm-se, assim, belas ocasiões de compreender como as pessoas representam esses fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, como passaram por eles, vividos na indiferença ou em uma participação mais ativa. (LAVILLE e DIONNE, 199, p, 159)

Além disso, o diário de campo, também colabora para dar sentidos as impressões e notas sobre as distinções entre falas, comportamentos e relações que podem tornar mais verdadeira a pesquisa de campo. Mais do que observar fatos, a Etnografia exige que sejamos tocados pelos fatos, de modo a emancipá-los da restrita condição de eventos, tornando-os motivações para a reflexão, de tal modo que sejam confrontados com a teoria antropológica.

3.2. Descrevendo o Caminho.

A medida que surgiam as possibilidades de comunicação com haitianos e haitianas, alguns através da associação dos imigrantes e outros, por meio da rede de contato entre amigos, as entrevistas eram agendadas. Comecei a aproximação com os haitianos que seriam entrevistados, inicialmente via WhatsApp. Após as devidas apresentações e das informações sobre a pesquisa, alguns haitianos somente visualizavam as mensagens e não respondiam. Aqueles que interagiam, esses sempre eram muito educados e ao mesmo tempo desconfiados. Percebi que antes de agendar as entrevistas presenciais com aqueles que aceitavam, era preciso criar de alguma maneira uma aproximação, mesmo que fosse remoto. Essa aproximação do pesquisador com o pesquisado é entendida por Maria Cecília Minayo (2013, p. 261) “[...] como necessária para o aprofundamento de uma relação intersubjetiva que não pode ser considerada como falha ou risco comprometedora da objetividade”. No documentário assinado por Alexandre Figueroa e por Claudio Yvana, titulado “O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho (Galáxia, 2003), é demonstrando a importância da entrevista como método de coleta de dados em um estudo científico. Coutinho usa o método de maneira crucial para seu estudo evidenciando a entrevista como, sobretudo, uma prática de “escuta do outro” capaz das mais distintas experiências humanas ser descobertas. E é dessa forma que consiste em se colocar no lugar do outro é que me condiciono nas conversas que ocorrem com cada haitiano. A prática da escuta é algo dentro da normalidade nas nossas conversas.

Então, as entrevistas foram agendadas com local brevemente identificado. Antes eram todas brevemente, instruídas via mensagens de WhatsApp. Algumas foram desmarcadas durante a semana, pela mesma justificativa. “*Amigo podemos nos falar na outra semana? Está corrido aqui*”. E eu ia remarcando, várias outras vezes com o mesmo entrevistado e dessa maneira foi se construindo a etnografia. Segundo Martins e Theóphilo (2007) para a realização da pesquisa etnográfica

[...] o pesquisador precisa saber ouvir, observar, buscar as informações no campo onde acontecerá a pesquisa, precisa saber o momento certo para interferir, ou seja, perguntar, dialogar e, ao mesmo tempo, ter uma grande responsabilidade sobre a interpretação correta dos dados sobre os grupos investigados. (MARTINS; THEÓFILO; 2007)

Na construção das fontes da presente pesquisa, também foi utilizado algumas observações individuais, de participação em reuniões, festas, visitas, organizadas pela Associação Cáritas Arquidiocesana em Maringá, desde de 2018, para debater o tema imigração, ou simplesmente para comemorar alguma data especial para os imigrantes. A observação simples desempenhou papel imprescindível no processo do estudo para obtenção de informação. Entende-se por observação simples, segundo Antonio Gil (2008, p. 101) “aquela em que o pesquisador, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem”. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator.

Essas observações, usadas como técnicas me auxiliaram até aqui na condução dessa pesquisa, seja de forma consultiva ou como ferramentas essenciais para embasar a ideia central da escrita e juntamente com a busca de artigos, entrevistas e livros, foram se materializando, até desdobrar nas entrevistas no campo.

A pesquisa, então se configurou como sendo do tipo qualitativa, em que é dado o devido valor a comunicação do pesquisador com o campo e os participantes como parte da produção de conhecimento e não como variável. Dessa forma, passaram a ser partes do processo dessa pesquisa, as subjetividades do pesquisador e daqueles que foram sendo estudados e, portanto, é de suma importância o trabalho de campo como condição imprescindível para que se pense o outro. Por isso, a opção pelo enfoque qualitativo foi necessária, pois

“A Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na idéia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais

detalhado e aprofundado de observação e empatia. No entanto, a idéia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo” (VELHO, 1987, p. 123).

A opção nesse estudo por realizar uma pesquisa de cunho plenamente qualitativo parece bastante óbvia ao se perceber a opção por pesquisar indivíduos como os imigrantes haitianos: inclusão, proteção, dignidade humana e inserção social na sociedade brasileira, percepção de discriminação racial. A abordagem quantitativa possibilita ao autor da pesquisa comparar opiniões, hábitos e ações utilizando-se de amostras estatísticas que dizem respeito ao universo pesquisado (GODOY, 2006).

A utilização da abordagem qualitativa no presente estudo, também é justificada pela preocupação de fundo dessa técnica, que é entender como regras, hábitos, padrões sociais são vivenciados cotidianamente pelos indivíduos e o uso do método de coleta de entrevista permite que sejam incorporados os conhecimentos teórico-metodológicos. A entrevista se traduz em um método de coleta de informações pertinentes a um determinado objeto de pesquisa (MINAYO, 2012), podendo ser realizada com um único entrevistado ou com um grupo de pessoas. De acordo com Godoy (2006) é de suma importância transcrever uma entrevista logo após seu término, a fim de manter a maior fidelidade possível à transcrição, pois há elementos que ocorrem durante o processo de entrevista que não são captados pelos instrumentos de registro, tais como ênfases na fala ou expressões faciais importantes.

Em uma entrevista, ocorreu um fato que reforça a compreensão de que em uma entrevista pode ser captados outros registros. Ao chegar próximo à casa no endereço passado pelo haitiano, na região sul de Maringá, cumprimentei, três senhoras, que conversavam entre si, na calçada, algo típico que me pareceu comum ao observar a mesma cena repetindo nas longas ruas e perguntei: *“são moradoras aqui no bairro? Será que o senhor Roniel (haitiano que iria entrevistar), está em casa? Pelo endereço a casa dele é nessa rua !* Uma das senhoras sorriu e disse: *somos moradoras sim, aqui tem um povo novo que mora ae(fazendo gesto indicando uma casa em frente), eles não são de amizade mas acho que o homem chama esse nome mesmo.* e continuou : *È estrangeiros mais deve estar não moço! Senão estava cheio de crianças na frente acertando bola nas nossas casas”*. Percebi que a presença da família de Roniel , naquela rua, pelo menos para aquela senhora incomodava. E disse: *“então as crianças, são arteiras? ”* E ela seguiu. *“Atentados de mais esses africanos “*. Momentos depois aviste Roniel que já tinha uma discreta impressão de sua aparência física devido ao contato via whatisap e caminhei em direção a casa dele despedindo, com a certeza de que além de ser preconceituosa, aquela

senhora, não entendia de geografia. Percebi que a origem daquela família, seus sonhos ou necessidades não importavam na percepção das senhoras e sim que eram estrangeiros, atentados, de pouca conversa e nem um pouco simpáticos e que causava certa aversão a presença deles naquela rua. Outro fato que chamou minha atenção é de ser atribuído a família a condição de serem Africanos provavelmente pelo fato da cor da pele.

Devido a esse fato, uso da imagem de um mapa, para localizar geograficamente o país Haiti, país origem da família de Roniel haitiano que iria entrevistar e dos/as depoentes dessa pesquisa, com o objetivo de ressaltar sua posição geográfica.

Figura 4 - Mapa Geográfico do Haiti



Fonte: Guiageo

Fica evidente que a discriminação é perceptível através da não aceitação das diferenças presentes na língua, nos costumes e nas tradições culturais próprias de cada país. A prática da xenofobia presente na fala da cidadã relatada antes, pode ser expressa por ataques, como agressões físicas e verbais, mas também de maneira mais silenciosa, quando o preconceito é

expresso por falas que, de alguma forma, menosprezem os estrangeiros independente de sua origem.

Enfim os relatos das trajetórias de vida de haitianos, seguiram sendo colhidos por mim com apontamentos para questões que eram realmente importantes na discussão da própria migração e que serão debatidas na sequência dessa pesquisa. Para as entrevistas, não existiam perguntas prontas esperando por uma resposta, mas sim, um espaço de diálogo sobre a relação destes com vários espaços de sociabilidade: o trabalho, a escola, a família, as relações pessoais, a cidade a acolhida.

Porém, as entrevistas com os haitianos na modalidade presencial, precisaram ser revistas para esse estudo. Em virtude da pandemia de COVID-19⁴⁹, que assolou o mundo, chegando no Brasil, em fevereiro de 2020, não foi mais possível o contato para a coleta de dados. Em 11 de março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde), declarou o surto uma pandemia e o isolamento social passou a configurar como sendo a principal forma de combate ao vírus. Na cidade de Maringá, onde ocorreu o campo da pesquisa, a partir de 19/03/2020, seguindo protocolos da OMS, e outros de gestores Estaduais, o prefeito, decretou quarentena que é reclusão de indivíduos, como método para combate ao vírus causador da pandemia e com isolamento social tornou-se necessário modificar o método para coletar os dados da atual pesquisa. Antes do início do decreto que determinou o isolamento social na cidade em Maringá, haviam sido entrevistados presencialmente três haitianos e então as entrevistas passaram, a ser via WhatsApp e Googlemeet.

Nesse momento da pesquisa, tive acesso a informação da existência de uma pastoral do imigrante ligada à igreja católica que desenvolvia projetos com haitianos. Já em contato via WhatsApp com uma das representantes da pastoral do imigrante que atua no Santuário de Santa Rita de Cassia, no bairro Itaipu, em Maringá, obtive a informação de que a pastoral, atualmente atendem com serviços sociais, cerca de 55 famílias haitianas e ali iniciou uma importante fonte que me levaria aos próximos haitianos entrevistados na pesquisa. Repassado alguns contatos pelos representantes da pastoral, iniciei as conversas via WhatsApp, com alguns haitianos.

Quando acontecia o contato todos os possíveis participantes prontificavam em ajudar e responder as perguntas, mas não visualizavam as próximas mensagens encaminhadas e entre

⁴⁹ COVID-19, é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China.

tantos contatos apenas 5 haitianos resolveram falar e participar da pesquisa. Sem poder desistir do campo, a existência passou a ser o principal foco naquele momento da pesquisa e entre tantas negações, começaram a surgir outros haitianos, chegando a ser contatados no total de 14 informantes que aceitaram participar da pesquisa e dessa forma fui construindo a coleta dos dados. Antes devido as dificuldades, apresentadas pela ausência do contato físico, achei por bem, tentar construir certa intimidade virtual com os possíveis entrevistados que iriam participar da pesquisa e somente alguns dias após estabelecido o contato, era agendado o dia e hora em que as entrevistas aconteciam via WhatsApp dos 14 haitianos dispostos a responder a entrevista virtualmente, foram concretizadas 5 entrevistas, pois os demais, nunca tinham tempo para responder e outros compromissos foram impeditivos. Com 2 entrevistas presenciais que já havia sido coletadas antes do início da pandemia do covid19, essa pesquisa contou com a participação de 7 haitianos em sua totalidade, com diversas qualificação, sendo uma enfermeira de formação (mas atuante no comércio), um cozinheiro, único entrevistado que atua em sua profissão de carreira(mesma que atuava no Haiti).Temos também professor de inglês, dois estudantes de Comércio Exterior , um garçon e um outro auxiliar de produção.

Após a coleta dos dados nas entrevistas, era hora de transcrever as falas na dissertação. Me deparei com o impasse relativo às dificuldades de trazê-las para o texto acadêmico. As narrativas construídas pelos informantes foram organizadas de acordo com os propósitos e fundamentos teóricos da pesquisa.Naquele momento já tínhamos bem claro, eu e minha orientadora, que os depoimentos dos haitianos eram o principal conteúdo da pesquisa e que deles emanavam as questões para debate. Material para pensar e discutir a migração no contexto racista e para refletir sobre a xenofóbia e a discriminação racial que esses individuos haviam sofrido na cidade, seja na acolhida, socialização, acesso ao trabalho.

Assim, a sequência deste trabalho será apresentada sob o formato de narrativas e histórias de vida desses haitianos que compõem essa pesquisa, representativos duma coletividade, pertencentes a vários espaços. Serão apresentado os relatos transcritos e no final de cada um desses relatos, havará um texto de fechamento onde será retomada as questões introdutórias dessa pesquisa, em uma tentativa de análise das mesmas à luz do material levantado com fundamentações de autores que formam o referencial teórico dessa pesquisa.

4. A IMIGRAÇÃO HAITIANA EM MARINGÁ NA PERCEPÇÃO DOS PRÓPRIOS IMIGRANTES.

4.1.A decisão de imigrar: por que o Brasil? Por que Maringá?

“Se alguém perguntar se sou vagabundo, diga no, no, no/ Se alguém perguntar se eu sou coitado, diga no, no, no/ Se alguém perguntar se sou guerreiro, diga sim, sim, sim/ Se alguém perguntar se sou vencedor, diga sim, sim, sim/” (GEORGES, 2017)⁵⁰.

É indiscutível que na formação do Brasil, existe a história de um país formado por imigrantes. Esse processo iniciou com o descobrimento, primeiramente através da chegada dos portugueses destinados à colonização do país, e, na sequência com os africanos escravizados, que foram obrigados a deixar seu continente de origem para trabalhar na nova colônia portuguesa. Estes trabalhadores e os colonizadores portugueses foram os principais imigrantes dos três primeiros séculos seguintes ao descobrimento do nosso país.

De acordo com Alencastro e Renaux (2004, p. 314), entre 1550 e 1850 cerca de quatro milhões de africanos vieram deportados ao Brasil; entre 1850 e 1950 foram mais cinco milhões de europeus, e asiáticos que entraram no território brasileiro. Embora desde o início a população tenha sido preponderantemente formada por imigrantes portugueses e africanos escravizados, a entrada maciça de imigrantes oriundos de outros países inicia-se apenas no final do século XIX, já próximo do período republicano:

Em 1887 desembarcaram 32 mil imigrantes e, em 1888, com a Abolição já concluída, a cifra salta para 92 mil. Os espanhóis chegam em maior número no período 1887-1914. Nos anos 1890, a imigração italiana – essencialmente dirigida para São Paulo e financiada por subvenções do governo provincial e depois do governo estadual – atinge seu pique histórico: 85 mil italianos entram nesse Estado em 1895.(RIZZA, 2014)

A demora para que europeus migrassem para o Brasil, se deu pelo fato de que naquele momento havia um grande número de pessoas escravizadas no país. O imigrante que buscava colocação como trabalhador remunerado preferia tentar a sorte em local onde não tivesse que concorrer com o trabalho escravo (MARAM, 1979, p. 13).

⁵⁰ Trecho da música. ” “EU GOSTO DO BRASIL, BRASIL GOSTA DE MIM”, lançada em 2017, composição e gravação de Alix George, haitiano que mora no Brasil desde 2006. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nvK6NpXfEA>.

No que diz respeito à imigração haitiana para o Brasil, não classifica sendo um fato antigo, visto que o aumento de imigrantes haitianos em solo brasileiro, cresceu após o ano de 2010. Entretanto a história haitiana, deixa escritos e investigações suficientes que nos é permitido afirmar, essa é uma nação de emigrantes e que foram diversos os fatores históricos que determinaram essa tendência do povo haitiano. Desde a segunda metade do século XIX, o Haiti enfrentou grandes problemas que geraram crises políticas culminando em uma ocupação por tropas norte-americanas que durou quase duas décadas.

Um país que sofreu com ditaduras e sucessivos golpes em suas tentativas iniciais na democracia, o Haiti caribenho enfrentou grandes dificuldades para estabelecer um governo escolhido de fato pela população. Instabilidade política provocada por sucessivos golpes de Estado, aumentando mais a condição desfavorável de seu povo, fazendo a situação da nação que já era considerada a mais pobre do ocidente entrar em circunstância emergencial. Essa conjuntura chamou atenção da comunidade internacional, o que culminou com a intervenção da Organização das Nações Unidas a contar 2004⁵¹. A partir do primeiro dia do mês de junho de 2004 entrou em efeito a autoridade colocada pelas forças de paz organizadas pela ONU denominada MINUSTAH em uma tentativa de trazer estabilidade à região. As forças de segurança atuaram sob a liderança de militares brasileiros e chilenos em sucessão.

Em 12 de janeiro de 2010, no entanto, que ocorreu o mais significativo evento na história que envolve a imigração haitiana e, em especial, daqueles que escolheram o Brasil como destino. Poucos minutos antes das 17h do dia que marcaria para sempre a história haitiana, tremores abalaram a capital Porto Príncipe e boa parte da zona mais populosa do país. Tido como o grande precursor da imigração haitiana rumo ao Brasil, o terremoto de 2010 o fortaleceu um fenômeno que já ocorria há mais de um século, ainda que de maneira menos expressiva.

Segundo Farias,

“Embora a diáspora haitiana seja secular, seu direcionamento ao Brasil é recente. A princípio, chegaram ao país apenas algumas dezenas. No início de 2011, esse contingente superou a casa do milhar e em meados de 2012, o total de haitianos em território brasileiro superou 6.000 imigrantes. Essas pessoas, de forma geral, buscam melhores condições de vida longe de seu país de origem, que é o mais pobre do continente americano e cuja situação social e econômica foi intensamente agravada pelo terremoto que criou um grande número de desabrigados e reduziu a escombros parcela importante da infraestrutura habitacional e governamental, agravando profundamente a situação humanitária desta nação.” (FARIAS, 2010, p.16).

⁵¹ Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. Resolution 1542. 2004. Disponível em:<[http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1542\(2004\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1542(2004))>. Acesso em: 1 jun. 2020.

A partir disso, onde entra o Brasil? Por que um fluxo tão significativo de caribenhos se consolidou em um país sul-americano? Não se trata, certamente, de uma condição comum. Contudo, o trabalho apresenta justificativas plausíveis que serão aprofundadas a seguir.

A questão da decisão pela escolha nos últimos anos do Brasil como destino das rotas migratórias dos haitianos, cabe reflexão e investigação considerando que anteriormente ao ano de 2010 a imigração haitiana no país era pequena e para esse crescimento entre outros fatores está a confrontação da facilidade de entrada no Brasil, comparado a outros países, se mostra acessível.

Mas ir para onde? O sonho era a América do Norte e a Europa, mas as portas estavam fechadas. Os vistos não eram liberados. Teriam, então, procurar países que não exigissem o visto e, ao invés de olhar para o norte, olhar para o sul. Os primeiros buscaram o equador, sem, porém, definir o seu destino. Alguns que haviam deixado o Haiti antes do terremoto chegaram a ficar diversos meses no Equador, mas as condições de trabalho e os salários não encorajavam a permanência. O Brasil foi visto como uma alternativa, primeiro, por ser o país com a economia mais dinâmica da América do Sul e, em segundo lugar, pela existência, entre os haitianos, de uma simpatia em relação ao Brasil, fomentada pelas declarações do governo brasileiro que prometera acolher bem os que aqui chegassem. (COSTA, 2011, p.84).

Rodrigues e Marchese (2016) destacam a crise interna do país que crescia desde os levantes militares de 2004 – uma reação popular contra a eleição de Jean Bertrand Aristide⁵², como um fator de emigração juntamente ao forte terremoto e apresenta, com base em tais condições, alguns pontos que fortaleceram a migração haitiana para o Brasil.

Em que se pesem os fatores de atração haitiana, podem-se elencar o protagonismo político brasileiro adquirido nos últimos anos junto à América Latina, assim como o contato pré-existente com os nacionais que integram e integravam a MINUSTAH, além do crescimento econômico do país associado à necessidade e abertura de novos postos de trabalho, sejam eles qualificados ou não, como algumas das inúmeras e possíveis razões que levaram os imigrantes, muitas vezes conduzidos por coiotes, a ingressarem no país via fronteiras da Região Norte. (RODRIGUES; MARCHESE, 2016, p. 108).

Entretanto o terremoto que abalou o Haiti, em 2010, que deixou mais de 300 mil pessoas desabrigadas, originou um fenômeno de imigração em massa ao Brasil que pode ser comparado como sendo a maior onda imigratória ao país em cem anos⁵³, correspondendo a grande parte

⁵² Houve uma forte suspeita de que a eleição tivesse sido fraudada. Somou-se a insatisfação popular com a necessidade de reformas políticas profundas, no início de 2004, um levante militar que logo se espalhou por diversas cidades (RODRIGUES; MARCHESE, 2016)

⁵³ Para conhecimento Ver: Vinda de haitianos é maior onda imigratória ao país em cem anos, publicado em Folha de S. Paulo, <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/1033447-vinda-de-haitianos-e-maior-onda-imigratoria-ao-pais-em-cem-anos.shtml> Disponibilidade: 12/01/2012.

pela necessidade de muitos haitianos de imigrar de seu país para procurar uma vida melhor, de fato não configurou como sendo único processo que impulsionaria a imigração é , o que veremos nesse estudo, que nem todos os haitianos que, migraram para o Brasil, teve o desastre do terremoto de 2010 como sendo o principal motivo de sua migração . Essa posição teórica é reforçada por Baptiste e Vieira (2016), cuja pesquisa, que envolveu trabalho de campo com um grupo de imigrantes haitianos em espaços sociais da comunidade haitiana na cidade de São Paulo, conclui que

A maioria dos entrevistados já vislumbrava recorrer à migração internacional em seu projeto de vida, o que descarta a hipótese de que o terremoto de 2010 seja a principal razão deste deslocamento populacional. Os entrevistados relatam que já acalentavam o desejo de deixar o país de origem, sendo que a catástrofe ambiental apenas acelerou este processo, devido à intensificação da degradação das condições de vida pós-terremoto. De acordo com os jovens, o projeto migratório foi delineado muito mais em função de motivações econômicas do que ambientais. As principais motivações mencionadas para deixar o Haiti são: necessidade de obter emprego e renda, a busca por uma vida melhor e por oportunidades educacionais e laborais, a reprovação no exame de ‘Baccalauréat’ que inviabiliza a realização de estudos universitários no país de origem e o conselho de algum membro da família (BAPTISTE e VIEIRA, 2016, p. 605).

Sobre a escolha pelo Brasil, alguns fatores explicam essa escolha do haitiano. A consolidação do Brasil no mercado internacional; a estabilidade econômica no Governo Luiz Inácio Lula da Silva; maior visibilidade global; a Copa do Mundo de futebol de 2014 além das Olimpíadas de 2016; a crise econômica em países da América do Sul, nos Estados Unidos na Europa e o endurecimento das políticas migratórias figuram no conjunto das explicações. Conforme relata a haitiana Mequelita na cidade de Maringá.

Conhecia o Brasil por nome. Muitos haitianos falavam bem do Brasil dos empregos que tinham aqui e das chances de ajudar nossas famílias. Que era um país muito lindo e gostoso de viver e que assim poderíamos vencer aqui com nossas próprias vontandes. (Miquelita, 45 anos, separada, enfermeira de formação, residente 6 anos em Maringá).

O Brasil demonstrava nesse período além de uma visibilidade respeitosa nas políticas internacionais, havia uma segurança econômica razoável e a oferta de empregos em vários seguimentos, acabaram por deslumbrar aqueles que sonhavam em ter uma vida se sucesso fora de seu país e isso também colaborou para o fenômeno da migração haitiana no Brasil. Essa constatação está na fala do coordenador geral e Migração do Ministério do Trabalho no país, senhor Paulo Sérgio Almeida, em entrevista concedida para BBC.

É notório que o Brasil, passe a ser a opção dos migrantes. a nova fase de estabilidade e de crescimento da economia brasileira explica, em parte, o fenômeno. Outros [...] são a desvalorização do peso argentino (destino importante de imigrantes regionais) e

a decisão da Espanha de endurecer o controle de suas fronteiras, o que deslocou a rota de muitos latino-americanos para o Brasil. (BBC Brasil.com 27 março 2008).

O governo Dilma Vana Rousseff da época (2011—2014) demonstrou ser solidário com a imigração haitiana. E foram implantados alguns projetos que beneficiassem os povos haitianos no país, dentre muitos se destaca o visto humanitário que lhes garantiu a permanência no país como Renata Ferreira Camargo. (2013, p. 19) nos traz:

Em resposta aos recentes fluxos migratórios de haitianos dentro do território brasileiro, o governo passou a adotar, para fins de regularização, um conjunto de medidas de promoção e prevenção, como o visto humanitário que lhes garantiu a permanência no Brasil por cinco anos, assim como poderá ser renovado por semelhante período e, dependendo da situação, trocado pelo visto permanente, em decorrência “das responsabilidades diplomáticas e históricas que o Brasil tem com o povo do Haiti”, conforme a fala do Secretário Nacional de Justiça, Paulo Abrão, em Rede Nacional de Televisão de 10 de abril de 2013. (CAMARGO, 2013)

Nesse sentido, observa que o processo migratório haitiano para o Brasil, não se pode considerar um motivo único. Segundo Gino Germani (1974), para um estudo eficiente do processo migratório, é preciso levar em conta não somente os fatores repulsivos e atrativos que motivaram o deslocamento de pessoas de sua terra mãe. A pesquisa precisa avaliar, também, as demais condições sociais, culturais e subjetivas presentes tanto no país de origem quanto no de destino, ou seja, em todo o sistema. Assim a migração Haitiana, não se deve somente ao terremoto ocorrido. Também fica claro que a crise generalizada que se instalou na primeira república negra do mundo não pode ser entendida de forma pontual e simplória. É necessário compreender sua história, marcada por intervenções, regimes ditatoriais, corrupção e desastres ambientais, originando a atual realidade socioeconômica e política desse país marcado pela violência, desigualdade social e instabilidade política desde o início de sua formação. Todo esse contexto vivido no Haiti, que é ex-colônia francesa cuja independência ocorreu em 1804, tornando-se a primeira república negra do mundo, foi se tornando fatores para a migração desse seu povo.

A escolha do Brasil para ser um dos principais destinos dos haitianos ao longo dos últimos anos não pode ser atribuída ao acaso, principalmente, levando em consideração que desde 2004 a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH – foi liderada pelo Brasil⁵⁴. Além disso, o motivo pelo qual os haitianos escolheram e vieram para o Brasil não pode ser creditado apenas ao do terremoto. Trata-se de uma aproximação, nesse sentido, pois, como mostram Fernandes, Milesi e Farias (2012), o que explica a emigração de

⁵⁴ Em 2017 o Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu encerrar as atividades da missão e foi instaurada uma missão menor, a MINUJUSTH – Missão das Nações Unidas para Apoio da Justiça no Haiti até 2019, e atualmente conta com uma missão com atribuições políticas, o Escritório Integrado das Nações Unidas no Haiti (Binuh).

haitianos é um conjunto de vulnerabilidades: instabilidade política, mazelas sociais e econômicas e catástrofes ambientais frequentes. O historiador Miguel Borba de Sá (2015) evidencia o fato de que o Brasil levou esperança ao Haiti e esse sentimento foi um dos responsáveis por trazer haitianos para o solo brasileiro,

O Brasil vai ao Haiti, dá demonstrações de riqueza e poder, com armas e com sua seleção brasileira, e depois não espera isso de volta. Não espera que quem está lá com uma vida totalmente impossibilitada de ter uma vida digna, olhe para o Brasil como um espaço de esperança? (SÁ, citado por BOEHM, EBC, 22 maio 2015).

Apesar dos haitianos utilizar a fronteira terrestre nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, para entrar no país, esses imigrantes não se distribuíram uniformemente pelo território brasileiro, e nem se direcionaram apenas para os grandes centros econômicos no País. A maioria dos haitianos no Brasil se encontra na região Sul, que é, curiosamente, a região brasileira mais distante do Haiti. Observando os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) no ano 2014, percebe-se que 59,2% dos haitianos no mercado formal de trabalho encontravam-se na região Sul. Outro dado importante que qualifica um pouco o perfil desses migrantes haitianos que chegaram no Brasil é disponibilizado na dissertação “Do Ayiti pérola das antilhas ao Haiti laboratório para o mundo: um estudo do país na divisão internacional do trabalho” (2020) na fala da secretária da Cáritas de Maringá a seguinte realidade para os imigrantes haitianos:

Até o fim de 2018 o perfil dos imigrantes haitianos que chegavam no Brasil era em sua ampla maioria homens e em menor medida mulheres, que vinham primeiro para se estabilizar para depois trazer o restante da família. Após esse período teve uma pequena mudança no perfil dessa migração, agora vem a família toda junta e não mais apenas um integrante da família, aumentando o número de crianças. Essa foi consequência da conjuntura política no Haiti, que após o fim das missões da ONU, e ao contrário do que foi prometido, não teve melhoras na condição de vida do povo haitiano, causando revolta e manifestações com forte repressão, que já duram dois anos, criando uma situação pouco estável, com pouca perspectiva de melhoras e deixando muitos haitianos com medo de continuar vivendo no país (TATIANE, 2020)⁵⁵

Essa afirmativa também colabora com a hipótese de que a imigração haitiana, não ocorreu somente pelo fato do terremoto ocorrido no país, comprovada na fala de ⁵⁶JAMES, haitiano de 25 anos, que migrou para o Brasil, para Brasileia, no Acre e em seguida para a cidade de Maringá, em busca de uma vida melhor com muitos sonhos, e não somente por causa

⁵⁵ Conforme afirmado na pesquisa essas mudanças ainda não são percebidas nos dados oficiais do governo, porque a última publicação foi em 2019 e é referente ao ano de 2018. Elas são sentidas pelo aumento no fluxo de atendimento pela Cáritas que é a entidade responsável pelo processo regulatório no Paraná.

⁵⁶ Fica aqui registrado, que James, e como todos os demais nomes, não são os verdadeiros nomes dos entrevistados, garantindo assim o anonimato dos entrevistados.

do terremoto ocorrido. James chegou no Brasil em dezembro de 2014, deixando no Haiti, além de pai, mãe e irmãos, uma filha recém-nascida e sua esposa. Um mês depois em janeiro de 2015, já estava em Maringá,

Eu vim para o Brasil, porque não tem emprego lá no Haiti e essa é uma situação que sempre teve no nosso país e sabia que no Brasil tinha muitas oportunidades de ganhar nosso dinheiro meu cunhado já estava aqui sabe e essas informações de emprego que aqui tinha também já sabia .(James,25 anos,casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

Além disso, sua imigração para Maringá, foi facilitada, pelo fato de que já havia morando na cidade seu cunhado. Entretanto mesmo com muita resiliência e superação a conta para os haitianos, não é muito fácil e pode ser mais complicada do que parece na cidade de Maringá. Eles vivem em repúblicas espalhadas por bairros localizados longe da área central da cidade e como a maioria desses migrantes tem dificuldades na parte burocrática para conseguir uma locação de imóvel por exemplo encontrar alguém que poderia ser seus fiadores, acabam alugando casebres que não exigem tanta burocracias pelos seus proprietários e ainda não lhes sai barato. Dividem todas as despesas da casa. Solidários, e acostumados a superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas acolhem os colegas sem-teto, o que faz com que numa casa haja sempre uma parcela desempregada. E aqueles que conseguem um trabalho, é necessário trabalhar muitas vezes nos três turnos, ou trocar suas folgas por horas extras, caso contrario não conseguem manter financeiramente o custo de moradia e alimentação na cidade e por isso a ajuda da sociedade civil e colegas imigrantes que já estão com mais estabilidade na cidade são essenciais.

Meu Cunhado que já morava por aqui, me ajudou quando cheguei em Maringá. Ele me falava que Maringá, era muito boa para emprego, e de fato consegui rápido mesmo, mas o difícil era lugar para morar e então morávamos em um quarto apenas, no bairro Itaipu. No quarto, quando aqui cheguei, ficava, eu, meu cunhado e mais três haitianos. Imagina isso? Cinco pessoas para dormir no mesmo quarto. Tinha que ser assim, pois nem todos trabalhavam ainda e não conseguíamos alugar por causa do fiador e nem se não precisava de fiador, não iam conseguir alugar uma casa maior porque nem todos estavam trabalhando ainda na cidade né. (James,25 anos,casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

Para uma qualidade de vida de uma população, a moradia é condição determinante e existem indicadores que orienta um padrão mínimo e qualidade nos serviços de

infraestrutura . Para serem considerados adequados, os domicílios devem atender os seguintes critérios: Densidade de até dois moradores por dormitório; Coleta de lixo direta ou indireta por serviço de limpeza; Abastecimento de água por rede geral; Esgotamento sanitário por rede coletora ou fossa séptica (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018). É notório no estudo que esses imigrantes optam por se instalarem em territórios onde já estejam morando outros haitianos na cidade.

Seguindo a discussão sobre o processo migratório de haitianos para o Brasil, James, haitiano que está no País tem cinco anos e que migrou para o Brasil, dois anos após a vinda do seu cunhado, vislumbrando o Brasil como oportunidade para ajudar financeiramente sua família no Haiti também destacou que o desejo de conhecer mais do Brasil, foi despertado durante o período dos jogos da copa do mundo que em 2014 ocorreria no Brasil.

Em 2014, ano que vim para o Brasil, falavam muito lá da Copa do mundo aqui e eu queria muito chegar logo aqui e conhecer todo aquele povo alegre. O futebol brasileiro é muito querido em meu Haiti. Maioria gosta de jogar sua bola e tem a inspiração nos jogadores daqui e imagina eu morando aqui perto de todos eles. Realizei muitos sonhos aqui. (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

Também comentou todo empolgado que no ano de 2004, a seleção brasileira de futebol, participou em Porto Príncipe capital do Haiti de um jogo amistoso, contra a seleção do Haiti e assim a sedução cultural e esportiva despertou ainda mais o seu interesse e de muitos outros haitianos de conhecer e morar no Brasil.

Outro fator que colabora para o fluxo migratório de haitianos para o Brasil, é a facilidade para muitos sobre o visto humanitário além de vantagens que são observadas nas rotas de imigração para o Brasil. Essa condição é um dos fatores que prevalecem na escolha de migrar para o Brasil. Wilkinson, jovem haitiano com 29 anos de idade e professor de Inglês que já vive em Maringá desde de maio do ano de 2016, afirmou que sua escolha pelo Brasil, foi a facilidade do visto.

Não saí do meu país, para o Brasil, porque queria, lá é muito difícil as coisas, saí para procurar condições melhores e por que é mais fácil no Brasil de conseguir documentos legais que nos Estados Unidos, e para chegar até o Brasil é mais fácil entende? Os caminhos, tem gente para fazer isso com a gente, mas eu queria na verdade era os Estados Unidos, lá o emprego é melhor para pagar os imigrantes. Eu pesquisei, sabia que Brasil era mais fácil para fixar aqui, entende? Os documentos

eram fáceis, tinha pessoas para fazer isso quando chega aqui, por isso minha opção acabou sendo para o Brasil e depois cidade de Maringá. (Wilkinson, Solteiro, 29 anos, professor de Inglês residente em Maringá 5 anos).

Dentre as consideradas vantagens na parte documental, está a condição de entrar no Brasil com o visto temporário, e após o imigrante haitiano formalizar um registro nas unidades da Polícia Federal em até 90 dias.⁵⁷ Poderá receber uma permissão de residência válida por dois anos no país. O principal ponto de entrada, para o território brasileiro, dos imigrantes haitianos são os estados do Acre e Amazonas. Concluindo a lógica das rotas dadas pelas fronteiras brasileiras, é possível destacar que

As escolhas das rotas de chegada de haitianos estão condicionadas, dentre outras, às facilidades de transporte, às possibilidades efetivas de entrar no Brasil, pesando, também, em muitos casos, os interesses e estratégias traçadas pelos chamados “coiotes” que impõem a exigência de pagamento para o ingresso no Brasil e se interpõem ao controle e às políticas migratórias brasileiras. (COGO, 2014, p. 25).

Já Miguelita, haitiana que chegou no Brasil em janeiro de 2014 e em Maringá em fevereiro do mesmo ano, com seus três filhos menores, afirmou que o terremoto de 2010, foi o principal acontecimento que a impulsionou a sair do Haiti.

Lá já era um País pobre, e sempre teve muita violência e muito difícil o emprego e a vida lá, mas piorou após o terremoto de 2010. Eu entendi que se ficasse lá, meus filhos iriam passar mais necessidades, e não foi só eu que teve que sair de lá. Aquele terremoto trouxe mais fome para nosso povo e muitos tiveram que sair para trabalho e sustentar suas famílias mais eu sou como meu povo e estou vencendo aqui. Sempre fomos assim. (Miquelita, 45 anos, separada, enfermeira de formação, residente 6 anos em Maringá).

Fica claro que o povo haitiano tem em sua história que é cheia de vida e espírito de superação em tempos de crise, um modelo para sempre superar todos os obstáculos que vivenciam. Os haitianos encontram na cultura e no legado da revolução haitiana instrumentos para enfrentar a dureza de catástrofes naturais e humanas, como colonialismo, ditaduras, múltiplas crises políticas e econômicas ou terremotos que o Haiti sofreu ao longo de sua história. Outra situação levantada que contribuiu para a imigração, haitiana para o Brasil foi a parte educacional. A possibilidade de ter acesso a um curso superior, motivou o jovem haitiano Pierre a imigrar para

⁵⁷ Ver: Portaria do governo facilita imigração e residência de haitianos no Brasil. Publicado pela Uol Notícias,

o Brasil e para a cidade de Maringá onde afirmou estar em um programa do FIES, o que permitiu que a faculdade se tornasse acessível.

O meu motivo era um amigo meu que vir para o Brasil antes que me aconselhou dizendo aqui vou conseguir estudar. Como sempre tive esse sonho de estudar vim para Brasil e aqui em Maringá onde já estava meu amigo, consegui, hoje estudo o curso de Direito, estou muito feliz e realizando meu sonho. A língua ainda é uma barreira, mas estou indo bem nos estudos. (Pierre, estudante de Comércio Exterior, 27 anos, residente 5 anos em Maringá).

Pierre relata que conseguiu realizar seu sonho de entrar em uma instituição de ensino na cidade de Maringá e esse orgulho ficou evidenciado em suas falas como sendo uma forma de superação. A única frustração relatada por Pierre é quanto a integração após a entrada no ensino superior, e sinalizou

Não pensei que fosse ser assim aqui. Meu amigo falava que Maringá tem muitos cursos, mas não tem apoio aos imigrantes quando entram no curso e as aulas não são para nós imigrantes. Consegui entrar na faculdade, mas não tenho suporte nenhum, estou fazendo cursos da internet para ver se aprendo melhor a língua (Pierre, estudante de Comércio Exterior, 27 anos, residente 5 anos em Maringá).

Constata-se pela fala de Pierre, que aconteceu a acolhida, mas não uma integração na instituição que ele se qualifica e que as aulas não ocorrem de forma que possam trabalhar a inserção social, entretanto os relatos do haitiano é de que essas dificuldades não fizeram dele um desistente. Pierre faz questão de deixar claro que supera todos os dias um pouco dessas dificuldades e segue estudando e convivendo demonstrando assim o poder de superação.

4.2. As Redes de Acolhidas na Cidade de Maringá.

Muitos dos migrantes chegam ao país em situação de vulnerabilidade e os operadores do Sistema de redes de acolhidas vem ocupando os mais diversos campos de sua atuação para garantir os direitos dos migrantes. O primeiro passo para se definir e praticar o acolhimento é reconhecer que migrantes são sujeitos de direitos, com direitos e proteções asseguradas tanto no ordenamento jurídico brasileiro quanto no plano internacional. Vale constar que as responsabilidades de um acolhimento que gere resultado não é função somente da Rede de Assistência Social do Brasil, uma vez que envolvem questões de direitos humanos, jurídicas,

trabalhistas, de segurança pública, educação, saúde e seguridade social, entre outras e o esforço coletivo também da sociedade tem que ser posto em prática. Mas afinal a nação brasileira é formadora de espaços individuais que destoam do esforço coletivo ou do fato que é hospitaleira e acolhedora? Esforço coletivo na construção de uma imagem cristalizada no pensamento de como um povo "hospitaleiro como um traço definido do caráter brasileiro", mencionada em 1936, pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, em "Raízes do Brasil. O certo é que há fatos que indicam que o Brasil, não é essa nação coletiva regrada pela cortesia e acolhida. Uma pesquisa, divulgada em 2016 pela Universidade Estadual de Michigan (EUA), prova algo de que já se era muito discutido sobre a cordialidade brasileira. Num comparativo entre países, o Brasil está em 51º lugar, em um ranking de empatia. Foram avaliadas 63 nações⁵⁸, demonstrando assim que a sociedade brasileira está longe de ser hospitaleira com seus povos migrantes. Vale constatar que a empatia é uma habilidade social que representa a capacidade de entender e expressar apoio ao outro, indicando atitudes que mostram compreensão e sentimentos. Eliane Mary de Oliveira Falcone (1999, p. 24) afirma que a empatia “caracteriza-se pela habilidade em compreender, de forma acurada, os sentimentos e a perspectiva da outra pessoa, bem como de transmitir entendimento de tal maneira que esta se sinta verdadeiramente compreendida e acolhida”. Tal definição mostra que a empatia não quer dizer sentir “pelo” outro, e sim sentir “com” o outro acolhimento com hospitalidade.

Dessa forma é impensável não considerar que esses migrantes acabam por construir muitas vezes suas próprias redes de acolhimento e integração por meio de lugares, de espaços de vivência, muitas vezes construídos por familiares ou amigos que realizam o fluxo primeiramente. No aspecto prático, as redes familiares se mostraram presentes em praticamente todos os entrevistados desse estudo e esse contato possibilita parte da integração na cidade.

Eu tenho o meu cunhado aqui, na hora de falar com ele, ele falou comigo de uma possibilidade para que eu possa estudar. Toda as novidades da cidade que pode me ajudar no começo era ele meu cunhado que me informava. Até hoje ele nos ajuda nisso. (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

Um outro fator de grande importância dentro das redes de acolhida é o papel das instituições religiosas. Vale notar que, nesse sentido, destaca a atuação da rede de acolhida

⁵⁸ Ver mais em “Você se coloca no lugar do outro? Brasil é 51º em ranking de empatia”... - Veja mais em <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2016/10/31/ja-se-colocou-no-lugar-do-outro-ranking-diz-que-brasileiro-nao-tem-empatia.htm?cmpid=copiaecola>.

da Igreja Católica, denominada Caritas Arquidiocesana de Maringá, já que essa organização está presente em vários momentos nas trajetórias de haitianos que chegaram e vivem na cidade, com projetos de acolhidas e que leva a reflexão ampliada da discussão sobre a posição do Estado brasileiro no campo migratório atual. Entretanto nem todos os haitianos que em Maringá chegavam, conseguiam ter tempo hábil para participarem de projetos voltados ao acolhimento ofertado pelas Organizações sem fins lucrativo na cidade. Toda a acolhida é fundamental na vida e em cada situação do imigrante, pois tais indivíduos não estão familiarizados com os mecanismos sociais do país ao qual está inserido, não o integrando totalmente nos modos de trabalho, organização e remuneração, excluindo-o da organização daquele espaço e sem a participação dessas redes de acolhimentos é reduzido as possibilidades de integração e controle de sua experiência. O Estado receptor nega o direito a uma presença com acolhimento e integração oferecendo, apenas política que estão mais ao encontro de tolerância mas não o aceita como sujeito de direito (REDIN, 2016). Situações essas que na maioria das vezes, acabam forçando esses indivíduos que estão em situações de vulnerabilidade a aceitarem trabalhos precários e marginalizados ou não inserir na sociedade pela falta de uma acolhida suficiente.

Essas redes de acolhida formada pelas Organizações sem fins lucrativo em Maringá não foram usadas pelo haitiano James, devido à falta de tempo por trabalhar em dois empregos e atribuí como sorte ter conseguido organizar toda a parte burocrática e documental de sua entrada e estadia no Brasil, no Amazonas na cidade de Tabatinga através do acolhimento da igreja católica. ⁵⁹Muitos dos migrantes ao chegarem nas fronteiras brasileiras já estão debilitados e doentes, além da longa espera para serem atendidos em postos policiais, aqueles que ainda tinham algum recurso alugaram casas e quartos, que foram compartilhados entre familiares e amigos; quem não tinha teve que contar com o apoio humanitário da Igreja Católica, que arcou com o ônus da acolhida naquela cidade (SILVA, 2012, p. 305). Esse haitiano comentou que a não participação nos cursos de língua portuguesa ofertado pela Associação Arquidiocesana Caritas Maringá, causou muitos problemas relacionado ao idioma e isso aumentou na sua concepção uma inserção e integração mas tranquila na cidade, sendo

⁵⁹ Em 2012 em Brasília (AC), o atendimento destes imigrantes ficou por conta do governo estadual em parceria com o governo federal, que os alojou num galpão sem infraestrutura adequada para atender cerca de 1.000 pessoas, quando sua capacidade seria de no máximo 300. Depois de várias denúncias de entidades religiosas sobre a situação precária do alojamento e de matérias veiculadas em jornais de grande circulação nacional sobre a forma como esses imigrantes eram acolhidos naquela fronteira, o alojamento foi fechado e transferido para uma chácara na periferia de Rio Branco. (MAMED; LIMA, 2016, p. 143)

atribuído por ele a dificuldade com o idioma como sendo a principal para conseguir estabelecer em Maringá.

O português também foi difícil no começo aprender a falar, e como não tinha tempo para participar de cursos que tinham na cidade, para aprender, eu fui aprendendo sozinho. Eu como eu não podia ir às aulas, mas meus amigos haitianos todos iam nas aulas que as igrejas católica e evangélica davam para aprender o idioma. Eu como não podia participar, ouvia os outros falar o português e ia memorizando, chega em casa e corria no youtube e treinava e treinava, queria sempre melhorar”. (James, 25 anos, casado, cozinheiro e residente em Maringá 5 anos).

Os cursos de Língua Portuguesa que James se referia, são desenvolvidos por associações, inclusive a Associação dos Imigrantes da região de Maringá, e igrejas locais, com apoio da Universidade Estadual de Maringá- UEM, contando com professores voluntariados. O projeto é muito importante para o processo de acolhimento que envolve os imigrantes na cidade de Maringá e também foi citados por outros entrevistados como no caso do haitiano Pierre:

Ainda bem que existe esses cursos on-line e gratuita ensina português para nos os estrangeiros, também tem nas igrejas e associações que nos ensinam o idioma, pois eu preciso dominar para seguir na minha vida acadêmica aqui em Maringá e é a parte mais difícil. Mas estou fazendo aulas na Caritas e mesmo agora na pandemia do covid19, está acontecendo . Eles tem umas apostilas que mandam para a gente estudar em casa .(Pierre, estudante de Comércio Exterior, 27 anos, residente 5 anos em Maringá).

Um exemplo de cursos online que Pierre comentou que fez aconteceu dentro do projeto chamado Raízes e Asas, uma plataforma virtual, que ajuda a adaptação de imigrantes haitianos por meio de aprendizado da língua portuguesa. Totalmente gratuita, também é aberta para pessoas de qualquer nacionalidade que queiram ter aulas de português, do básico ao avançado. O Raízes e Asas integra a Enactus da Universidade Estadual de Maringá (UEM)⁶⁰. e nas aulas há vídeos e questões disponíveis. Se aprovado, o estudante a distância recebe um certificado de conclusão. O projeto já conta com várias inscrições e em 2019 foi vencedor do Prêmio Ozires Silva de Empreendedorismo Sustentável⁶¹. Sobre as aulas com cursos de língua portuguesa

⁶⁰ O projeto Raízes e Asas tem como foco auxiliar imigrantes haitianos na adaptação à sociedade brasileira através da língua portuguesa. Uma iniciativa de jovens estudantes dos cursos de graduação da UEM (Universidade Estadual de Maringá)- Disponível em: www.raizeseasas.org .

⁶¹ Ver mais em : **Projeto que ensina português para haitianos em Maringá, Raízes e Asas é ganhador do Prêmio Ozires Silva**. Disponível em: <https://maringapost.com.br/cidade/2019/02/15/projeto-que-ensina-portugues-para-haitianos-em-maringa-raizes-e-asas-e-ganhador-do-premio-ozires-silva/>

ofertada pela Cáritas Arquidiocesana de Maringá, como comentado por Pierre, estão acontecendo devido a pandemia Covid19, de forma remoto, com aulas gravadas e disponibilizadas no canal da Cáritas no Youtube e no Instagram pelo IGTV que é um aplicativo para compartilhar vídeos verticais de alta qualidade e com até uma hora de duração.

A importância das redes de acolhimento aos imigrantes é demonstrada na narração do haitiano Pierre que atribui a essas espécies de acolhimento como sendo a única forma de integração responsável em todo o processo de comunicação para permanência no país. Quando o imigrante não consegue se comunicar, sua adaptação é dificultada em larga escala, pois esta torna-se um obstáculo a mais para conseguir emprego, atrapalha no processo da regulamentação do visto e complexifica diversas as atividades do cotidiano, tais como fazer compras no mercado e ser atendido em um serviço de saúde.

Silva (2017) define que, além das forças econômicas, o papel que desempenham as redes de acolhimento no processo migratório é fundamental para que sigam no país os haitianos, principalmente pelo fato de que o Estado brasileiro se mostrou incapaz na formulação e aplicação de políticas públicas que atendam adequadamente os imigrantes. Entretanto muitas vezes quando essas redes de acolhimentos, são oriundas de setores privados, acabam sendo confundidas pelos próprios haitianos que as transformam em um processo regrado por uma obrigatoriedade de retornos em forma de agradecimentos.

Olha que bonito, quando comecei a trabalhar aqui em Maringá, meu primeiro patrão me acolheu tão bem ele meu patrão me deu um monte de roupas, usadas, estavam muito boas e claro que eu tinha que ser daí um bom funcionário e tinha que ser assim, eu era o único haitiano que trabalhava lá na empresa, tinha que mostrar gratidão por isso senão o que iria pensar de nos povos haitianos né. E hoje graças ao meu bom relacionamento com os donos, tem mais seis haitianos lá na empresa, se eu tivesse reclamado, ou não agradecido pelas roupas trabalhando certinho pode ter certeza isso não seria possível. (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente 5 anos em Maringá)

James, reforça a ideia de que sempre superou todas as dificuldades que aconteceram e ainda ocorrem em seu cotidiano na cidade de Maringá e que sente ser bem acolhido. Sempre demonstrou muita força de vontade de vencer todos os obstáculos na sua vida de imigrante. Já Miguelita, a acolhida por parte das organizações e igrejas, foi fundamental para que ela sentir inserida na sociedade Maringaense e ao conseguir compreender a língua portuguesa, a mesma se diz mas integrada.

Tive sorte, tinha cursos lá na associação que cuidava dos imigrantes em Maringá, e na Cáritas daí tive que fazer curso para falar português, senão não tinha emprego porque não sabia falar, hoje ainda não falo tão bem, mas consigo entender melhor e posso fazer mnhas coisas sozinha. (Miquelita, 45 anos, separada, enfermeira de formação, residente 6 anos em Maringá).

Relatou ela, e seguiu contanto, que caso não existissem as pessoas que acolheram, ela não tinha conseguido emprego, pois não sabia nada da língua portuguesa e não conseguia comunicar –se.

Se não fosse eles, nem sei, aprendi um pouco da língua e porque não falava bem português, tive que aceitar o emprego que apareceu na época, pois precisava muito, mas o salário era muito baixo e trabalhava de segunda a segunda e todas as noites, eu ia no curso, e assim foi indo até aprender um pouco. Eles foram nossa ajuda aqui. chego a ficar emocionada, eles são povos bons. (Miquelita, 45 anos, separada, enfermeira de formação, residente 6 anos em Maringá).

O “eles”, aqui mencionado por Mequelita, são os voluntários de projetos voltados a imigrantes da cidade de Maringá que formam varias redes de acolhidas e inteiração. Cito aqui o projeto Escola de Português para Migrantes, de responsabilidade da Caritas Diocesana ligada à Igreja católica de Maringá. A Caritas que tem a missão de acolher, proteger, promover e integrar os migrantes que chegam à Arquidiocese de Maringá. Entre tantas atividades realizada para cumprir essa missão, uma delas é a Escola de Português para Migrantes. Atualmente a Escola de Português para Migrantes acontece todos os domingos das 13 às 17h. Em 2020⁶² iniciou a Escola com 226 alunos matriculados e 31 voluntários que ministram as aulas em sala de aula. A Escola está organizada em 5 níveis: alfabetização, acolhida, 1º ano, 2º ano, 3º ano. Além das aulas de português, em 2020, passou a disponibilizar aulas de violão para alunos que estejam mais avançados no aprendizado do idioma. Todo o material didático é oferecido pela Caritas Arquidiocesana de Maringá e foi elaborado pelos próprios voluntários, seguindo as competências linguísticas do Quadro Comum Europeu de Referências para Línguas.

A importância no acolhimento aos imigrantes haitianos na cidade com o ensino da língua portuguesa proporcionado pelas organizações ou associações e igrejas é também encarado por muitos como inteiração que evita possíveis constrangimentos ou atos discriminatórios

⁶² Com a pandemia do COVID-19, a Caritas passou a respeitar o período de quarentena e as aulas presenciais foram suspensas. Nesse período as aulas foram sendo gravadas e disponibilizadas no canal da Caritas Arquidiocesana de Maringá no YouTube e no Instagram pelo IGTV.

praticados por brasileiros partindo do princípio que os imigrantes por não falar a língua portuguesa não entenderia o racismo disfarçado de humor em brincadeiras de mau gosto, ofensas e outras discriminação.

No inicio aqui, eu percebia que falavam coisas de mim que não eram legais pois todos riam muito e eu não entendia nada. Me mostravam coisas de vocês de cultura de vocês sabe e riam muito. Mandavam eu repetir palavras que hoje entendo porque eles riam muito quando eu conseguia falar elas. Eu nem podia defender, nem entendia, mas sei que eram algum xingamento essas coisas de brincadeiras sabe. Hoje ainda tem isso, mas agora eu sei um pouco de português e agora diminui sabe essas palavras contra eu (Roniel, Garçon, 54 anos, residente 7 anos em Maringá).

Compreende na narrativa de Roniel que o racismo apresentado contra os imigrantes haitianos ocorre também diferente em relação àquele direcionado contra o negro brasileiro é devido à língua materna. Como há muitos haitianos que apenas falam o crioulo ou o francês, a comunicação se torna uma barreira entre ambos os grupos, deixando caminho para a discriminação de habitantes estabelecidos, em que falam abertamente contra os imigrantes, utilizando-se de palavras de baixo calão contra os imigrantes haitianos, justamente pelo fato dos mesmos não entenderem a língua que o morador estabelecido está comunicando. Como não conseguem interagir, o idioma é usado para a discriminação contra o grupo dominado, muitas vezes até mesmo os desqualificando.

Para Gerard, o acolhimento na cidade de Maringá, só ocorreu através de Associações e auxílio de igrejas católica e evangelica e também citou a importância dos cursos de idioma ofertados para o processo de acolhimento.

O que é mais fácil para os imigrantes haitianos aqui em Maringá é achar uma escola para aprender a língua português, e estudar. Mesmo sendo difícil, pela língua, o estudo aqui é fácil e nos é permitido, eu mesmo tenho acesso, mas é complicado amigo, é burocrático de mais a educação aqui, para a validação dos documentos que comprovam os estudos no Haiti é demorada, mas ainda não senti um projeto nessas acolhidas que ajudem nós na nacionalidade. Pois não fazem parte do Mercosul e estamos meio que presos aqui, não podem entrar no Uruguai, Paraguai, entende?. Nisso acho que falta ajuda de acolhida. Muito difícil falta políticas públicas nessa parte entende? (Gerard, estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá)

È evidente na fala de Gerard que os haitianos estão superando várias situações vulneráveis em seu cotidiano em Maringá. No caso do acesso aos estudos, referido pelo entrevistado haitiano, é um direito adquirido na lei brasileira. A Constituição brasileira diz que a educação é um direito do cidadão e que deve ser promovido e garantido pelo Estado, e que pela educação é que se vive a cidadania completa.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, texto digital).

Essa inclusão na Constituição transfere ao Estado e família a obrigação única de trabalhar esse processo, inclusive para imigrantes e seus filhos, não sendo assim um modelo de escola que integram esses imigrantes a nova sociedade ao qual está em convívio. Nessa acolhida sem inteiração, muitas vezes acabam por excluir os imigrantes, como no caso narrado pelo haitiano James:

Meu filho tem tudo, até livros aqui em Maringá, caderno, todo material, eles entregam na escola por causa da pandemia as atividades, mas não ajudo muito porque não entendo muito também. (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente 5 anos em Maringá)

Dessa forma, não pode ser classificada como acolhida a oferta da educação sem ser acompanhada e interagida. Conforme Hannah Arendt (1961), na América em especial no caso dos Estados Unidos onde a autora fez seus estudos e analisa a população migrante no país, cabe a educação incluir os migrantes a sociedade de acolhida, uma vez que é na escola que se dá o contato da criança com a língua local, deste modo os filhos passam a ser intermediadores do ensino da língua para seus pais imigrantes. Em Maringá, as crianças haitianas ou outros migrantes não possuem uma escola específica, são matriculados em escolas dependendo do bairro em que residem com suas famílias e precisam acompanhar os conteúdos e estão incluídos na turma, mas estão excluídos por conta da língua. Além disso, a participação dos pais imigrantes na vida escolar dos filhos é prejudicada pois além de muitos dos migrantes possuem jornadas de trabalho exaustivas e pouco tempo de ir à escola, há também as dificuldades enfrentada na comunicação em relação ao idioma.

O haitiano Roniel, de 54 anos, que vive em Maringá desde de 2013, afirmou que caso não fosse a acolhida e ajuda da associação Cáritas Arquidiocesana de Maringá, ele não tinha conseguindo trazer seu filho que na época de sua migração, havia ficado no Haiti.

Foi muito difícil ficar longe da família. Ainda é difícil porque ficaram os irmãos, minha mãe, amigos, mas a igreja me ajudou muito nesse acolhimento aqui na cidade. Me ajudaram a fazer meu curriculum e em 2015 com as orientações da igreja, consegui trazer meu filho e minha esposa . Não sei o que seria de nós se não fosse essa parte. Até cesta básica eu pego na igreja e isso até hoje (Roniel, Garçon, 54 anos, residente 7anos em Maringá).

Além da esposa e filhos que agora são dois, na casa de Roniel, mora um amigo que chegou do Haiti em 2018 e por isso segundo Roniel, é muito importante a ajuda e acompanhamento e ajuda com doações de cestas básicas mensalmente das Instituições sem fins lucrativo na cidade

A cesta básica que retiramos na igreja do bairro que moramos é uma ajuda e tanto pois aumentou uma boca em casa para comer né. Todos os meses tem o dia certo para ir la na igreja e pegar a cesta . (Roniel, Garçon, 54 anos, residente 7anos em Maringá).

A entrega da cesta básica ao qual Roniel cita, faz parte de um dos projetos de acolhimento aos migrantes na cidade desenvolvido pela pastoral do migrante constituída no santuário Santa Rita de Cassia no bairro Itaipu região sul de Maringá que atende cerca de cinquenta e cinco famílias de migrantes. Mesmo com esses auxílios ofertados pelas igrejas católicas e evangélicas e todo o trabalho desenvolvido pela Associação dos Haitianos de Maringá e da Associação Cáritas a demanda de serviços é alta, e existem muitas outras necessidades por parte dessa população que não estão sendo supridas e nem integradas de forma correta na sociedade Maringaense.

4.3. Espaço de Socialização e Integração a Haitianos em Maringá?

As trocas existentes são responsáveis na construção de nossa vivência e também podem ser chamadas de processo de socialização, ele nasce na interação, uma etapa de relações, um caminho traçado por discursos, condutas e expectativas, uma jornada socializadora que transforma o ser, acumulando experiências e construindo sua biografia. A interação social, além de ter sua função social, estabelece as redes de relações. No caso dos imigrantes haitianos

apenas de que sua entrada no Brasil, foram principalmente pelo estado do Acre, são constatados que a maior parte dos imigrantes se dispersou por todo o território brasileiro, sendo que a maioria dos haitianos se fixou na Região Sul e Sudeste do país, e sem as redes de acolhimento na chegada e os percursos desses imigrantes pelo Brasil teriam sido muito mais dramáticos do que realmente foram, em razão da falta de políticas públicas de acolhimento e de inserção sociocultural. Portanto, é preciso ressaltar que algumas redes privadas ou laicas, tiveram um papel central na gestão da imigração haitiana em Maringá. As redes de acolhimento exercem um papel central na manutenção e direcionamento de fluxos migratórios, pois, segundo Tilly (1990, p. 84), “não são os indivíduos que emigram, mas sim a rede”. Sem políticas públicas de acolhimento voltadas para imigrantes, principalmente para aqueles em situação de vulnerabilidade social, o ônus da acolhida recaiu sobre igrejas e organizações não governamentais⁶³ que, apesar de todo esforço e dedicação, acabam fazendo o papel de mediadoras entre o mercado de trabalho e os imigrantes, tentando de certa forma, contribuir para a inserção dos mesmos na sociedade maringense, com ofertas variáveis de cursos ou sociabilidade, em que era esperado que os imigrantes aprendessem alguns códigos culturais e conseguissem algum domínio da língua portuguesa para comunicar-se no novo contexto. Essa constatação pode ser verificada na fala do imigrante haitiano Pierre, que mora em Maringá desde de 2016.

Somos três em casa meu irmão e um ex vizinho do Haiti e ninguém sabia nada das coisas de leis daqui entende? E quando eu cheguei aqui em Maringá, era a língua, minha maior dificuldade para entender essas coisas e a minha sorte que a acolhida foi muito bom graças às igrejas católicas e uma evangélica que me ajudou muito em tudo aqui. Se nós aprendemos a falar o português e fazer nossos documentos, currículo e tudo é por causa que as igrejas nos ajudaram e até com alimentação sabe? Ajudavam e ajudam ainda hoje a nós é as igrejas, sabe? Isso foi muito bom. (Pierre, estudante de Comércio Exterior, 27 anos, residente 5 anos em Maringá).

Para Durkheim (2007), a socialização é o processo de aprendizagem pelo qual o homem torna-se membro da sociedade, internalizando o coletivo e tomando para si os comportamentos sociais, incorporando-os. A socialização primária refere-se ao estágio em que o indivíduo se torna membro de uma sociedade. Ela acontece no interior da família, o primeiro grupo de contato dos indivíduos, e baseia-se em laços emocionais de afeto e respeito. Neste processo, o

⁶³ Importa lembrar, que o papel de redes religiosas de acolhida e de inserção sociocultural de imigrantes na cidade de Maringá, não é uma exclusividade do caso haitiano e si para todos os imigrantes.

indivíduo interioriza as normas e valores transmitidos pelos familiares. A socialização secundária insere o indivíduo em outros grupos sociais, como o círculo de amigos, a escola e o local de trabalho (BERGER & LUCKMANN, 2003).

Para Borges & Albuquerque (2004, p. 323),

A socialização implica sempre um certo nível de conformismo, porque processa a inserção de alguém em um contexto de normas e costumes previamente definidos por outros. Porém isso não é incompatível com as possibilidades de realização e iniciativa pessoal. Compreendemos, aqui, que, em outras palavras, não há um espaço ilimitado de deliberação do sujeito, nem que o indivíduo é um mero produto do meio e, sim, fruto dessa dinâmica em que é sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Quanto a socialização na cidade de Maringá, o haitiano James, lembra que só passou a existir uma possibilidade na integração com outros Maringaenses, através da prática do futebol e que no primeiro momento, ocorreram dificuldades para aceitar sua inserção no grupo.

Sempre passava, ali por volta da UEM, e via alguns rapazes brasileiros, jogando bola, um dia parei e pedi para jogar com eles, na cara dura e assim foi, acho que nem todos gostaram, me olharam achando que era uma perna de pau. (Risos), porque levou tempo para que deixassem eu jogar com eles. Mas com minha insistência depois de algum tempo deixaram e assim foi, pegamos amizade e mostrei que no Haiti tem jogador de bola bom sim. Mas até isso, não tinha amizades aqui em Maringá e nem saia muito de casa, pois não tinha o que fazer. Depois disso, eu tinha o que fazer todos os sábados. (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

A interação pode ser definida como “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros” (GOFFMAN, 2011, p.24). Dessa forma, a sociedade, transforma-se em um conjunto de ações que são realizadas pelos indivíduos (BLUMER, 1986, p.6). E é no contexto da interação social que o indivíduo cria um sentido para sua ação e compreensão do mundo que está inserido, nunca de maneira isolada, mas sempre interagindo com outros. E é justamente no processo de interação que surge o estigma contra outro indivíduo ou um grupo social.

No processo de socialização e interação, James, relata que mesmo com a aproximação do futebol com os que ele agora considera novos amigos maringaenses, não ocorreu de forma satisfatória, fazendo com que esse haitiano apaixonado pelo futebol brasileiro, organizasse um campeonato de futebol, tornando assim um meio de socialização para o mesmo. O campeonato

que ocorre desde 2019, já consta com 12 equipes na região de Maringá, porém participam apenas haitianos.

Convidei alguns brasileiros, para participar do campeonato, mas não quiseram. Não sei por que, no começo riam de mim, achando que não daria certo essa minha ideia, outros momentos diziam que nos haitianos nem jogar bola sabe, como íamos participar de campeonatos, só se fosse para passar vergonha. Pensam que nós não entendemos de futebol. Mas também é bom ser assim, porque acabou que sendo só com nos haitianos acabamos matamos nossas saudades juntos, é um momento para nós misturar, pena que não quiseram (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

O Estigma no futebol é algo que a história sempre trouxe relatos. Importante ressaltar que na obra O negro no futebol brasileiro, Mário Filho relata que no início do século XX o futebol no Brasil era praticado quase que exclusivamente por clubes de engenheiros e técnicos ingleses, além de jovens da elite metropolitana que conviviam neste espaço. A base dos principais times de futebol era formada por profissionais liberais, servidores públicos, acadêmicos e bacharéis em direito que monopolizavam os campeonatos nos bairros de elite, e que essa condição afastou muito os negros dos campos de futebol. Eram considerados de outra classe social e portanto no merecedores de estar juntos.

Portanto, fica evidente que no processo de socialização por parte de imigrantes haitianos em Maringá depende de muitos fatores sendo um deles a referência a um atributo profundamente depreciativo que são alinhados a esses indivíduos. O simples fato da estigmatização de que haitianos não entendem de futebol, ou não sabem praticar esse esporte, já é consoante que serve para afastá-lo de uma possível sociabilidade, com aqueles que consideram os sabedores desse esporte. Um exemplo do preconceito e do desconhecimento sobre os haitianos, o grupo de jogadores brasileiros avaliaram, sem saber que eles não sabem jogar futebol. O estigma, na perspectiva de Elias e Scotson (2000), pode, então, relacionar-se a fantasias coletivas inventadas pelo grupo estabelecido, que justificam e reiteram a aversão e preconceito de seus membros e ocorrerá a valorização negativa.

Para uma melhor compreensão, da forma que ocorre a estigmatização Goffman descreve três tipos de estigma,

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento

político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (GOFFMAN, 2013, p.14).

Ou seja todo indivíduo que de alguma maneira teria sido aceito em qualquer ambiente para uma interação social cotidiana, se possui qualquer traço que pode ser considerado como estigma, pode impor sobre ele uma forma que irá atrair a atenção afastando os outros, que irão muitas vezes, desconsiderar os outros possíveis atributos desse indivíduo. Dessa forma, pode se afirmar que o estigma sempre será utilizado por um grupo ou indivíduo para exercer dominação sobre outro. Essa dominação pode ocorrer de diversas maneiras, desde agressão física, questões econômicas, políticas e culturais e de caráter simbólico. E essa construção do estigma contra os imigrantes (no caso dessa pesquisa, os haitianos), a questão racial é muito pertinente, pois em alguns casos apresentam-se como um dos principais desencadeadores da discriminação vivenciada pelos imigrantes. Pode-se dizer que o racismo significa uma “atitude que predispõe uma pessoa a pensar, perceber, sentir e agir de maneira favorável ou desfavorável em relação a integrantes de determinado grupo” (GIL, 2011, p. 132), gerando os signos contra tais grupos, que são constituídos por “descrições exageradas aplicadas a cada pessoa que integra determinada categoria” (GIL, Id. Ibid., p. 133), estas atitudes e estigmas constituem uma estigmatização contra este grupo social.

Este conceito de estigmatização pode ser utilizada para a melhor compreensão da questão do imigrante, pode-se considerar que

O mais recorrente é o de ordem sociocultural, isto porque estes imigrantes são identificados indistintamente como possíveis traficantes, pessoas pobres e de ‘pouca cultura’. Em segundo lugar aparece o estigma de ordem étnica e racial, uma vez que em razão de sua tipologia específica e da pele morena são identificados como ‘índios’ e ‘morenos’. Finalmente, temos o estigma de ordem jurídica, pois o Estado brasileiro os identifica como estrangeiros indocumentados ou clandestinos, trazendo-lhes sérios problemas para o seu dia-a-dia (SILVA, 1999, p.112).

Dessa forma, mesmo que o indivíduo que de alguma maneira teria sido aprovado por outros indivíduos na interação cotidiana, como por exemplo, ser aceito no time que pratica futebol aos sábados, poderá sofrer discriminação em algum momento por impor uma atenção que acaba afastando os outros indivíduos, muitas vezes, desconsiderando outros possíveis atributos seus. No caso do haitiano James, a formação desse campeonato de futebol (que conta com duas edições realizadas em Maringá) foi uma prática de socialização aplicada em sua rotina, para esquecer os momentos “tristes”, assim definido por ele, que ocorreram com o fim do seu casamento, momento esse ao qual passou por uma fase de depressão e que se não fosse

pela interação que acontecia nos encontros para práticas do esporte, não teria conseguindo superar.

Ela, minha esposa, ficou lá no Haiti, mas não quis me esperar, arrumou outro marido. Nesse período eu me isolei ainda do mundo. Não queria mais ver ninguém, fiquei bem mal e só não procurei ajuda médica porque não falava na época tão bem o português, não iam entender, e no meu trabalho não falei nada, ninguém sabia das minhas dores e foi lá no futebol de todos os sábados, que isso me ajudou a melhorar de novo, inclusive foi em um jogo desses que conheci minha atual esposa, Nadine ao qual casamos agora em março de 2020. Ela também é haitiana, mas não conhecíamos um ao outro. Então meu amigo o futebol e essas amizades só me trouxeram coisas boas. Era muito bom quando era sábado à tarde. Sair de seu país nunca é bom, aqui tem muito frio e muitas coisas a serem vencidas, se não fosse a socialização que o futebol que jogo e minha esposa, não sei o que seria de mim aqui em Maringá (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

O processo de sociabilidade, nem sempre ocorre de maneira eficiente e muitos imigrantes haitianos, acabam se isolando em seu próprio mundo. Num processo eficiente e adequado de socialização, o indivíduo é bem acolhido e integrado, promovendo sua identificação com a organização que trabalha e sociedade que vive favorecendo o seu comprometimento e estimulando o seu desempenho, o que será revertido em eficiência em tudo que faz e está envolvido. A falta da integração social, traz muitas vezes a sensação do prazer de estar em grupos e de fazer amizades. Toda essa construção insuficiente da socialização, é ainda mais nociva, quando acontece ao imigrante que está longe de seu país, costumes e cultura.

Lá no Haiti eu saia bastante com meus amigos, mas aqui não tenho costume de sair, não vou a muitos lugares aqui em Maringá, pois aproveito o tempo livre para meus estudos. Nem conheço muito daqui sabe? É que é diferente os lugares para sair daqui. Os povos haitianos é uns povos que gosta se divertir, reúnem bastante de pessoas, saem todos juntos, além de ter o mar e aqui em Maringá não tem nenhum, e meus amigos estão lá né e então trabalho e estudo e só não sei onde teria espaços para divertir aqui em Maringá. (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

As imagens negativas sobre o Haiti e também sobre os próprios haitianos, veiculadas pelos meios de comunicação, em especial pela imprensa escrita (TÉLÉMAQUE, 2012), são efetivamente um freio à integração social mais ampla. A inexistência de imagens positivas

reduz os haitianos à condição única de “imigrantes pobres”, egressos de país mais pobre ainda, fazendo com que muitos sejam esquecidos pelos que vivem em sua volta. Essa exclusão por parte de alguns dos maringaenses, é observada na fala do haitiano Gerard, que mesmo vivendo em Maringá já ha algum tempo, ainda não conseguiu fazer nenhuma amizade com os maringaenses e atribui o fato ao medo que a imagem dele como individuo passa e se reproduz.

Não vejo muito a amizade com os maringaenses com nós haitianos, mas como disse, não saio e tenho um amigo haitiano aqui, se saio é com ele. Os maringaenses, eles não me chamam, devem achar que nos haitianos somos piores e estranhos, mas somos um povo alegre e que gosta de diversão e daí como não conheço eu não saio mas deve ter lugares lindos aqui, não é? Mas vejo que é bem maioria pago aqui né? Os lugares para passear. É como te falei, não conheço e como não tenho colegas daqui, não sei nem se tem lugares e isso faz separa nós dos brasileiros. (Gerard, estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá)

Para Alexandre Vieira (2009), a segregação socioespacial compreende a separação espacial da população na cidade por classes sociais, renda, cultura, política e etnia, ocasionando a uma parcela significativa da população a perda gradativa de seus direitos, sendo privadas de condições mínimas de vida, discriminadas e estigmatizadas. Devido a esses fatos, a segregação socioespacial é considerada um processo indutor ou uma condição espacial do processo de exclusão social. Vale constatar que entre todos os haitianos entrevistados, para essa pesquisa, quando questionado sobre a convivência entre eles e os maringaenses, as respostas sempre foram o bom convívio com os colegas maringaenses no ambiente de trabalho, porém esse bom relacionamento, não se estende ao lazer. Dessa forma, é inegável a ocorrência da exclusão social da qual sofre a maioria dos haitianos. A existência de separação de espaços em Maringá não deve ser encarada como um elemento novo na sua história e que ocorreu apenas com migrantes haitianos. É sabido que esse não é um fato novo, nem quando se refere às cidades em períodos mais recentes, nem tão pouco quando se observa os exemplos através da história e se vêem diferentes ações que são segregadoras. Houve, ao longo da história da humanidade e mais intensamente sobre as relações capitalistas, áreas separadas, destinadas para grupos econômica ou socialmente definidos. Para o entendimento da organização sócio-espacial de Maringá, vale notar a análise de Paulo Fernando de Souza Campos (1999) que ao discorrer sobre a moralização dos mais vulneráveis em Maringá, na década de 60, Campos mostra como a cidade reagiu à experiência de ver crescer o contingente da população empobrecida, proveniente das áreas rurais da cidade ou migrantes de outros estados do país. Esta população, foi obrigada a

mudar-se para a cidade devido às transformações ocorridas no campo, e em um primeiro momento, julgada e tratada como mendigos ou desajustados. Campos (1999) informa que houve uma forte campanha nos meios de comunicação e uma grande repressão da polícia contra esse grupo, que passou a ocupar determinados pontos da cidade. Bares foram fechados, sob a acusação de envolvimento com a prática de prostituição, outros pontos sofreram repressão policial, como “batidas” policiais, revista dos seus freqüentadores, a dispersão dos grupos, etc. Tudo tendo como objetivo a saída desses “elementos indesejáveis” da cidade (CAMPOS, 1999:322). Era necessario manter a cidade sem pobreza e com baixos índices de criminalidade e esses “pobres”, não deveria ser vistos na área central da cidade e a elite política e econômica de Maringá, Para tentar solucionar o problema do crescimento do contingente de pobres na cidade, foi elaborada a seguinte estratégia: a imposição de imagens homogeneizadoras de “um corpo sadio ” (CAMPOS, 1999:327). Segundo a pesquisadora Marivania Conceição de Araújo (2005), essa imposição, todos teriam que se adequar à imagem do maringaense trabalhador, ordeiro, com fortes laços familiares e pouco afeitos à permanência desnecessária em espaços públicos. Aqueles que não se adequassem a essa imagem seriam considerados anomalias sociais, loucos, adversos a um ambiente que buscava a perfeição, a e ser um espaço sem males. (ARAÚJO, 2005). Essa exclusão social na época sofrida por aqueles considerados pobres, é hoje também sofrida pelos migrantes haitianos em Maringá que sem poder financeiro suficientes se vêem obrigados a viver sem uma socialização levando muitas vezes a incapacidade de ter acessos a serviços como laser por exemplo.

Espaços e/ou situações que permitem a sociabilidade dos indivíduos por parte de muitos imigrantes na cidade ocorrem na sua maioria das vezes na condição religiosa. Alguns haitianos que por receber a acolhida por parte das igrejas, acabam exercendo nas instituições religiosas também uma forma de socialização além de atribuir condição a Cáritas Diocesana de Maringá .

Particpei de muitos eventos e festas feitas na Caritas . Meu primeiro ano aqui o meu natal foi lá . Nas festas e nas aulas de falar português era onde eu fazia minhas amizades e lá foi que um amigo novo haitiano que não conhecia lá do Haiti, conheci aqui na Càrita, que me falou do emprego. Estava pegando trabalhadores para o Bar e as meninas da Càrita me encaninhou e estou até hoje no emprego. Conheci muitos haitianos lá (Roniel, Garçon, 54 anos, residente 7anos em Maringá).

A Cáritas, também presta serviços aos haitianos e outros imigrantes em Maringá e região. Assim que o imigrante chega a Polícia Federal, ele é encaminhado à Cáritas para

preenchimento do formulário para obtenção de refúgio e outros documentos. Além disso, a ONG também atua no acolhimento, auxílio, realização de festa e eventos e na organização do curso de português para os haitianos, como citado anteriormente.

Na ausência de uma pré-estrutura para receber todos os imigrantes que chegavam na cidade, a situação da imigração haitiana poderia descambar para uma crise social caso a igreja não tivesse tomado as rédeas da situação e reivindicado do governo municipal novos espaços de acolhida na cidade e transformando em espaços de territorialização. Além disso, as igrejas passaram a ter um papel importante na vida dos haitianos, no sentido de apoiar e acolher emocionalmente, tornando muitas vezes como sendo o único espaço de socialização, como informado pelo haitiano Wilkinson, que atribuiu ao seu envolvimento na igreja de seu bairro, o fato de estar conseguindo permanecer longe de seus familiares, amigos e país, mesmo que falte serviços que fortaleçam a inserção desses indivíduos na sociedade.

O que me dá força para ficar aqui longe da minha família é ir na igreja aqui em Maringá nos finais de semana e o que mais sinto falta do Haiti, é meus amigos de oração, mas aqui, prego a palavra e sigo firme na luta no meu futuro melhor sempre, graças aos encontros nos finais de semanas, conversamos, rimos e conhecemos sobre Jesus, é um lugar que me sinto bem, todos lá são os mesmos e fazemos muitas amizades. Isso é muito bom pois conheço meus amigos daqui. (Wilkinson, Solteiro tem 29 anos, professor de Inglês residente em Maringá 5 anos).

A ausência de serviços que fortalecem as redes de informação, para os imigrantes, acaba fazendo aumentar ou intensificar a procura de haitianos por entidades religiosas como as pastorais, centros de encaminhamento ou de acolhida, passando a ser vistas como excelentes opções, senão as melhores, de destino para os haitianos e outros imigrantes dentro do território brasileiro, inclusive como espaços de laser. No caso dos haitianos, que vivem em Maringá, não seria exagero afirmar que sem a atuação da rede de acolhida católica, aqui representada de caritas e posteriormente a Organização dos migrantes, a experiência desses imigrantes em terras brasileiras, certamente teria sido mais dramática do que realmente foi. A ampla rede de assistência e orientação, feita pelas igrejas na cidade foi, na verdade, mais um agente facilitador da mobilidade haitiana pelo, na medida em que eles usufruíram das suas amplas estruturas para resolver questões mais imediatas, como obter alojamento temporário, alimentação, encaminhar documentação, procurar trabalho, conseguir recursos para viagem, buscar atendimento psicológico, aprender a língua portuguesa, entre outras.

No sentido de usar o acolhimento como forma de garantir uma ação de aproximação, com o outro, era esperado por Roniel com seu filho quando foi matriculado na escola de ensino fundamental no bairro que atualmente reside, mas não ocorreu, conforme relata :

Meu filho desde que chegou do Haiti, não tinha amigos aqui e quando entrou na escola, eu achei que iria fazer amizade, mas não foi da forma que eu achava. Sempre tinha que ir na escola por causa de problemas e ele é uma criança ainda. Os outros meninos batiam nele e nem sei porque. Só sei que está pior ele na escola do que quando não ia. Antes, ano passado ele não ia em nenhum passeio de escola, não gosta de lá. (Roniel, 54 anos, Garçon, residente 7 anos em Maringá)

Essa narrativa acima evidencia que apesar da percepção de que crianças pequenas seriam incapazes de praticar atos discriminatórios, elas crescem em uma sociedade estruturalmente racista e que reproduz essa lógica em diversos espaços e situações do universo infantil: na TV, na internet, nos brinquedos, filmes, desenhos e nas relações com os amigos . A escola é um espaço onde se reproduz racismo e xenofobia . Segundo a autora Eliane dos Santos Cavalleiro em sua obra fruto da pesquisa de mestrado em 1998, com base na sua experiência em uma escola de educação infantil , afirmou que o racismo está presente na vida de uma pessoa desde de muito cedo . De acordo com Cavalleiro as crianças podem praticar em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, sentimentos estes que na maioria das vezes já traziam de casa e era reforçado na escola, dificultando a socialização, pois devido as diferenças étnicas, acabam por excluir crianças negras de diversas atividades do cotidiano escolar.(CAVALLEIRO, 1998). Ou seja a socialização torna possível à criança a compreensão do mundo por meio das experiências que elas mesmo já tenha vivido, ocorre aos poucos à necessária interiorização das regras afirmadas pela sociedade. Dessa forma se uma criança escuta que o migrante haitiano é um invasor , ela irá interiorizar isso e reproduzirá , assim esse início de vida a família e a escola serão os mediadores primordiais que podem coibir o racismo e a xenofobia praticada no ambiente escolar e demais⁶⁴.

De acordo com a autora Maria Reginalda Soares da Silva, a ação de aproximação com o outro e posteriormente a inteirção do imigrante com seu novo ambiente Educacional, seja em qualquer idade, é prejudicada muitas vezes pela falta de conhecimento de muitos funcionários das Instituições de ensino sobre os documentos e leis e direitos de migração e essa dificuldade

⁶⁴ A escola é um espaço onde se reproduz racismo e xenofobia e há autores/as que discutem esses temas: Eliane Cavalleiro, Nilma Lino Gomes, Delton Felipe, Azoilda Ribeiro, Roberto Tobias, Ana Lúcia Silva. Portanto uma extensa bibliografia sobre o tema.

na inteirção e acolhimento não acontece de forma satisfatória também porque os pais migrantes ou os já adutos não entendem o que os funcionários falam; por não saberem português, (SILVA, 2019, p. 164). Nesse sentido, é necessário deixar evidente que mesmo não acontecendo um grande esforço para aproximar essas pessoas da escola por parte do Estado, há uma motivação da escola e dos próprios haitianos para mantê-los matriculados e garantir aprendizado. Muitas vezes o acolhimento é barrado pelo preconceito que existe no próprio ambiente escolar. O preconceito também é apontado por Roniel na sua fala como sendo um divisor no acolhimento com seu filho na escola.

Lá na escola onde ele estuda, nossa! tem sim preconceito porque ele é haitiano, isso tem mesmo. Eu te falo então, como eu posso falar que os brasileiros são acolhedores, se meu filho não foi acolhido? Aqui é muito bom de viver e morar sabe? Temos emprego, mas essas coisas acontecem mesmo e temos que seguir porque estamos aqui. (Roniel, 54 anos, Garçon, residente 7 anos em Maringá)

Dessa maneira, fica evidente que a acolhida depende de uma mobilidade e participação de forma geral envolvendo setor e seguimentos públicos e privados. Essa acolhida em redes, obteve uma participação na mobilidade e acolhimento a esses imigrantes e é necessário aqui além de mencionar o reconhecimento de muitos imigrantes, também o fato de que essas acolhidas, foram e são em muitas vezes a única segurança que muitos imigrantes tem para fazer seus projetos para um futuro no Brasil, ainda que sejam de curto prazo, outros partem para demais terras, onde certamente poderão contar com o apoio de alguma rede, seja ela migratória, familiar, religiosa.

4.4. Os haitianos e o acesso ao mercado de trabalho em Maringá.

Os trabalhadores imigrantes haitianos no Brasil são motivados pelos sonhos que inspiram alguns emigrantes, que são os de buscar sempre melhores condições de vida, trabalho e moradia. Contudo, quando chegam em terras brasileiras enfrentam uma série de dificuldades, bem como péssimas condições de trabalho e discriminações dentro de seu ambiente no emprego. Partindo da afirmação de Engels (2004, p. 11) de que “o trabalho criou o próprio homem”. Os humanos somente sobrevivem colaborando entre si, trocando entre si suas atividades. Ou seja, a vida humana, por definição, só é possível em sociedade. Para produzirem suas próprias existências, os humanos contraem determinadas relações mútuas, e é somente no interior dessas relações sociais que se efetua a sua ação sobre a natureza, isto é, a produção (MARX, 2006).

Nessa perspectiva, é importante lembrar a afirmação de Marx (2013, p. 261), de que:

O processo de trabalho [...] condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independentemente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais.

Com base nos dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Contando apenas os dados divulgados no primeiro semestre de 2019, que demonstram que existiam cerca de 107 mil haitianos no Brasil e desses cerca de 90 mil emitiram carteira de trabalho, é indicado, portanto, que parte se trata de um fluxo migratório orientado fundamentalmente para o mercado de trabalho, impulsionado pela esperança de mudança de vida econômica. Desses imigrantes haitianos que entraram no Brasil, entre 2011 e 2018, a maioria está entre as faixas etárias de 20 a 49 anos. Também há um crescimento ocorrido na emissão de carteira de trabalho para mulheres entre 2010 a 2018, se intensificando a partir de 2015, como consequência da crise econômica nacional e os efeitos mais intensos desta sobre as atividades econômicas ocupadas fundamentalmente por homens, como a construção civil e a indústria de transformação, onde a grande maioria é formada pelo sexo masculino, tendo o ano de 2018 registrado a maior distância percentual entre os sexos, com 92,3% para homens e 7,7% para mulheres (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA, 2019). O preconceito e a discriminação aliada à vulnerabilidade que esses imigrantes se encontram no ingresso ao país, principalmente quando recém chegados, fazem com que essa força de trabalho seja superexplorada, já que mesmo que muitos desses imigrantes tenham mão de obra qualificada e até mesmo mais de uma profissão as oportunidades de trabalho são limitadas aos setores da construção civil e de prestadores de serviço, onde concentram as ocupações dos haitianos no mercado formal brasileiro, como podemos observar nos dados do Relatório Anual 2019 - Migração e Refúgio no Brasil. 2019, p.62) destacando por ordem as seguintes ocupações mas disponibilizadas para esses imigrantes: Alimentador de Linha de Produção, Servente de Obras, Faxineiro e Auxiliar nos Serviços de Alimentação.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos haitianos está relacionada ao acesso ao mercado de trabalho. Historicamente, eles ocupam cargos com baixa remuneração, independente do nível de escolaridade em que se encontram, atendendo a uma lógica de mercado em que o estrangeiro passa a ocupar um espaço em específico, qual seja: “garantir a disponibilidade de uma força de trabalho dócil e a bom preço, simultaneamente dificultando ao máximo a fixação estável” (MEZZADRA, 2012 p. 64).

Quando questionei sobre possíveis dificuldades encontradas em Maringá, para conseguir emprego e a partir do emprego conseguir uma inserção social na cidade, James, haitiano que além de sustentar sua família constituída em Maringá também é dele a obrigação de enviar dinheiro para a sua filha mais velha que está no Haiti, afirmou que sim, houve momentos difíceis no trabalho, mas que foi necessário esquecer todos esses momentos e seguir trabalhando e sempre ser o melhor funcionário das empresas ao qual estava trabalhando.

Olha, se teve dificuldades, eu tive que esquecer e seguir, tinha uma família lá para sustentar. Mas consegui rápido o serviço aqui em Maringá. É isso mesmo, foi em janeiro de 2015, cheguei aqui na cidade final de 2014, isso e em janeiro fui contratado para trabalhar com cozinha industrial, eu já tinha experiência, lá no Haiti, quando tinha meu emprego, era Chefe de cozinha, meu cunhado queria que eu trabalhasse na construção civil, mas já sabia que pagavam mau por aqui e consegui um emprego de garçom em uma empresa que me ajudou muito na época. Fiz muitas amizades lá e recebia \$ 1,080,00 por mês. Era muito divertido trabalhar lá. (James, 25 anos, casado, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

James, deixa claro que ao chegar na cidade de Maringá, buscou relaizar seu sonho que era trabalhar na sua área profissional já com experiência no Haití. E após muita superação, James, conseguiu o emprego que queria na cidade e informou que foram anos de muita socialização com os colegas de trabalho.

Essa construção do ser social tem como ponto de partida as próprias particularidades e requisições demandadas pelo trabalho, a partir dessas determinações, “atividade teleologicamente orientada, a tendência à universalização e a linguagem articulada” (BRAZ; NETTO, 2006, p. 43), ao mesmo tempo os homens alcançam um rico desenvolvimento de humanização. Neste sentido, os autores consideram que “o avanço do processo de humanização pode ser compreendido, pois, como a diferenciação e a complexificação das objetivações do ser social” (BRAZ; NETO, 2006, p. 40). Pode-se assim afirmar que o trabalho inicialmente humaniza o homem, no entanto, no modo de produção capitalista, o mesmo se transforma em uma mercadoria, sendo que a sua força de trabalho também se transforma em produto explorado pelo modo de produção capitalista. Partindo do pressuposto que a força de trabalho é uma mercadoria, faz-se necessário entender como Marx⁶⁵ (1996, p. 154) caracteriza a mercadoria:

⁶⁵ Karl Marx, em sua obra O Capital (1996), distingue entre trabalho abstrato e trabalho concreto, onde o trabalho concreto se manifesta no valor de uso.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa.

A hipótese de que esses trabalhadores são incorporados ao metabolismo social do país por meio de uma superexploração da sua força de trabalho, é demonstrada nos depoimentos de imigrantes haitianos nesse estudo, onde as possibilidades de trabalho são sempre em funções com os menores rendimentos ou, em muitos casos, em ocupações “informais” dentro do mercado de trabalho. O ambiente do trabalho em muitas vezes é onde se percebe as dificuldades enfrentadas no dia a dia por imigrantes. De acordo com Sayad (1998), é fundamental destacar os trabalhadores migrantes neste contexto, considerando que o exército industrial de reserva ocasionou a mobilidade de sujeitos em busca de melhores condições de vida, principalmente de trabalho, ou seja:

Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que empurra para o não-ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” que atribui e no lugar em que é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, desta forma, trabalhos para imigrantes. (SAYAD, 1998, p. 55).

Ou seja, para o autor a imigração não diz respeito apenas à locomoção de um espaço físico para o outro, mas trata-se de uma situação com vários sentidos, econômicos, social, político e cultural e que mesmo esses imigrantes sendo trabalhadores como qualquer outro, alguns fatores acabam diferenciando os mesmos por ser imigrantes e isso os torna mais vulneráveis e sempre com uma maior probabilidade para serem superexplorados, considerando que os mesmos estão dispostos a aceitar qualquer emprego para garantir sua sobrevivência. Quando imigrantes saem de seu país em busca de vida nova em outro, ocorre uma ruptura em todos os níveis em sua vida. De acordo com Lechner (2007), os migrantes perdem a identidade construída por anos, necessitam se adaptar ao novo lugar, encontrando várias dificuldades para se inserir no novo país, uma vez que sofre rupturas com a sua cultura, com o vínculo familiar, com os amigos, aliado a nova linguagem, cultura, crenças, costumes, clima e alimentação. Neste sentido, as dificuldades são inerentes ao processo migratório, que irão aumentar a dificuldades para conseguir um trabalho, uma vez que, o deslocamento após os migrantes passam por um processo de transformação de suas vidas e dentre as dificuldades mais comum está o novo idioma.

Na cidade de Maringá, desde de maio do ano de 2016, Wilkinson, que está atualmente desempregado, sobrevive financeiramente trabalhando em serviços informais e com ajuda financeira da sociedade civil, mas na ocasião que chegou na cidade, em dois meses, já estava empregado, facilidade essa segundo ele, devido a rapidez que aprendeu a língua portuguesa.

Então eu não tinha muito dificuldades igual alguns haitianos por que consegui falar a língua que vocês falam aqui. Na minha opinião a língua é a pior dificuldade para conseguir trabalho. Eu aprendi rápido falar português, durante dois meses, hoje no atual momento, as coisas estão melhores, já existem vários lugares que oferecem curso de português. Aprendi sozinho o idioma. Levei isso dois meses para aprender já aprendia a língua por causa disso primeiro dia eu saí procurar emprego o primeiro patrão eu conversei com ele e me contratou para trabalhar de atendendo em um bar então se eu não aprendesse logo o português não tinha conseguido nada na época. Temos que esforçar senão não arruma mesmo. (Wilkinson, Solteiro 29 anos, professor de Inglês residente em Maringá 5 anos).

Diante disso, fica evidente que o idioma tem sido uma barreira para os imigrantes haitianos se inserirem no Brasil, bem como nos postos de trabalho, em relação ao idioma é um problema não somente para a inserção no campo de trabalho e no momento de conseguir emprego, mas também para se inserir na sociedade como um todo, uma vez que o fato de não conseguirem se comunicar prejudica a interação com as pessoas, levando muitos a se isolarem e ter dificuldades de sair até mesmo procurar serviços, indicando que um dos maiores desafios para os haitianos é o domínio da língua portuguesa. De acordo com Dutra e Gayer (2015, p. 7):

Um dos maiores desafios para os imigrantes é o aprendizado da língua portuguesa, (a dificuldade de comunicação por não poder estudar a língua portuguesa ou a sua dificuldade de comunicação os isola, tem efeitos no desempenho do trabalho, na busca de serviços, assim como para sua alimentação e ir nos postos de saúde), a falta de sensibilização dos poderes públicos municipais e estadual que não oferecem espaços físicos e docentes, a inexistência de um método eficiente a ser utilizado pelos monitores em todos os estados, e o desnível cultural entre os migrantes.

Contudo, o domínio da língua portuguesa não lhes assegura uma inserção ao mundo do trabalho, como evidenciado na fala de Mequelita, que mesmo após aprender o idioma com uma pronuncia satisfatória, teve muitas dificuldades para conseguir emprego na sua area de formação terminou por desistir, deixando seu diploma engavetado, pois segundo a haitiana a

validação de diploma⁶⁶, condição essencial solicitada nas vagas de emprego que disputava, é um processo muito burocrático aqui no Brasil e que não entendia muito como deveria ser feito.

Ah! Tive que ir muitas vezes atrás de serviço. Aprendi falar o português, fiz aulas um tempo na Caritas aqui em Maringá e mesmo assim não tinha emprego para mim. Até me chamavam para ir lá conversar, pegavam meu diploma, mas não valia aqui, tinha que ir validar, eu não entendia na época sobre isso de validar, era muita coisa que tinha que fazer, não tinha tempo e nem sabedoria e sempre não era para mim o emprego e sabia que muitos haitianos igual eu que chegou aqui naquela época, tinham seus diplomas e tiveram que procurar emprego em outros lugares que não de suas profissões e resolvi guardar esse diploma e como tinha que sustentar meus filhos, e não consegui arrumar nada na minha profissão, tenho dois filhos para dar o que comer e trabalho é trabalho e fui atrás de ter um arrumei um serviço no comercio e estou até hoje trabalhando no comercio aqui em Maringá. (Miquelita, 45 anos, separada, enfermeira de formação, residente 6 anos em Maringá).

Nesse sentido, vale registrar que muitos dos haitianos que migraram para o Brasil, tem qualificações e que como foi narrado por alguns deles nesse estudo, que se vem obrigados à trabalhar em areas diferentes da sua formação, pois tem a urgência da sobrevivência e as restrições que o mercado de trabalho impoe aos imigrantes no Brasil. A escolaridade dos haitianos não é tão diferente da do cidadão brasileiro, como afirma Paulo Almeida:

A maioria das pessoas tem nível de escolaridade de médio incompleto, médio 29% completo, fundamental completo – cerca de 60% da migração haitiana. Superior completo e incompleto são 10%. Fundamental incompleto é grande também. Se levar em consideração que a população brasileira que tem nível superior é de 17%, para eles 10% não é um número tão baixo. Você vê professores, pessoas que falam vários idiomas (ALMEIDA, 2012).

Mesmo assim, eles precisam se sujeitar as oportunidades que lhes são oferecidas, visto que muitas vezes têm a responsabilidade de mandar dinheiro para os familiares que ainda se encontram no Haiti. Neste sentido, as funções que ocupam no mercado de trabalho brasileiro passam a impressão de já terem um lugar préestabelecido, como explica Elizete de Oliveira: “há o problema de preconceito, principalmente por serem negros, o que faz com que automaticamente sejam configurados para terem trabalhos subalternos.” Toda essa dificuldade na língua portuguesa, e problemas em validações de diplomas de capacidade tecnica aperfeicoada no Haití, faz com que a maioria dos imigrantes sejam forçados a aceitar salários

⁶⁶ Os estrangeiros que possuem diploma de graduação precisam solicitar a revalidação do diploma através de um requerimento em uma Universidade Pública brasileira pública, para ser reconhecido o curso deve ter o mesmo nível e área (BRASIL, 2017).

baixos sem reclamar, pela necessidade do trabalho e dessa forma o trabalhador imigrante é visto pelos empresários como um potencial a mais na geração de lucro.

Os empresários têm enxergado neles, sobretudo nos haitianos, uma oportunidade para reduzir seu custo de produção. Uma pesquisa feita pelo economista britânico Paul Collier, para a Organização das Nações Unidas (ONU), mostrou que, em 2009, o Haiti tinha um grande excedente de mão de obra qualificada. Segundo o estudo, o trabalhador haitiano custava mais barato que o chinês. (SANCHES, 2014)

Existem alguns exemplos vinculados à mídia brasileira relatando as condições de trabalho as quais os imigrantes estão sujeitos, e em alguns casos comparando-se ao trabalho escravo.

O suor que escorre pelo rosto se junta à poeira negra do carvão e tinge a face e os braços de Ivon Belisarie. A fuligem avermelha seus olhos. Desde que chegou ao Brasil, a dois anos e meio, de segunda a sábado, das 8h às 17h, o imigrante haitiano corta madeira, abastece fornos que produzem carvão vegetal e ensaca o produto que será enviado a centros urbanos do país, numa carvoaria em Maringá (PR). Ele não se senta um minuto. Emagreceu tanto que está abaixo do peso. (SANCHES, 2014)

As condições de trabalho com discriminação racial desde a época colonial que são atribuído às pessoas negras imigrantes ou não no mundo é retratado por Aníbal Quijano (2005) ao analisar a estrutura de poder e da sociedade da América Colonial, argumenta que os negros eram tratados por definição como escravos, os índios servos, os não-índios e não-negros eram os amos, patrões, comerciantes, ou seja, os senhores no controle do poder, nessa estrutura social, os mestiços eram definidos de acordo com a sua “cor”, para qual seria o seu lugar na divisão social do trabalho. Condições parecida, quando observada nos dias atuais na contratação de migrantes haitianos no mercado de trabalho brasileiro. Na narativa do haitiano Wilkison, a maioria das vezes são obrigados pelos patrões a elaborar serviços ao qual não fazem parte das suas funções. Por ser imigrantes e negros e muitas vezes estar necessitando muito do emprego, são obrigados a aceitar o que for proposto. Nesse sentido o patrão é que determina inclusive o valor salarial da vaga de emprego e demais condições. Na entrevista, Wilkison, informou que esse é um fato que contribui para que os haitianos consigam até de uma forma rápida seus empregos na cidade pois essa aparente aceitação por necessidades financeiras precisam concordar com as condições da empresa e acabam que agradando sempre aos patrões.

Para emprego eu acho que não é difícil aqui em Maringá, porque nos os haitianos pegamos qualquer coisa. Aqui na cidade tem alguns lugares que prefere contratar haitianos em vez de brasileiros, (risos) pois os haitianos não reclamam do salário e nem dos serviços que fazem. daí os empresários aproveitem deles, e pagam muito pouco

entende? Chegam na empresa e o serviço nem é sempre o mesmo da vaga .Eles os patrões sabem que vamos aceitar mesmo, e depois temos que trabalhar em dois lugares. Mas eu gosto daqui sabe? Só precisa estar trabalhando e não entendo isso de preconceito, na hora de dar para nós os empregos, mas eu existe isso sim eu sei que existe. Mas não entendo pois o Deus do Haiti, é o mesmo do Brasil né? (Wilkinson, Solteiro tem 29 anos, professor de Inglês residente em Maringá 5 anos)

Wilkinson, mesmo alertando problemas discriminatórios no processo do acesso ao trabalho, deixou evidenciado que na Cidade de Maringá, o emprego é analisado como sendo a maior superação . “ *Imagine , chegar em uma outra cidade , em um outro País, ser diferente e adaptar ao ponto de arrumar um emprego e seguir “*, relatou o Hataiano com muito orgulho.

Muitas vezes a percepção que os próprios haitianos tem sobre o processo de classes e etnias que existem no Brasil, faz com que eles já acatem todas as decisões que são repassadas sobre sua vida no ambiente de trabalho. A maioria aceita as condições de exploração por medo de sofrer discriminações e não conseguir outra oportunidade de emprego na cidade. Essa vulnerabilidade social sofrida pelos imigrantes, tal como a falta de políticas voltada para os mesmos, impulsiona o surgimento do trabalho análogo às condições de escravidão para os imigrantes que chegam ao Brasil.

Segundo Pierre Bourdieu (2006, pg.124), as minorias, dominadas pelas relações de forças simbólicas, “não tem outra escolha a não ser a da aceitação [...], da definição dominante da sua identidade ou da busca da assimilação a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma”. Essa noção de luta pela exclusão ou da subversão das relações simbólicas é constante em grupos minoritários.

No meu trabalho aqui em Maringá a minha relação com os demais na empresa é somente o trabalho eu sempre me esforço para trabalhar isso faz com que todo mundo gosta de mim na empresa. Eu faço que meu patrão pede e meus colegas também pedem eu faço . Não tem porque eu não fazer , estou lá para trabalhar mesmo. (Pierre, estudante de Comércio Exterior, 27 anos, residente 5 anos em Maringá).

Outro ponto levantado nas narrativas dos haitianos, que participam nesse estudo, diz respeito as condições financeiras, para sobrevivência na cidade de Maringá. Há relatos de

salários baixos, em torno de um salário mínimo⁶⁷ e que não permitem adquirir quase nenhum bem material, além de não compreender muito as leis trabalhistas brasileira, e acreditam que perdem muito sem saber como funciona ao certo seus direitos. Uma das consequências da baixa remuneração é refletida na questão da moradia. É o que relata Gerard:

O apartamento aqui em Maringá para alugar, custa cerca de aproximado \$ 1.500,00, no serviço recebemos um salário ou quando muito chega em uns \$ 1.300,00 reais, por mês, como iremos alugar um apartamento para viver uma vida melhor assim? Não falo vida luxo, mas uma vida melhor, não dá para fazer. A maioria dos haitianos que vivem aqui em Maringá, tem suas famílias lá no Haiti e precisam mandar dinheiro também, não dá para fazer nada com o salário. Temos que trabalhar dae em dois serviços senão não vivemos de jeito nenhum aqui. Isso me decepcionou muito. Como não entendo ainda muito bem das leis do trabalho aqui, não sei se podem fazer tudo que fazem. Não sei se meu salário é de acordo entende? Por isso que a maioria de nós mudamos tanto de serviços, sabe porque não entendemos muito aqui eu isso atrapalha ou ajuda e queremos uma qualidade de vida razoável pelo menos e ganhando tão pouco, achas que temos o que?(Gerard, estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá).

Como já abordado antes, uma das consequências da baixa remuneração em seus empregos é refletida na questão da moradia. A maioria dos haitianos que vivem no Brasil, dividem suas moradias com mais pessoas ou vivem em casas pequenas. O jornalista José Carlos Fernandes em seu seu texto “Pensão Haiti” para Gazeta do Povo retrata o cotidiano de haitianos que vivem em pensões no centro de Curitiba. Em uma das pensões, Fernandes descreve o ambiente que vivenciou:

A hospedaria tem três andares, um puxadinho no telhado e pelo menos 25 quartos. É pintada de azul vivo, dando igualmente ares tropicais a essa cidade sem mar. Os corredores abertos para um pátio são tomados por roupas no varal. As sete crianças que ali vivem jogam bola no quintal, indiferentes à rapaziada que frequenta os bares da Praça Garibaldi, logo em frente. No fim das tardes, a “Pensão Haiti” cheira a banho tomado e a comida nova – feita em fogõezinhos de duas bocas. Nas tevês de 20 polegadas os moradores assistem a programas evangélicos ou ao noticiário policial. Os sons dos canais se misturam ao dos pequenos em busca de um gol e ao da conversa dos adultos na sacada. (FERNANDES, 2015)

Na cidade de Maringá, não é diferente as condições de moradia desses migrantes .

Quando cheguei aqui em Maringá, dividíamos um quarto de uma pensão que uma empresa tinha alugado com mais cinco amigos

⁶⁷ No Brasil, o salário mínimo é assegurado por lei e têm reajustes de acordo com a inflação. Em 2020, o salário mínimo subiu de R\$ 948,00 para R\$ 1.045,00.

haitiano tambem...risos...me lembro que para tomar banho tinha hora marcada senão dava briga . Hoje divido com três (Gerard estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá).

Toda essa dificuldade por uma moradia com mínimo de conforto se deve além dos baixos salários, à problematização relativa aos valores dos aluguéis na cidade onde é exigido do locatário pelas imobiliárias muitos documentos⁶⁸ e confirmações de rendas que não são a realidade desses migrantes . A complexidade na cidade em conseguir uma moradia é afirmada pelo tanto na compra quanto na questão do aluguél cujo valor é considerado muito alto pelos migrantes. vale dizer que em Maringá atualmente estão estabelecidas 260 imobiliárias com aproximadamente 1.650 corretores de imóveis autônomos. Contudo, sabe-se que o montante de corretores não credenciados junto ao Conselho, conhecidos como “picaretas”, atuando na cidade e região, é muito maior que o dos credenciados. (CRECI/MARINGÁ, 2020).

Estes agentes que operam no setor imobiliário em Maringá tem forte atuação na definição do espaço, dá continuidade às zonas já definidas no projeto da cidade, mas preocupa-se com a valorização de algumas áreas, em detrimento de outras e sempre, apresentam um discurso no qual se dizem preocupados em manter a cidade bonita, próspera e sem sinais algum de pobreza. Toda essa constatação fica evidente na narrativa do migrante haitiano Gerard, que sentiu discriminação ao tentar locar um imóvel mais na área central da cidade.

Eu e mais três amigos decidimos dividir uma casa e fui alugar uma casa mais perto do meu emprego que ficava lá perto do centro e na imobiliria já me mostraram casas só de bairros . Foi bem chato isso eu nem queria ver pois queria morar perto do emprego. Além disso perguntaram várias vezes quanto era minha renda. Sei que meu salario não daria mesmo, mais eramos três para pagar. Acho que não queriam nós ali. Posso estar enganado mais acho, eu queria um melhor lugar para morar e que fosse mais perto das coisas que uso. (Gerard estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá).

⁶⁸ Segundo informação da CRECI-Conselho Regional de Corretores de Imóveis do Paraná – delegacia de Maringá, praticamente todas as imobiliárias na cidade solicitam uma documentação parecida necessário para o locatário pessoa física: RG e CPF (se casado, do casal) cópias autenticadas; Certidão de casamento (óbito, divórcio quando for o caso); Comprovante de rendimento superior a 03 (três) vezes o valor do aluguel líquido; Comprovante residência (Luz, Água ou Telefone); Declaração de Imposto de Renda completa; Ficha cadastral preenchida e assinada; além do fiador pessoa física que pode ser exigido um comprovante de rendimento superior a 4 (quatro) vezes o valor do aluguel líquido do imóvel.

Gerard, em toda sua narrativa, descreve superações ao qual ele tem vivenciado em Maringá, mas também esclarece algumas decepções. Um das dificuldades enfrentadas por Pierre na cidade e não superada é a questão da decepção sobre a qualidade de vida que esperava ter no país quando migrou. Almeida et al (2012) dizem que a qualidade de vida envolve parâmetros de diversas áreas: saúde, arquitetura, urbanismo, lazer, gastronomia, esportes, educação, meio ambiente, segurança pública e privada, entretenimento, novas tecnologias que se relacione com o ser humano, sua cultura e seu meio, muito disso, são cabíveis quando a condição financeira permite. A qualidade de vida geralmente se refere ao grau no qual a vida da pessoa é desejável contra ao indesejável, muitas vezes com ênfase em comportamentos externos, como fatores ambientais e rendimentos. Ou seja, muito da qualidade de vida é correlacionada com os valores de salários recebidos, trazendo uma discussão que praticamente foi narrada por todos os haitianos que participaram desse estudo, que é a condição dos baixos salários que recebem em seus empregos na cidade e que em muitos casos, acabam por concordar com os valores atribuídos a sua carga horária nas empresas, por não conhecer as leis trabalhistas brasileiras, mesmo com participações em cursos sobre o assunto acreditando assim, muitas vezes apenas na fala dos patrões. Sobre o não entendimento e dúvidas em questão das leis trabalhistas no Brasil, que passam os imigrantes haitianos, Rosseto e Gomes 2017, p.190, descrevem que:

Os haitianos enquanto trabalhadores no Brasil levantam muitas questões críticas com relação a sua atividade, muitos não estão totalmente documentados, mas pagam impostos como os brasileiros, inclusive de vários serviços que não utilizam, pelo menos até estarem legalizados. Outro fato se dá com os direitos trabalhistas, a falta de conhecimento da legislação brasileira, não garante a eles que estejam recebendo todos os seus direitos pelo trabalho exercido, muitas vezes trabalhando em condições precárias, dentro de frigoríficos, balcões de costuras, carvoarias e outras atividades que eles estão exercendo no país, não sendo recorrente apenas à cidades grandes, mas sim, cidades de pequenos a médio porte. (O Globo, 30/08/14).

Além de todas as dificuldades para entender as leis trabalhistas brasileira a maioria dos imigrantes haitianos ainda precisam lidar com a discriminação por ser estrangeiros na hora de conseguir um emprego. A discussão também é estabelecida nas reflexões de Gerard, ao citar uma situação que ocorreu na tentativa de conseguir emprego em Maringá, há um tempo atrás:

Na questão do emprego, eu acho que faz ficar ainda mais difícil, para nós os haitianos de conseguir, é porque não sermos brasileiros e povo quer que voltamos para o Haiti e a maioria dos donos de empresa aqui em Maringá não confiar muito que nós os haitianos podemos fazer

certinho os serviços, não sei se isso ocorre no resto do Brasil, mas aqui em Maringá eu senti isso sabe. Eles não confiam muito que a gente vai trabalhar correto. Uma vez na entrevista na sala do emprego, a moça me disse que não ia dar certo o serviço porque ninguém iria entender nada o que eu falo. Me agradeceu e pediu para eu ir embora, nem me ouviu sabe. (Gerard, estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá).

Os baixos salários que marcam as relações de trabalho dos imigrantes que vivem na região sul do Brasil, se repetem em Maringá. Geralmente por empresas com produção baseadas em larga realização. A precarização das condições de vida, são ressaltadas frente a necessidade de continuar enviando remessas em dinheiro para o Haiti, já que a imigração haitiana, também tem em suas raízes, traços que indicam que, deriva-se a vinda de novos imigrantes como a manutenção econômica dos que ficaram e precisam do dinheiro que decorre do trabalho dos haitianos que estão trabalhando fora de seu País. (CASSOLI, 2018). A condição de ser emigrantes dos haitianos está tão enraizada na cultura do país, que até existem órgãos do Estado para tratar desse fenômeno social, pois além da importância cultural e social ganha dimensões econômicas, que segundo Fernando e Castro (2014, p.11.), “as remessas enviadas por esses migrantes representam aproximadamente 25% do PIB do país. Especialmente desde 2012, as remessas como porcentagem do PIB do Haiti voltaram a apresentar tendência de crescimento, período esse ao qual aumentava consideravelmente o fluxo migratório haitiano pelo mundo. Ainda sobre a importância dessas remessas enviadas pelos emigrantes ao Haiti, Luís Felipe Magalhães (2017), salienta que estas, representam cerca de 150% das exportações do país, e que oscilou entre 22 e 26% do PIB nacional no período de 2005 a 2014⁶⁹.

Como é necessário, na maioria das vezes dividir o salário que recebem no Brasil com familiares que ficaram no Haiti, um emprego não é suficiente devido ao valor que é de baixa remuneração e acabam trabalhando em dois ou mais empregos transformado –os em trabalhadores integrais, sem tempo para fazer mais nada, como afirma Gerard haitiano que vive em Maringá já alguns anos.

⁶⁹ Vale salientar que segundo Joseph Handerson (2015), a Constituição de 1987 do Haiti, não permitia a dupla nacionalidade. Segundo a legislação, quem optava por outra nacionalidade automaticamente rejeitava a cidadania haitiana e perdia alguns direitos políticos e sociais. Mas devida a importância no país de quem reside no exterior, em 2012, o então presidente Michel Martelly promulgou uma emenda constitucional, concedendo o direito à dupla nacionalidade, permitindo que esses tenham mais de um passaporte, além de votar e concorrer a diversas funções eleitorais, ou seja, permitindo que quem mora no exterior participe da vida política na nação.

Não dá para fazer mais nada aqui, só trabalhar. A maioria dos haitianos aqui em Maringá, usam bicicletas para locomover até seus empregos senão não daria tempo, é o veículo da maioria porque ganha pouco demais no serviço. Lá no nosso país, só as crianças usam bicicletas, mas aqui temos que usar porque o salário que ganhamos mal dá para comer e como a maioria trabalha em mais de um serviço, a bicicleta, ajuda e muito e mesmo assim, tem vezes que não dá tempo para nada, e muitas vezes são serviços pesados que quando chegamos em casa só queremos descansar e é por isso que digo que o serviço consome o dia todo nosso e como a maioria trabalha em mais de um emprego, consome também as noites ou final semana e em trabalhos pesados sabe que cansa mesmo. (Gerard, estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá)

E assim, vai se construindo as características de muitos trabalhos ofertados para imigrantes no país, características essas que acabam reservando a maioria dos imigrantes, trabalhos desvalorizados, precários e mal pagos. Entretanto precisam trabalhar e mesmo em algumas condições desfavoráveis de empregabilidade relatadas, ainda é melhor que no Haiti mas há a percepção do desconforto, exploração, dificuldades para morar e se locomover em Maringá.

O que é visto pela sociedade brasileira como favela e baixa remuneração, têm sido encarados como conforto e dignidade pelos haitianos, que vêm de um país onde não há oportunidades de emprego, não há dinheiro, várias construções destruídas pelo terremoto ainda não foram recuperada, há ausência nos serviços públicos essenciais, desse modo as pessoas estão passando fome, boa parte sequer têm água para beber, e a criminalidade e a corrupção encontram-se em níveis inimagináveis. Então, a maioria da população está em situação de vulnerabilidade social e financeira, diante desse cenário de penúria existente no Haiti os imigrantes se veem obrigados a aceitar as condições precárias em seus empregos, conforme narra abaixo ao haitiano Chey, de 42 anos que vive em Maringá desde de 2015, e que atribuiu ao seu trabalho na cidade, o fato de conseguir dar uma vida digna para sua filha de 14 anos que ficou no Haiti e os outros 3 filhos que residem com ele em Maringá.

Aqui no meu trabalho em Maringá eu ganho \$ 1,300,00 por mês, mando para minha filha lá no Haiti, \$ 600,00 reais todo mês. Ela consegue pagar para estudar com esse dinheiro e o resto fica para minha família que está lá. Quando precisa de mais, eu trabalho mais aqui para mandar para ela. Tenho muito orgulho dela que vai conseguir estudar no nosso País e isso não é todos que conseguem. Ela será um exemplo no nosso Haiti e graças a meu trabalho aqui em Brasil em Maringá. Quando aperta muito a falta do dinheiro, eu tenho o

cartão alimentação que meu emprego me dá. É muito bom. Bom mesmo isso ajuda muito. Muito mesmo. Por isso que falo que aqui em Maringá, me deu mais dignidade sabe para viver e eu consigo ajudar minha filha, isso é um sonho. Lá no Haiti não ia conseguir isso. Tem muito desemprego e violência. (Chey, auxiliar de produção, casado, 42 anos, residente 5 anos em Maringá).

Na maioria dos casos os imigrantes entrevistados não pensam apenas no seu sustento próprio, mas também de suas famílias que estão lá no Haiti. Inclusive, todos os entrevistados possuem parentes que ficaram lá no país origem e que precisam das remessas em dinheiro mensalmente, variando, em uma média, entre dois a quatro parentes, entre maridos, esposas, filhos, irmãos e cunhados. Esse fato também é confirmado na pesquisa realizada por Magalhães e Baeninger (2016), que ressaltam que os imigrantes sempre estão voltados ao sustento dos familiares, tanto os que vieram junto para o Brasil, quanto os que ficaram no Haiti aguardando o envio de remessas de dinheiro pelos parentes que já estão trabalhando no Brasil. Isso reforça a importância na economia haitiana através das remessas daqueles que vivem no exterior, entretanto de acordo com Durval Fernando e Maria Castro (2014), apesar dos recursos que aportam ao Haiti, a emigração tem também seu lado preocupante. Em 2010, daqueles que receberam educação superior no país, 85% se encontravam no exterior. Como também, o país se torna dependente de remessas de quem reside no exterior, impactando todo o tecido social haitiano, e dificultando a superação dos problemas estruturais do país.

Vale registrar aqui, que mesmo esses imigrantes haitianos com educação superior, quando chegam no Brasil, ocupam cargos com baixa remuneração, ou seja independentemente do nível de escolaridade em que se encontram, atendendo a uma lógica de mercado em que o estrangeiro passa a ocupar um espaço em específico, qual seja: “garantir a disponibilidade de uma força de trabalho dócil e a bom preço, simultaneamente dificultando ao máximo a fixação estável” (MEZZADRA, 2012 p. 64). Toda essa vulnerabilidade ao qual encontra os imigrantes acaba colaborando para que sofram preconceitos e estigmatização.

O preconceito e a discriminação aliados à vulnerabilidade que esses imigrantes se encontram ao sair de seu país, também ocorrem na cidade de Maringá principalmente quando recém chegados, fazem com que essa força de trabalho seja superexplorada, já que mesmo que muitos desses imigrantes tenham mão de obra qualificada as oportunidades de trabalho são limitadas aos setores da construção civil e de prestadores de serviço, onde concentram as ocupações dos haitianos no mercado formal brasileiro também em Maringá. Além de muitos deles seguirem em trabalhos informais para garantir seu sustento.

4.5. Discriminações, Xenofobia e Racismo na percepção dos Haitianos que vivem em Maringá.

A questão da discriminação sofrida pelos imigrantes haitianos se dá nas mais diversas esferas, tanto no que diz respeito a xenofobia, quanto em virtude do racismo. O Brasil, historicamente, tem em suas práticas sociais e econômica a desigualdade racial. Se nos voltamos para história da construção das cidades brasileiras podemos observar os reflexos de um mecanismo colonial, que mesmo pós o fim do processo de colonização opera a todo vapor para manutenção das desigualdades raciais além de carregar traços seletivos em sua política migratória, adotando uma postura restritiva e seletiva para a recepção de migrantes. Para a população haitiana, a cor da pele acaba sendo mais um fator agravante dessa situação, existindo relatos de casos de xenofobia aos imigrantes haitianos ao redor do Brasil. Esse processo, antes de ser político, é social, posto que advenha de uma postura que se conforma com o desejo de se ter no Brasil uma paisagem racialmente construída nos moldes europeus, sobretudo se observarmos como se configurou a migração no século XIX e início do seguinte, bem como a concepção racista do colonizador português:

O preconceito racial foi uma realidade no Brasil, durante os três séculos em que foi colônia de Portugal. Judeus, mouros, negros, mulatos, indígenas, cristãos-novos e ciganos eram considerados inaptos para participar da sociedade colonial. As origens dessa situação explicam-se em função do processo histórico que determinou a evolução social e étnica da Península Ibérica (CARNEIRO, 2005, p. 207).

Afinal quem seria aceito no solo brasileiro, onde ainda prevalece uma ilusão da existência da democracia racial? São duas noções distintas. Num primeiro momento, foram traficados e trazidos forçosamente, por mais de 300 anos, migrantes africanos. A partir do século XIX, foram convidados migrantes europeus. Nesse sentido, onde caberia os migrantes haitianos em solo brasileiro? Migrantes esses que tem em seu país origem o primeiro país latino-americano e negro que inspirado pelos ideais de liberdade da Revolução Francesa conquistou sua independência em 1804, após passar décadas como colônia, sendo o primeiro a abolir a escravidão. Com o processo migratório do Haiti no Brasil evidenciou além do fato desses imigrantes serem pobres também estarem sujeitos ao trabalho análogo à escravidão e viverem em situações precárias, o racismo sofrido por muitos deles tem também sido objeto de constantes reportagens. Mas até que ponto, os haitianos que vivem em Maringá, tem a percepção que sofrem discriminação racial?

No Brasil, foi pouco, não posso dizer que aqui em Maringá sofreu discriminação racial só na forma de olhar, na hora que eu ia comprar um produto em uma loja lá do centro sabe? Tipo percebo que acham que não tenho dinheiro para comprar porque sou negro e estrangeiro. Mas bem diferente de quando estive no Equador e no Peru, lá sim era mais declarado, aqui em Maringá, não vou falar que não teve, sim teve, mas coisas como, o fulano é melhor trabalhador que você, porque ele não é do seu País, ou ficar de fofoquinha quando você entra no local, o cochicho sabe? Isso para mim é discriminação mas é leve. Mas não me incomoda essas coisas, até porque eu trabalho até hoje com o mesmo patrão aqui em Maringá e sou muito amigo do meu gerente, ele é do Paraguai e isso aproximou nossas histórias lá dentro da empresa, porque essas coisas de brincadeiras por não ser Brasileiro ele fica do meu lado. (James, casado, 25 anos, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos.)

Segundo Silva Júnior (2000, p. 83), “[...] ocultar o tema do racismo, e não reconhecer a sua presença no interior da sociedade se constitui num dos elementos centrais de estratégia de discriminação racial brasileira”. Tal estratégia, a exemplo, baseia-se na propagação da ideia de ser o Brasil, dentro e fora do país, um território receptivo e que recebe de braços abertos a todos os imigrantes, de qualquer nacionalidade e origem étnica. Sobre a fala do haitiano Jamesley, em relação as “fofoquinhas” assim chamada por ele que aconteciam no ambiente de trabalho, evidencia mais um indicativo de como o estigma é criado e transmitido pelos estabelecimentos contra a população imigrada. Elias e Scotson que descrevem a fofoca como sendo uma arma ideológica utilizada por um grupo dominante para subjugar simbolicamente um grupo dominado, afirmam que a fofoca é “um sistema de atitudes e crenças que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.65). Ou seja, a fofoca perfaz mais um instrumento que um grupo utiliza para justificar a sua superioridade e que muitos dos haitianos, aceitam por medo de que seus questionamentos façam com que percam seus trabalhos e seguem submissos ao que se julga dominante silenciando –se. Dessa forma o silêncio de muitos é compreendido como uma própria estratégia também utilizada para amenizar as dores causadas pelo racismo: silenciar-se.

Eu não ligo muito com falação com meu nome. Podem falar o que quiser, não ligo com essas coisas, quero é trabalhar, não deixo chegar até o meu coração, entende? Fico quieto, assim não corro risco de perder o emprego, não sabia como ia conseguir me manter em um país diferente sem minha família. Temos que não ligar com certas coisas, olha se eu tivesse incomodado lá no início não tinha conseguindo financiar a compra de meu automóvel além de custear o aluguel dessa

casa, entende? Eu dou é risadas quando isso acontece e é bom que todos gostam de mim lá, sempre sabia que vocês são brincalhões tem que adaptar. Então podem fofocar, brincar ou tirar saros de mim...risos. dizer que não joga bola bem por não ser brasileiro, não deixo ir pro coração e faço sempre o melhor no meu trabalho e ajuda todos (James, casado, 25 anos, cozinheiro, residente em Maringá 5 anos).

Na fala de James fica evidente que ele é vítima do racismo recreativo sendo manifestado através do humor. Essa percepção é tratada por Adilson Moreira (2019) em um livro chamado *Racismo Recreativo*. O autor nos aponta que as discriminações raciais em forma de piadas estão presentes nas manifestações culturais, como por exemplo no carnaval, nos meios de comunicação e nos ambientes esportivos. O racismo recreativo se alia ao racismo individualista, uma vez que pode ser considerado uma das formas de manifestações subjetivas do racismo. Dessa forma o autor afirma:

Os estereótipos raciais negativos presentes em piadas e brincadeiras racistas são os mesmos que motivam práticas discriminatórias contra minorias raciais em outros contextos. É mesmo possível afirmar que piadas e brincadeiras que reproduzem estigmas raciais não afetam a vida dos membros desses grupos, sendo então socialmente irrelevantes? Muitas teorias psicológicas demonstram que o humor não é uma mera reação reflexa, mas sim produto do contexto cultural no qual as pessoas vivem (MOREIRA, 2019, p.23)

Ainda de acordo com Adilson Moreira, o racismo praticado através de piadas e fofocas é uma forma desumana com característica de preservação da imagem do racista e é nesse sentido que ocorre o chamado racismo recreativo. Em entrevista ao site *Notícia Preta*, Adilson Moreira declara que :

o humor racista não possui uma natureza benigna porque ele é um meio de propagação de hostilidade racial. Ele faz parte de um projeto de dominação social que chamamos de *racismo recreativo*. [...] Esse sistema de opressão tem o mesmo objetivo de outras formas de racismo: legitimar hierarquias raciais presentes na sociedade brasileira de forma que oportunidades sociais permaneçam nas mãos de pessoas brancas. Ele contém mecanismos que também estão presentes em outros tipos de racismo, embora tenha uma característica especial: o uso do humor para expressar hostilidade racial, estratégia que permite a operação do racismo, mas que protege a imagem social de pessoas brancas. (NOTICIA PRETA, 2020)

É muito importante observar que os estereótipos que são expressos em piadas racistas são produto de percepções que naturalizaram a condição inferior do negro na nossa sociedade, independente se é ou não migrante, tais piadas racistas muitas vezes são aceitas por medo de acontecer o acolhimento daqueles que estão sendo inseridos. Chama a atenção no relato de

James a preocupação constante que tem em sempre se colocar à disposição daqueles que estão próximo dele. O agradar aos Maringenses, seja no ambiente de trabalho ou não, é notório na fala do haitiano. “*Se eu faço tudo certinho, todos agradam de mim*” (James). Uma possível, necessidade de ser aceitos e inseridos na sociedade, podem ser motivos para tanta cordialidade, pois muitos desses imigrantes podem vir a ser considerados pelos moradores das cidades ao qual estão inseridas como “incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123), justamente pelo fato de serem “estrangeiros”, o que configura o racismo a partir da caracterização cultural, sendo este grupo minoritário como detentor de uma cultura inferior à dos dominantes.

Muitas vezes aqueles que sentem ser o grupo dominante utiliza este subterfúgio como ferramenta para impor a exclusão sobre o grupo dominado, alegando que os mesmos são incapazes de se integrarem às normas vigentes na vida cotidiana daquele espaço social. Todo esse contexto torna-se ainda pior, se ocorrido no ambiente de trabalho, onde os dominantes, todo o poder ao qual acreditam ter sobre os imigrantes. Nesse sentido, o haitiano Pierre, descreveu situações que ocorrem no ambiente de trabalho com ele em Maringá que deixa de forma explícita os estereótipos que o negro imigrante sofre no Brasil e a super exploração sofrida pelos imigrantes na cidade.

Ah, até já ouvi, assim, você não vai conseguir fazer isso porque é haitiano, outras horas eles falam. Ah você consegue fazer esse serviço sim, porque você é forte negão gente boa. Outras vezes dizem assim, você não veio para cá, então tem que fazer sim quando o serviço é forte Volta para o Haiti . Mas não vou falar mais nada não sobre esse assunto, entende? Vou falar não, se não vai atrás da minha costa, sobra para mim entendeu? Mas que sempre sobrou para mim na empresa os piores serviços isso sobra. E eu sempre faço, faço sempre que outros precisam. (Pierre, estudante de Comércio Exterior, 27 anos, residente 5 anos em Maringá)

Segundo Darcy Ribeiro em seu livro “O povo brasileiro”, a estratificação social do Brasil se expressa em quatro estratos superpostos, correspondentes às classes dominantes, aos setores intermédios, as classes subalternas e as classes oprimidas (RIBEIRO, 1995). Ou seja, a população dos imigrantes não constitui um povo, mas uma força de trabalho.

Dessa forma, fica evidente que os estereótipos e o lugar negativado do negro na sociedade brasileira se dão porque vivemos ainda numa sociedade estruturada e pautada pelo racismo. É ele que determina o lugar e o não-lugar do negro seja brasileiro ou imigrante. O

negro/a no Brasil é um estrangeiro, não tem lugar e quando tem, trata-se de um lugar pensado para a subalternidade, pobreza ou de solidão (amorosa e/ou de companhia de sociabilidade). Nesse sentido, os haitianos são duplamente estrangeiros, sofrem dupla carga de preconceitos e discriminações. Essa construção social estigmatizada tem origem em atos carregados de pré-conceitos e sempre praticados por pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior, isto pode vir a “desenvolver relações xenófobas e racistas, na qual serão destacados elementos que diferenciam os grupos, reafirmando estereótipos, padronizando conceitos sobre um grupo, alimentando e/ou intensificando comportamentos discriminatórios” (TELLA, 2008, p.155).

Na maioria das vezes os imigrantes são considerados como um mal necessário, ou seja, trabalhadores que serão empregados em funções de subalternidade, cansativos e cujos salários estão a baixo dos pagos no mercado em setores que careciam de mão de obra e esses imigrantes haitianos, podem resolver essa situação e são constantemente considerados como invasores e sofrem discriminações de diversas formas no seu cotidiano. Foi o que narrou o haitiano Wilkinson, defensor da ideia de que a cor da pele não pode fazer diferença entre os indivíduos, esse imigrante, quase foi preso em Maringá, pelo simples fato de ter batido na porta de uma moradora da área central da cidade, para vender trufas e custear sua sobrevivência pois estava desempregado.

Para mim, essa questão de cor de pele não faz diferença por que somos todas criaturas de Deus. Mas nem todos pensam assim né? Aqui em Maringá, me lembro que quando cheguei e estava sem trabalho, teve um dia que uma moça, ali no centro sabe? que chamou polícia pra mim por ter batido no portão dela pra oferecer trufas pra agente conseguir uma grana a mais, acho que ela achou que eu era um ladrão, porque certeza Porque não era da cor dela, da raça entende? Um negro que não falava nem a língua dela no seu portão né? Até que tentei explicar, mas quando ela viu que não brasileiro, piorou, ficou mais brava. Depois com a polícia e tudo explicado, ela a moça disse que achou que eu era um ladrão e que iria roubar ela e que não era por causa de racismo sabe? E ficou tudo bem. (Wilkinson, Solteiro tem 29 anos, professor de Inglês residente em Maringá 5 anos).

É interessante notar que mesmo ele não tendo sido preso, as coisas não “ficaram bem”, pois essa foi uma situação de constrangimento, medo e humilhação que ele passou apenas por ser negro. Situação tão humilhante que não foi apagada da sua memória, mesmo que o seu discurso afirme que o fato foi superado, é perceptível que se trata de um momento de tensão que o marcou bastante.

Os estigmas que são associados inclusive à cor da pele, e também região de origem servem como instrumentos dos dominantes para desqualificar, discriminar e até inferiorizar,

obviamente que todo esse estigma é pautado pelo racismo que existe enraizado culturalmente praticado na sociedade brasileira e que em um primeiro momento parte da sociedade acaba por associar estes imigrantes utilizando-se de categorias raciais existentes acerca dos brasileiros negros. O imigrante haitiano passou a ter que lidar na cidade de Maringá com duas marcas de identificação, primeiro a de que eles eram negros, mas para além disso, estes negros eram imigrantes indesejados, o que trazia uma série de complicações, visto que no país, sempre existiu preconceito racial.

Essa questão de discriminação racial eu sei que acontece sempre aqui e comigo aconteceu várias vezes é mais no meu trabalho sabe? A população do Brasil sempre teve essa coisa racial né? Eu no meu emprego uma vez não deixaram atender as mesas lá de fora da calçada, eu atendo até aumentar o público quando aumenta sempre meu patrão pede para eu trocar com outro e ir para cozinha, já estou acostumado e meu patrão esses dias atrás disse que foi pedido por um casal que eu não atendesse eles e pediram um outro Garçon. Tinha varios lá negros hatianos e brasileiros e meu patrão mandou um de cor branca, mas isso já fizeram também com um colega brasileiro de lá negro sabe, então acho que isso é coisa de racial sabe? que tem muito aqui não era pelos meus serviços. (Roniel, 54 anos, Garçon, residente 7 anos em Maringá)

Com o relato de Roniel, fica evidente que o ato discriminatório sofrido é recorrente no estabelecimento e aceito pelo proprietário. Nesse sentido sofre com a xenofobia por ser imigrante e discriminação racial por ser negro. A população negra do país já sofre com preconceito e desvalorização em diversos locais no Brasil. Mesmo que no país são construídas imagens de que se há preconceitos, ele não é racial, mas social, é necessário deixar nítido nesse trabalho algumas posições sobre a existência do racismo em solos brasileiros. Ao analisar as formas de expressão do racismo, no Brasil Teun A. Van Dijk (2015, p. 19-52) reitera que

Esta é outra forma de negação, ao «transferir» ações negativas do grupo interno para possivelmente violações menos graves das normas sociais - como se a discriminação social fosse menos grave do que a discriminação racista. E, novamente, tal negação revela ignorância sobre todas as pesquisas que mostram que o principal fator das formas de discriminação é racial, mesmo quando combinado com aspectos sociais ou de gênero. Homens negros e ricos também experimentam formas de discriminação, mas é verdade que mulheres pobres e negras sofrem de uma forma tripla de discriminação. Mas, mesmo quando combinado na vida cotidiana, o racismo é um fator independente de discriminação. A maioria das pessoas negras no Brasil não é discriminada primeiramente porque é pobre, mas porque elas são negras. Na verdade, a principal razão para as pessoas mais pobres serem pobres é porque elas são negras. Racismo - voltando à escravidão - é a principal causa geral de pobreza no Brasil.

Segundo Lia Schucman (2010), o conceito de raça, no entanto, permaneceu relevante como construção social, caracterizando relações de dominação, e serviu de ferramenta para a compreensão de manifestações de racismo e de xenofobia, bem como se tornou mecanismo de afirmação e mobilização dentro da luta antirracista. Da mesma forma que Foucault (2010 [1997]) observou o racismo como mecanismo para exercer poder e controle, também a xenofobia cresce, em um mundo cada vez mais globalizado, e o “estrangeiro” visto como origem de diversos problemas e de ameaças. A noção de raça, depois da queda das teorias raciais (o racialismo), também figura como uma construção discursiva (o racismo) Sobre isto, constata Hall:

Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. (HALL, 2003, p. 69)

Sobre o conceito de raça, Wilkinson, haitiano que vive em Maringá sem parentes, afirmou que se pudesse, faria um discurso por dia para tentar provar que a contextualização de raça não pode separar seres humanos e que a base desses discursos seria união.

Vamos unir pretos e brancos para um Brasil melhor, uma Maringá melhor, onde ninguém possa ser um bem material e sim um humano. Eu converso com meus colegas haitianos e brasileiros e sempre que posso estou dizendo isso sobre que não tem nada haver essa questão de raça e que nós não estamos aqui como invasor e não vamos tomar emprego de ninguém. (Wilkinson, Solteiro tem 29 anos, professor de Inglês residente em Maringá 5 anos).

A constatação que a xenofobia e o racismo ocorrem de forma evidente em Maringá e fica demonstrada no discurso de *Wilskison* remetendo, ao período em que o trabalhador escravizado era visto como um objeto, ou seja, um bem material, por isso, podia ser alugado, vendido, comprado. Entrava na contabilidade das fazendas ao lado das cabeças de gado, das ferramentas e outros bens materiais que pertenciam ao fazendeiro (NUNES, 2006). Quando Wilkinson, afirma que é hora de unir “pretos e brancos”, percebe-se sua percepção da desigualdade racial que na cidade existe. Apesar de indiscutível, o racismo no Brasil, ainda é visto como tabu, em que muitos brasileiros acreditam viver em uma democracia racial em que não ocorre o racismo. “De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é

uma fonte de orgulho nacional e serve, no nosso confronto/comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado” (GUIMARÃES, 1995, p. 26). Não basta usar a democracia com fundamento apenas participação para política mas também de igualdade de direitos, igualdade social, igualdade racial e liberdade garantida a todas as pessoas. Pensar em democracia racial requer, portanto, pensar em uma sociedade em que todas as pessoas, independentemente de sua origem étnico-racial e da cor de sua pele, sejam livres e tenham direitos iguais e não agir praticando o racismo e a exploração. Há portanto um traço marcante e essencial da sociedade brasileira desde o início da colonização portuguesa, que é o racismo com diversas formas de manifestações onde o discurso oficial da classe dominante é o de apresentar o país como uma nação harmônica, multiétnica. E caso venho a ser reconhecido, esse racismo é apresentado como sendo ameno, ou cordial.

Trata-se de um ‘racismo sem racistas’, já que ninguém se considera racista, e a maior parte do discurso de brasileiros é que não existe o racismo no país. Essa Percepção do racismo é representada na fala do entrevistado, correspondendo ao que a pesquisa pretende investigar que é como esse racismo se manifesta em relação aos haitianos e como eles o tem percebido (ou não). Gerard, afirmou que ainda, não conseguiu, perceber atos discriminatórios na cidade, mas ponderou sobre a falta de políticas públicas para haitianos no país.

O Povo brasileiro maringaense é um dos povos mais educados do mundo. Não é um povo que gosta de discriminar os outros, é um povo que gosta de brincar fazer brincadeiras entende? Mas brincadeiras, pelo menos para mim . Sei de casos disso de discriminação com outros colegas mas comigo não que eles escutam que haitiano não é esperto porque nosso país é roubado . é porque somos lá um povo sofrido sabe não é porque gostamos de ser roubados pelos governantes. ? Mas eu mesmo sigo aqui na cidade e conseguindo muitas coisas boas.(Gerard, Estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá)

Gerard, deixa evidente que não se coloca no lugar de vítima. Sabe que acontece atos discriminatórios contra Haitianos, mas em sua análise o que com ele acontece é adjetivos para brincadeiras. Para uma melhor compreensão da fala de Jaberson, trazemos a concepção a partir do teórico português João Filipe Marques (2004), que discute o racismo como a modalidade neorracismo, uma nova tendência racista voltada para o preconceito, essa tem como princípio básico a cor da pele, mas também se preocupa com a origem. Portanto o neorracismo faz a divisão da população em grupos e subgrupos, em raças e sub-raças, numa escalada sem fim, de modo a que seja sempre possível, no interior de uma sociedade ou coletividade, apontar para

grupos inferiores, patológicos, doentes, anormais, poucos inteligente em oposição a grupos saudáveis, superiores, viçosos. Tudo é atribuído para que os discriminados pensem que suas vidas não valem muito. Trata-se da justificativa da manutenção da vida de alguns pela deliberada eliminação de outro qualquer. converte-se num slogan político e é, a todo momento, utilizado nas chantagens a respeito do direito à riqueza e ao bem-estar social. A grande chantagem está numa associação entre eliminação do outro com purificação da sociedade, como alerta Foucault: “a morte do outro, a morte da raça má, da raça inferior (degenerada, inferior), é isto que tornará a vida mais sã e mais pura” (FOUCAULT, 1996, p. 206)

Ah, Como eu disse brincadeira falam mesmo como , volta lá para seu Haiti, é lá que tem que ficar , o Brasil não é para você... essas coisas mais não foi comigo. O que eu vejo entende é brincadeiras e eu até dou risadas com as graças que eles que comigo fazem. Fazem com todos lá sabe. Bom eu vejo assim. (Gerard, Estudante de Comércio Exterior, 25 anos, residente 2 anos em Maringá)

E assim vai ficando evidenciado o racismo recreativo e o Cultural também conhecido como neoracismo sofrido por imigrantes em Maringá. Segundo o Adilson Moreira “as construções culturais que reproduzem a noção da superioridade moral das pessoas brancas operam como um ego ideal ligando a negritude a uma série infinita de significações de caráter negativo do qual as pessoas procuram se afastar” (MOREIRA,2019, pg,34), e assim surgem as brincadeiras racistas que na verdade não são brincadeiras. E o racismo tem com efeitos afetar a emoção, o comportamento, a sociabilidade, a percepção da alta estima uma construção da identidade.

De forma disfarçada em humor, essas brincadeiras fazem com que os migrantes negros, sofram outra modalidade, conhecido também como racismo cultural ou racismo sutil, como declara o pesquisador João Felipe Marques:

Uma forma menos brutal e menos arrogante, mas nem por isso menos perigosa. Já não é a 'raça' que é evocada na explicação dos comportamentos e aptidões de determinados grupos de homens, mas a cultura, a religião, as origens nacionais ou étnicas. O neo-racismo, tal como o seu predecessor, constitui uma forma de pensar que os sociólogos qualificam de essencialista. Isto é, as características de determinados grupos são percebidas como essências, como traços imutáveis inscritos na "natureza das coisas" que determinariam o 'ser' de todos os seus membros. Assim, o pensamento essencialista manifesta-se fundamentalmente através de dois mecanismos: atribui a todos os membros de um grupo, características que podem, efectivamente, ser encontradas nalguns dos seus membros; explica esses traços através da natureza imutável do grupo e não através da história, da situação social ou das condições de vida dos seus membros (MARQUES, 2004, p. 80).

Não concordo aqui com Marques (2004) quando afirma que trata-se de uma forma “menos brutal” para tratar de atos graves, pois, pela experiência e processos históricos na sociedade brasileira, compreendi que toda forma de racismo é brutal e se agrava ainda mais quando é sutil. Essas discriminações são categorizadas por graus e exemplificadas de modo gradativo, desde as piadas até a crueldade extrema do genocídio. É o que defende a autora Iray Carone (2005) que aborda a questão e descreve sobre as diversas formas de discriminação, que se caracterizam por “algum tipo de ação de um grupo dominante contra outros considerados inferiores e não iguais a ele”.

Uma piadinha de cunho racista, como tantas que se ouvem por aí, depreciando esta ou aquela raça a título de “gracinha” (...) Um apelido qualquer que compare uma raça a animais considerados inferiores ou conotados pejorativamente, tais como ratos, baratas, macacos, lesmas, etc. (...) Impedir um grupo negro de morar na zona em que imperam brancos, com medo de que isso venha depreciá-la financeiramente (...) Impedir alguém de ter algum emprego ou ascender no emprego por causa de sua aparência física racial (...) Marcar territórios de um país como de “brancos” e de “negros”, sem livre acesso destes últimos aos dos outros (...) Impedir um negro de freqüentar escolas ou outras instituições consideradas de brancos (...) Perseguir ou matar alguém por causa de sua raça (...) Justificar o genocídio de uma população por causa de sua raça (...) (Carone, 2005, p. 07-08).

Ou seja o grupo dominante articulará de alguma forma o racismo com suas práticas de exclusão daquele em vulnerabilidade. Sobre a forma de discriminação com piadas ou apelidos sobre a raça, o imigrante haitiano Chey, apresentou ter em sua fala a percepção do racismo sofrido em Maringá.

È aqui que disse, tem as brincadeiras do dia a dia sabe que não me incomoda . Lá na empresa não me chamam pelo meu nome. È sempre , hatiano, ou outros apelidos que nem lembro agora, como eu gosto de chamar todos de amigão, eles me chamam assim, “amigão” ou “haitiano” ou “negão”. (Chey, auxiliar de produção, casado, 42 anos, residente 5 anos em Maringá).

Dessa forma fica caracterizado que a discriminação sofrida por Chey, é legitimada na raça e cor, como comprova os estudos de Franz Fanon (1968, p.29), sobre raça e cor —o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. E a noção de raça se legitima em torno da cor, subjugando, portanto, o negro ao branco. Cabe destacar que mesmo como o aumento do fluxo de imigração no Brasil nos últimos anos, ainda é arcaico para muitos a questão de relações raciais como base de integração. Esse fato pode ser constatado no texto “Imigração e relações raciais”, de 1966 de Florestann Fernandes onde é mencionado que o fenômeno da imigração não alterou o sistema de relações raciais preexistentes, ao contrário, dele se beneficiou:

A imigração se adaptou às inconsistências do sistema brasileiro de relações raciais. Por conseguinte, não concorreu sequer para eliminar ou modificar os elementos arcaicos ou arcaizantes que impedem a inclusão dessas relações nos processos socioeconômicos e culturais que estão produzindo a modernização da comunidade. (FERNANDES, 1966:76).

Mesmo que há muito tempo o Brasil, já tinha contanto com as várias etnias com culturas diversas, o pensamento em relação a essa temática de raça e cor, são fatores que aumentam a não inclusão na sociedade de todos os indivíduos independente de sua origem. Importante reforçar que durante todo o período colonial no Brasil e até meados do século XIX, uma enorme quantidade de pessoas que juntas fornavam milhares e eram africanos foram trazidos obrigados para o país como escravos, ainda que não possam ser classificados como imigrantes, sua força de trabalho e influência cultural foram determinantes na formação do país e de sua sociedade, assim como no Haiti, que tem em seu passado uma forte intensificação com culturas que serviram para formar o país e que em sua maioria sempre foram desprezadas, transformando a história haitiana como sempre em um enredo fracassado e cheio de desumanização, atribuindo ao povo os erros e insucessos, como descreve em sua tese de doutorado concluída no Brasil o pesquisador haitiano Franck Seguy (2015), que no início do século XX, antes da primeira invasão militar do país, um subsecretário do Estado norte-americano, William Philipps, declarou em relação aos haitianos: “Trata-se de um povo inferior, incapaz de manter o grau de civilização que deixaram-lhe os franceses ou de desenvolver a aptidão mais mínima à autonomia que dar-lhe-ia direito ao respeito e à cobrança da comunidade internacional” (apud CHOMKY, 2006). Essa forma de exergar o povo haitiano, também foi percebida na percepção dos entrevistados dessa pesquisa, onde atribuíram em vários momentos já ter sofrido xenofobia na cidade de Maringá.

Acho que pensam que nós haitianos somos menos que todos, isso eu falo mesmo, é porque somos de outro País sabe, é tem muitos que não gostam mesmo da gente estar aqui. Uma vez no ônibus, esses de linha que tem aqui, estava eu e minha esposa, entrou uma senhora e não tinha mais lugar para sentar e eu percebi que nenhum outro homem dava o seu lugar para ela e levantei sabe? Lá no meu país não podemos deixar uma senhora em pé e nós sentados e a mulher não quis sentar no banco ao lado da minha esposa. Daí mais alguns minutos um outro vagou um lugar ao lado de um Senhor e ela imediatamente foi e sentou. (Chey, auxiliar de produção, casado, 42 anos, residente 5 anos em Maringá).

A narrativa de Chey, é afirmativa de que o fato foi representado por xenofobia. Percebe que tal fato marcou para Chey, pois no seu país não havia ainda sentindo e vivenciado antes

tal situação . Não somente pelo fato de que ninguém havia dado o lugar para a tal senhora, mas sim a decisão da mesma não aceitar sentar ao lado de uma migrante . O migrante muitas vezes sofre interferências de sua cultura de origem em contraste com a nova realidade. Isso acarreta em efeitos sociais, econômicos e culturais, uma vez que precisa adaptar-se à nova cultura, ao mesmo tempo que carrega consigo muitos elementos da sua cultura de origem que transparece em suas novas relações.

sei que estou num lugar diferente de tudo que eu aprendi, mas algumas coisas não acostumo porque sei que acontecem por não ser brasileiro. Alguns brasileiros daqui não gostam da gente por ser estrangeiros, eu já ouvi muitas vezes falas como, volta para seu Haiti ou acostuma meu amigo, sabe como brincadeira. (Chey auxiliar de produção, casado, 42 anos, residente 5 anos em Maringá).

É percebido que as formas de discriminação racial sofridas pelos haitianos na cidade de Maringá, na maioria das vezes ocorre de caráter essencialmente intergrupar e de forma que fica subentendido como sendo uma brincadeira. Todas as narrativas foram apontadas brincadeiras racistas sofridas por haitianos na cidade, muitas vezes proferidas pelos próprios colegas de trabalho que fazem uso constante de piadas racistas para constranger funcionários haitianos. De acordo com Adilson Moreira “Piadas racistas procuram então afirmar a ideia de que apenas pessoas brancas são agentes sociais competentes”.

O racismo recreativo existe dentro de uma nação altamente hierárquica e profundamente racista que formulou uma narrativa cultural de cordialidade racial. Ele reproduz estigmas raciais que legitimam uma estrutura social discriminatória, ao mesmo tempo que encobre o papel essencial da raça na construção das disparidades entre negros e brancos. (Adilson Moreira - entrevista carta capital 2018)

Essa forma de racismo foi observado por Van Dijk (1993), que afirma que o racismo não é meramente composto por atitudes individuais mas sim sustenta um sistema de poder – seja social, cultural, político e/ou econômico – de um grupo sobre o outro nas mais variadas esferas da sociedade. De acordo com o autor, a discriminação não está relacionada com personalidades individuais, mas sim às normas sociais e culturais, valores, ou ideologias de grupos dominantes.

Quando estou jogando bola como os colegas daqui, eles sempre falam que sou fraco para jogar futebol, que os brasileiros são os melhores e que nunca vou conseguir jogar igual eles e na brincadeira sempre perguntam se lá no Haiti não tinha bola se não tinha futebol. Falam

que eu ainda bem não era brasileiro. Não é incomoda mas fico constrangido tem hora. (Roniel, 54 anos, Garçon, residente 7 anos em Maringá)

O racismo deve ser entendido como elos físicos e culturais, muitas vezes utilizados por um grupo étnico para dominar outro grupo étnico minoritário. Muitos desses imigrantes podem vir a ser considerados pelos moradores das cidades como “incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123), justamente pelo fato de serem “estrangeiros”, o que configura o racismo a partir da diferenciação cultural, sendo este grupo minoritário como detentor de uma cultura inferior a dos dominantes. O grupo dominante utiliza este subterfúgio como uma ferramenta para exercer a exclusão do grupo dominado, alegando que os mesmos são incapazes de se integrarem às normas vigentes na vida cotidiana daquele espaço social e assim o estigma como atributo de descrédito reduz as oportunidades desse grupo impondo pela sociedade dominante a perda da identidade social aos dominados e esses indivíduos (imigrantes) tornam nocivo e incapaz e será sempre aqueles que estão fora do padrão social onde tentam ser inseridos.

Foucault (2010 [1997]) destaca que o racismo é exatamente esse mecanismo que exerce sempre poder e controle sobre o outro, assim também é a xenofobia que cresce, em um mundo cada vez mais globalizado, como instrumento político de mobilização, sendo o imigrante, o “estrangeiro” visto como origem de diversos problemas e de ameaças – ao emprego, à “identidade nacional”, à vida. Hopenhayn e Bello (2001) ressaltam que, na América Latina, a xenofobia tem suas raízes na discriminação étnico-racial. Observam ainda que o aumento de intensidade das migrações no mundo atual faz com que a dicotomia “eles”/“nós” seja fortemente baseada na xenofobia em escala global, manifestada em visões pejorativas, discriminação no acesso a oportunidades, e no extremo da violência xenofóbica. O migrante é caracterizado como o ser que está no lugar errado e que não tem os mesmos direitos pertencentes aquela sociedade local, sobretudo se não é branco e possui origens indígenas, afro-latinas ou afrocaribenhas. As manifestações de xenofobia e racismo podem ser observadas nas narrativas dos entrevistados nesse estudo de varias maneiras mais ou menos velada; porém, destacam-se episódios notáveis de discursos explicitamente xenófobos realizados na cidade e em destaque aqui o depoimento de um ex policial maringaneense que publicou um vídeo na internet ameaçando dois angolanos que foram agredidos e arrastados para fora de uma

revendedora de bebidas na cidade⁷⁰. *“Esses vagabundos, não importa se são negros, angolanos, haitianos. Vieram lá da terra deles, para causar confusão. Se algum dos meus for prejudicado por causa desses marginais, aí vocês vão ver o satanás”* (RPC 2020), disse o ex policial. O acontecido trouxe novamente para a mídia local e regional a discussão sobre o racismo e a xenofobia, entretanto o policial negou a existência de racismo na sua fala e ato.

Fica evidente que a falsa ideia da democracia racial ainda é acreditada no Brasil e que sustenta os mais variados contextos e práticas racistas, manifestações que são mascaradas de cordialidade contra o imigrante de pele negra que muitas vezes passou a conviver com o racismo somente quando passou a viver no Brasil como constata o relato de desabafo e denúncia de um haitiano afirmando que “Eu só descobri que era negro no Brasil” (II Seminário de fórum permanente sobre mobilidade humana, 2013) traduzindo dessa a discriminação racial que existe no país que recai também aos haitianos migrados. Compreendemos que esse olhar seletivo e racista da produção histórica do passado colonialista e escravista, assim como Frantz Fanon (1956) nos informa, visa negar que o racismo não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo, e que para manter essa opressão mesmo após o fim da escravidão foi desenvolvida novas ferramentas, para controlar não apenas as produções históricas, mas a cultura dos dominados. Carlos Hasenbalg (1979), em seu livro “Discriminação e desigualdades raciais no Brasil”, publicado no ano de 1979, afirma que as razões da marginalização social do povo negro são encontradas nas práticas ditas “racistas” e discriminatórias subjacentes ao período posterior à abolição.

A tão propagada “democracia racial” brasileira não passa de um mito, um instrumento ideológico que visa ao controle social pela legitimação da estrutura vigente de desigualdades raciais, impedindo que a situação se transforme em questão pública e, conseqüentemente, sujeita a intervenções estatais. Não podemos considerar o racismo como um “resíduo” da ordem escravocrata. Para o autor, a discriminação racial no Brasil é resultado direto das desigualdades entre brancos e não brancos em diferentes esferas – educação, economia, acesso ao trabalho – e foi reconstruída no tempo presente pela ordem capitalista. Toda essa marginalização social do povo negro realçada por Hasenbalg, agrava ainda mais quando esse povo negro também é migrante, como no caso dos haitianos que além de reiventarem-se em uma nova sociedade é preciso lidar com a discriminação racial que atingi todos os negros que aqui vivem com

⁷⁰ Ver mais <https://www.facebook.com/rpcparana/videos/angolanos-s%C3%A3o-agredidos-em-maring%C3%A1-boa-noite-pr/383756142965701/> Homem posta vídeo ameaçando angolanos que foram agredidos e arrastados para fora de revendedora de bebidas: 'Vocês vão ver o satanás'.

diversos tipos de racismo impostos pelo ambiente social que estão sendo inseridos. Dessa maneira, a desigualdade racial que atravessa o Brasil é cruel, porque nega direitos, constringe, agride, exclui, mata e, ainda sim, se mantém.

È bom descrever que o haitiano não se coloca como vítima. São praticamente em sua maioria muitos orgulhosos com suas conquistas na cidade de Maringá. Fica notório nessa pesquisa a facilidade de adaptação e de aprendizado dos haitianos com o novo e desafiador . Se no Haiti não tinha boas expectativas de trabalho no Brasil percebe que é possível ir além. ainda mais se investir em qualificação pela análise de alguns Haitianos. Toda essa ressitência do haitiano imigrante nos propõe a reflexão sobre questões fundamentais referentes às possibilidades de inserção dos migrantes haitianos no contexto de Maringá, e suas estratégias de humanização da relação com esses migrantes que podem ser desenvolvidas através da ação de estruturas de apoio públicas e privadas e que mesmo com toda a problemática que existe na migração haitiana na cidade em seu acolhido e inserção, esses povos tem na resiliência sua maior marca . Estão lutando e vencendo os desafios em todo o processo migratório ao qual são envolvidos ao chegarem na cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“EU GOSTO DO BRASIL, BRASIL GOSTA DE DE MIM”: MÚSICA DE ALIX GEORGES

“Eu gosto do Brasil, Brasil gosta de mim (bis) / Com licença, cheguei na tua casa, / Obrigado, por ter me recebido/ Não importa quem quer seja, não importa eu sou de lá, / O que importa veio pra cá pra estudar buscando uma vida/ Sou haitiano, tu é brasileiro, somos amigos, parceiros, guerreiros/ Somos guerreiros latino-americano, africano, meu irmão/ Eu gosto de ti, tu gosta de mim, vamos fazer conexão”

O Trecho acima da música “Eu gosto do Brasil, Brasil gosta de mim”, composta e cantada pelo haitiano Alix Georges que vive no Brasil, desde de 2006, evidencia uma mensagem com otimismo, mas também uma conscientização de preconceitos e pré julgamentos de valores na relação com os brasileiros e sua nacionalidade.

Ao longo dessa pesquisa foi constatado que o sismo do Haiti de 2010 terremoto catastrófico que teve seu epicentro, a cerca de 25 km da capital haitiana, Porto Príncipe, foi um importante marco para o grande fluxo migratório haitiano, que escolheu o Brasil como um dos seus principais destinos mas, essa não foi a principal causa, foi apenas mais um elemento, por mais importante que tenha sido. Descobrimos que a emigração não é apenas enraizada na cultura haitiana, mas que ganha também status de política de Estado, que depende das remessas de recursos dos emigrantes para que a economia do país se desenvolva. O grande fluxo migração dos povos haitianos também tem como consequências as intervenções imperialistas que o país vem sofrendo ao longo da sua existência, que busca a manutenção do país na posição de subalterno e dependente no sistema do capital, ocupando o papel de ser força de trabalho de baixo custo na divisão internacional do trabalho, como os demais países da periferia do sistema capitalista. Entretanto, o Haiti é um país para além da sua posição no processo de acumulação do capital, tem uma particularidade, que é o racismo dos Imperialistas perante a essa nação, que é majoritariamente formada por pessoas negras, e tem uma história marcada pelo enfrentamento ao processo do capital.

Independente da motivação migratória, ao chegar em território brasileiro, muitos haitianos ainda apresentam dificuldades de sair da condição de vulnerabilidade que trazem contigo de seu país origem e alguns passam a compor o grupo vulnerável apenas quando se inserem no Brasil por conta de terem direitos violados. Os obstáculos que enfrentam no país de

acolhida são diversos e semelhantes aos que viviam no país de origem. Todavia, além disso, passam também a vivenciar novos conflitos devido aos problemas de comunicação por conta dos idiomas serem diferente e dos problemas relacionados a casos de preconceitos raciais, dificuldades de acesso à educação, precarização do trabalho, entre outros.

Com poucas políticas públicas por parte do Estado brasileiro, o terceiro setor tem se destacado em algumas práticas de acolhimento. A recepção, acolhida e integração à sociedade desses haitianos têm sido feitas inicialmente pela sociedade civil com destaque para o trabalho das pastorais sociais que integram a rede solidária para migrantes e refugiados na cidade de Maringá, onde se destacam as organizações não governamentais como a Cáritas Brasileira e Associação de Estrangeiros residentes na Região Metropolitana de Maringá (AERM), órgãos esses que responsabilizam-se pela preservação da dignidade humana e oferecem serviços à comunidade migrante haitiana na busca de direitos humanos garantidos e, de fato, aplicados. O trabalho dessas Organizações não Governamentais junto com as Pastorais do Migrante, movimentos religiosos e até de pequenos grupos da população aparece na tentativa de prestar auxílio e prover as necessidades básicas desses imigrantes. Porém, essas ações não são capazes de suprir toda essa demanda.

Buscando contribuir para a área da ciência social, a presente pesquisa teve como objetivo central investigar a percepção que os imigrantes haitianos tem a respeito da discriminação racial existente no Brasil e como ela se reproduz também em Maringá. Como acontece o cumprimento dos direitos humanos dos imigrantes haitianos em Maringá, em relação as formas de inclusão, incentivo à proteção e dignidade desses imigrantes no Brasil e conseqüente melhoria das suas condições de vida. Na Contextualização da imigração apresentou como iniciaram as migração dos haitianos para o Brasil, analisando as principais motivações para estes estrangeiros escolherem o país como destino e também a cidade de Maringá. O terremoto de 2010, seus históricos de crises políticas e econômicas que devastaram o Haiti ao ponto de não ser possível a esse país recuperar-se sozinho, a boa imagem de um Brasil cordial, as facilidade da época em permanecer no território brasileiro e a indicação de oportunidades de empregos na cidade de Maringá que condiciionaria a uma vida melhor serviram de base para escolha da cidade como local de chegada e permanencia dos haitianos. Foi possível perceber que o fato do Brasil comandar uma missão de paz tão importante em território haitiano a MINUSTAH e que esteve ativa desde 2004 até 2017 fez com que a população haitiana enxergasse o Brasil como um país “amigo” do Haiti, acolhedor e com grande demanda de empregos para estrangeiros.

Do ponto de vista de acolhimento e integração na cidade de Maringá, ainda há que se realizar algumas melhorias para efetivamente alcançar qualidade de vida aos imigrantes haitianos. Uma das grandes dificuldades informadas por todos haitianos que participaram da pesquisa é em relação ao idioma. A língua portuguesa é considerada muito difícil por esses imigrantes, alguns inclusive relataram que o idioma acaba servindo como base para prática de racismo e de exclusão e motivadores de percas de direitos, visto que muitos não entendem a língua e conseqüentemente não compreendem suas condições de direitos sejam trabalhistas ou sociais. Assim o fato desses imigrantes não dominarem o idioma oficial do Brasil dificulta a integração social deles pois deixam de ser compreendidos pelos brasileiros, bem como muitos ficam sem acesso a serviços sociais básicos nas comunidades onde moram ou locais que trabalham por não saberem expressar o que precisam. Na questão do acesso ao trabalho se verifica pelos relatos que os haitianos são considerados antes de tudo uma força de trabalho, e são em alguns casos superexplorados em seus ambientes de trabalho e que sempre são atribuídos a eles as piores funções e as maiores cargas horária de trabalho. Todos os haitianos que participaram dessa pesquisa, chegando em Maringá encontraram desafios para a inserção em postos de trabalho, tendo em vista as barreiras linguísticas, culturais, discriminações, xenofobia, processo de validação de diploma, dentre outros que contribuem para a exclusão social dos mesmos, relacionado a isso a ausência de políticas públicas que atendam as demandas de trabalho que os mesmos possuem, e esses são vistos como necessários para o desenvolvimento da economia do momento uma vez que são trabalhadores disponíveis e aceitam quaisquer condições de trabalho em funções rejeitadas por trabalhadores nacionais. Sendo assim, uma hora são desejados, em outra não são mais conseqüentemente tornam-se vulneráveis a tendência da superexploração. Nota-se nas narrativas que a migração faz com que toda as experiências de vida e profissionais anteriores desses imigrantes são esquecidas perdendo suas identidades e não são reconhecidos os saberes e experiências anteriores à migração, deste modo, são empregados em cargos inferiores com baixas remunerações ao qual se quer atente economicamente a questões básica de alimentação e moradia e são considerados trabalhadores temporários, pois, desta forma, não são considerados cidadãos como todos os outros, com direito a exigir políticas que os atendam e principalmente o papel político. Portanto, foi observado que a situação do migrante haitiano em Maringá é muitas vezes a mesma observada na situação do negro no mercado de trabalho ao qual está estruturalmente associada à função de serviçal, à condição de exclusão, discriminação e ao subjugo do eurocentrismo. Assim pode afirmar que a partir da pesquisa bibliográfica e documental realizada para a construção desta dissertação, que no Brasil os processos históricos, políticos e sociais, advindos

do período pós-escravista, articulados com a formação do mito de democracia racial, promoveram um sistema de segregação racial e que também recai na condição do migrante haitiano.

Quanto à questão do racismo, o problema não foi somente identificar ou não a existência de racismo por meio da fala dos sujeitos, uma vez que temos como pressuposto a partir do referencial teórico e dos artigos utilizados para a discussão dos resultados sua presença irrefutável na sociedade brasileira. Trata-se, nesse sentido, de descortinar as formas como esse racismo se manifesta em relação aos haitianos e como eles o tem percebido (ou não). O processo investigativo no estudo demonstrou que os migrantes haitianos tem a percepção do racismo e como ocorre suas formas diversas no Brasil e todos os entrevistados nessa pesquisa sabem como a discriminação racial ocorre também na cidade de Maringá, entretanto houve contradições nos depoimentos coletados quanto as práticas de discriminação racial sofridas individualmente. Isto é, alguns dos entrevistados percebem pratica do racismo, enquanto outros não, e ainda houve aqueles entrevistados que preferiram não responder sobre o assunto quando ele era o sujeito central. O que fica evidente em todos os relatos e afirmações é que aquele país chamado Brasil onde havia uma oportunidade de melhorar suas vidas, habitado por individuos acolhedores e cordiais, se tornou um país com praticas de ódio, aversão e racismo contra muitos desses haitanos. A pátria que parecia ser de esperança se tornou uma terra do medo, incertezas e da exploração, entretando talvez por medo de retaliações a maioria dos entrevistados demonstrou tentar desvincular suas frustrações, falta de oportunidade e de direitos e também toda a discriminação racial e demais preconceitos sofridos ao referir a sociedade Maringense atribuindo muitas vezes o mesmo o título de sociedade acolhedora. Muitos sabem que a discriminação racial aconteceu, mas procuram relevar e seguir, são resistentes. No decorrer da pesquisa e a medida que o campo se estendia, ficou evidente que a sociedade maringense é em sua maioria constituída por hábitos que já estão enraizados no país todo o que nos leva a reagir de modos diferentes diante de diferentes migrantes. O olhar capta quem é o migrante pela classe, raça/cor e origem que acreditamos que ele tenha e, desse modo, decidimos como ele será aceito e se será aceito. Como o Brasil possui uma falsa democracia racial, a cidade de Maringá também segue esse hábito e o racismo é praticado de varias formas aliado a xenofobia contra os migrantes haitianos que vivem na cidade. Nos relatos descritos pelos migrantes, seja nas redes de sociabilidade ou ambiente de trabalho, as manifestações que traziam o estigma de classe contra os haitianos demonstraram que em sua maioria, os maringaenses tem imagens construídas de um migrante haitiano pobre e analfabeto, e que sempre serão apáticos,

acomodados, preguiçosos, propensos ao banditismo, a usufruir de benefícios sociais do governo brasileiro, demonstrando assim o racismo estrutural, recreativo e cultural sofrido pelos haitianos na cidade. Como essas formas de racismo foram citadas nos próprios relatos dos haitianos, fica evidente que sabem sobre as formas de estigma e discriminação que sofrem na cidade .

A discriminação que é evidenciada nos relatos é também aquela que se faz pela marca de sua origem, cuja raiz é a xenofobia, fazendo aparecer o haitiano como invasor, que não precisa ser respeitado, que pode ser subestimado, violentado, difamado a quem não precisa ser tratado com humanidade oportunizando, dessa forma, a divisão de oportunidades sociais e assim o racismo recreativo do “negão gente boa”, do “volta para seu haití”, do “vai lá esse é serviço de preto mesmo”, do “no haití existe futebol?” do “ ví você no meu portão, achei que era ladrão”, do “ quieto negão! , você nem é daqui !“, e muitos outros vão sendo reproduzidos e cada vez mais efetivando uma forma de preconceitos disfarçado em piadas , brincadeiras que apenas exclui e é reproduzido o humor racista que é um tipo de discurso de ódio. Com base nas narrativas dos entrevistados fica evidente que já sofreram episódios de discriminação e xenofobia no ambiente de trabalho e nos estudos e mesmo com os esforços de associações e organizações sem fins lucrativos na cidade, que sempre estão ofertando palestras, vídeos explicativos com temas que tratam o combate a xenofobia, haitianos ainda são vistos por parte da sociedade como os invasores e que deveriam voltar para o Haití.

Assim os imigrantes haitianos participantes da pesquisa encontram no período vivido em Maringá, preconceito e a discriminação racial nos espaços de circulação, situações que por alguns parecem ser driblados pelas competências incorporadas no contexto de origem, na preparação da ação migratória. De forma geral a negação ou aceitação com resiliência de toda essa discriminação e vulnerabilidades sociais parecem ser os principais dispositivos que diferenciam as práticas dos migrantes, suas formas de lidar com o cotidiano e de organizar estratégias futuras de inserções na sociedade maringaense e enfrentar o racismo e a xenofobia . Dessa maneira conclui-se que os haitianos pesquisados nesse estudo tem a compreensão do racismo na sociedade brasileira como acréscimo de todo esse preconceito e xenofobia sofrido e tem a percepção de como ocorrem na cidade de Maringá.

Os resultados obtidos neste estudo deixa claro que é a partir da questão das minorias compreendendo a transformação dos conceitos de raça e racismo que precisa ser abordado a imigração haitiana recente no Brasil e a estigmatização contra eles. Também os resultados dessa pesquisa revigoram a denúncia da situação de xenofobia e desigualdade racial que se impõe à estrutura das relações raciais e sociais em nossa sociedade, em especial no processo de inserção

do imigrante negro no mercado de trabalho e sua integração nos outros grupos sociais. Todas as constatações assinaladas podem ser úteis para se pensar a realidade local no que se refere à possibilidade de mobilidade, acolhimento e integração dessa população. Ou seja, servem como subsídio para se reivindicar políticas públicas, voltadas para a diminuição do racismo existente que afeta fortemente os imigrantes, mas também a população negra da cidade como um todo. (por exemplo, nas escolas, para que elas sejam espaços de inclusão e formação de uma sociedade antirracista), tanto para a inclusão na diversidade de ocupações existentes no município, quanto para promover uma maior visibilidade e valorização destes grupos sociais em Maringá.

Por fim, registro que por meio dessa pesquisa, consegui compreender as inquietações que tanto me incomodava nos últimos três anos. Estar em contato com as fontes de pesquisa para esse estudo trouxe além de conhecimentos novos também uma conscientização de que construir uma sociedade justa e igualitária onde os brasileiros e os estrangeiros possam viver dignamente no Brasil é possível, só depende do devido respeito aos direitos a cada ser humano, os quais devem ser respeitados independente do local em que se encontrem residindo. Com os resultados obtidos neste estudo revigoram em mim a denúncia da situação de desigualdade racial que se impõe à estrutura das relações sociais em nossa sociedade, em especial no processo de inserção do negro imigrante. Sou agora, mais observador e melhor, aprendi não aceitar calado qualquer forma de discriminação racial, hoje não ficaria em silêncio mediante as palavras daquela, xenofóbica e racista senhora, fato esse narrado na apresentação dessa pesquisa. Sou mais atento para tentar reduzir no próprio meio social e profissional que vivo qualquer distinção, exclusão, restrição, ou preferência em função da cor, raça, ascendência, origem nacional ou ética que vier acontecer.

O envolvimento com a pesquisa e tudo o que ela representava até mesmo na compreensão para respostas particulares, fez com que me colocasse no lugar do outro (haitiano entrevistado). Outro ponto que chamou minha atenção que deve ser considerado como resultado para reflexão da pesquisa é sobre a vinda desses migrantes para o Brasil. Os motivos pelos quais os haitianos entrevistados escolheram o Brasil como destino também são cheias de incertezas e imprecisão “ouvi dizer que”, “me falaram que o país era bom”, “ Ah! Lá falavam que gostoso viver aqui”. E nem essas incertezas, nem a xenofobia e discriminação racial sofrida, retiram desses indivíduos a vontade e esperança de vencer. Revigorei em mim mais esse sentimento de luta. Observei e compreendi em cada relato por mais que eram encerrado por um sorriso tímido que nada se vai por completo, que sempre existe marcas que fica.

Nesse estudo ficou demonstrado que as barreiras sempre existem, mas que o ser humano é capaz de superá-las para ter sua família em segurança, um trabalho, uma vida digna, não existem quilômetros que impeça e sim superações. Os haitianos que vivem na cidade de Maringá participantes desse estudo, deixa claro que mesmo com quantas novas lições, seja dificuldades com idioma, discriminações raciais ou xenofóbicas, estão disposto a aprender, adaptar e superar sempre sem vitimismo para ter uma vida nova em um país desconhecido. É evidente que tem problemas na migração haitiana na cidade de Maringá, problema de acolhimento e inserção no mercado de trabalho, pela discriminação, pelos salários, mas esses imigrantes estão conseguindo a partir da luta, do trabalho, força e da resiliência, de sua capacidade de vencer o legado de degradação da escravidão construir uma vida em Maringá. Dessa forma podemos afirmar que o Haiti é formado por um horizonte social e temporal que vincula as conquistas do passado com a promessa do futuro e legitima a luta popular de haitianos pelo mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. **Haitianos no Brasil e sua relação com a comunicação, o consumo e o trabalho**. São Paulo: Paulus, 2017.

ALMEIDA, Paulo Sérgio de. **legalização e emprego, haitianos trocam o Norte pelo Sul do Brasil**. Rede Brasil Atual, São Paulo, 21 nov. 2012. Entrevista concedida por Evelyn Pedrozo.

ALVES, Andréia Firmino. **Reflexões sobre a escravidão no Brasil (1810-1830)**. ERevista Facitec. vol.5, n.1, Art.5, s/p, ago-dez 2010.

A ARAS – **Associação de Reflexão e Ação Social**, Site: <http://www.aras.org.br/>. Acesso em 23 de março de 2019.

ARAUJO, Marivânia C. **O bairro Santa Felicidade por ele mesmo. Espaço urbano e formas de representações sociais em Maringá, Paraná**. Dissertação de Doutorado em Sociologia. – 2005. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

ARENDDT, Hannah . **A Crise Na Educação**.1961, pp. 173-196. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf. Acesso em: 01 de agosto de 2020.

ASSIS, Paulo. João, **Do Ayiti pérola das antilhas ao Haiti laboratório para o mundo: um estudo do país na divisão internacional do trabalho** (Tese Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade Estadual de Maringá – UEM, p. 130 , 2020.

_____. **Atraídos por uma ‘vida melhor’, haitianos dão de cara com ódio, preconceito e abusos no Brasil**. [oestrangeiro.org/20/03/2016](https://oestrangeiro.org/2016/03/20/retratos-da-injustica/), disponível em <https://oestrangeiro.org/2016/03/20/retratos-da-injustica/> acesso em 20/04/2020.

_____. A Mercadoria. In: _____. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 165-208.

BASTOS, Aureliano C. Tavares. **Cartas do solitário**. SP: Companhia Editora Nacional, 1975.

BAPTISTE, Chandeline Jean; VIEIRA, Joice Melo. **Catástrofe ambiental e migração internacional: a perspectiva dos migrantes haitianos na cidade de São Paulo**. **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BRASIL. Lei n. 6.815, de 19 de agosto de 1980. **Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 21 ago. 1980. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 15 fev. 2020.

BRASIL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública. Portaria Interministerial nº 10**, 6 abr. 2018. Diário Oficial da União, Brasília, 2019. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/cedula-de-identidade-deestrangeiro/documentos-necessarios-para-registro/acolhida-humanitaria/portariainterministerial-no-10-de-6-de-abril-de-2018>>. Acesso em jun. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2011.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Ministério recebe mais de 600 denúncias de discriminação racial**. Brasília: MMFDH, 2019a. Disponível em : <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/todas-as-noticias/2019/junho/ministerio-recebe-mais-de-600-denuncias-de-discriminacao-racial> : Acesso em: 07 jan. 2020.

BRAZ, M.; NETTO, J. P. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo:Cortez, 2006.

BEAUBRUN, Ardouin Etudes sur Lhistoire d’Haiti . Paris, Dezobry et E. Magdeleine, LIB.-Editeurs,1955.

Berger, P. L., & Luckmann, T. (2003). **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes.

BRITO, Angela Xavier de. **Habitus de migrante um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial**. Revista Sociedade e Estado, v. 25 n. 3, p. 431-464, Set/Dez 2010

BOEHM, Camila. **Brasil precisa definir políticas de acolhimento para haitianos, diz especialista. Reportagem**. In. EBC, Agência Brasil. 22 de maio de 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-05/brasil-precisa-definir-politicas-de-acolhimento-para-haitianos-diz> . Acesso em: 22 março 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção – Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007. Borges, L. O., & Albuquerque, F. B. (2004). **Socialização Organizacional**. Em J. C. Zanelli, A. B. Bastos, & J. E. Borges-Andrade, Psicologia, organizações e trabalho no Brasil (pp. 331- 356). Porto Alegre: Artmed.

BLUMER, Herbert. Symbolic Interactionism: Perspective and Method. Los Angeles, University of California Press, 1986

CAMARGO, Renata Ferreira. **Imigrações contemporâneas no Brasil: Haitianos no Amazonas**. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Práticas em Desenvolvimento Sustentável, Ufrj, Rio de Janeiro, 2013.

CAMPOS, Paulo F. S. **Moralizando o pobre: vadios, baderneiros e loucos na “cidade tecnicamente planejada para ser bela e sem problemas”**. In: DIAS, Reginaldo B.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. Editora Companhia das Letras, 2011.

GOLDMAN, Marcio. O fim da antropologia. **Novos estudos CEBRAP**, n. 89, p. 195-211, 2011.

GONÇALVES, José H. R. (org) Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

CAMPOS, Gustavo Barreto de. **Dois séculos de imigração no Brasil: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015**. Rio de Janeiro,

2015. 2017. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) –Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<<http://midiacidada.org/doi-seculos-de-imigracao-no-brasil/>> Acesso em 04 de março de 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Preconceito racial em Portugal e Brasil Colônia: os cristãos novos e o mito da pureza de sangue**. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Estudos, 197).

CARIGNANO, Júlio. Em ato simbólico, jovens cobrem pichações xenofóbicas em Cascavel (PR). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/30/em-ato-simbolico-jovens-cobrem-pichacoes-xenofobicas-em-cascavel-pr>. Acesso em: 27 Dezembro. 2020.

CASSOLI Bortoloto Claudimara, **IMIGRAÇÃO HAITIANA NO OESTE DO PARANÁ E A DISPONIBILIDADE LABORAL EM FRIGORÍFICOS**. Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, Ano 11, Vol XXI, Número 2, Jul-Dez, 2018, Pág. 325-347.

CHÉRY, Clarens. In: BETONI, Camila. Antropologia | Convidado: Clarens Chery. (1h55m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=my4h635WKdI>. Acesso em 15 Fev. 2021.

CORDOVIL, Fabíola. C. S. Projeto Urbano como propaganda: a construção da imagem da cidade de Maringá. In: MACEDO, O.L C; CORDOVIL, F.C.S; REGO, R.L. (Org.). Pensar Maringá: 60 anos de Plano. Maringá: Massoni, 2007, v. 01, p. 83-99.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

DE OLIVEIRA ANDRADE, Everaldo. O bonapartismo haitiano e a era Duvalier.2015.

DELFIN Borges Rodrigo. **Haitiana que vive em São Paulo pede união para combater o racismo e a xenofobia**, Migra Mundo 2016, disponível em : <https://migramundo.com/haitiana-que-vive-em-sao-paulo-pede-uniao-para-combater-o-racismo-e-a-xenofobia/>. Acesso em : 05/01/2021.

DOS SANTOS CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Editora Contexto, 2004.

DUTRA, C. F.; GAYER, S. M. **A inclusão social dos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses no Brasil**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 7., 2015, Cruz do Sul. Anais... Cruz do Sul, 2015

Durkheim, Émile. (2007). **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
FRANÇA, Thais. Teias invisíveis – controlando a imigração através de mecanismos econômicos. Série Comunicação, FEUC, 2012.

FALCONE, E. M. O. **A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários**. Tese de doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, São Paulo: SP, 1998.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. In. Dossiê: Questão ambiental na atualidade n. 13. Revista Convergência Crítica, 2018.

FARIA, Andressa V. **A DIÁSPORA HAITIANA PARA O BRASIL: o novo fluxo migratório** (20102012). Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, 2012. p. 16

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Haiti - História"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/historia-da-america/historia-haiti.htm>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

FERNANDES, D.; MILESI, R.; FARIAS, A. (2012). **Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório**. *Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, v. 6, p. 73–97. Disponível em: < <https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2014/01/caderno-debates-6.pdf>. Acesso em 23 junho. 2020.

FERNANDES, José C. “Pensão Haiti”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 23 mar. 2015. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/josecarlosfernandes/pensao-haiti-bm1dwuir5i0afb9yc5t4649mg?ref=aba-colunistas> Acesso em: 24 novembro. 2020.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria C. G. **Migração haitiana ao Brasil: diálogo bilateral**. Brasília: Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”. Relatório Final, 2014.

Forum Permanente de Mobilidade Humana 2013. **QUEM SOMOS**. Disponível em : <https://forummobilidaders.wordpress.com/> acesso em 29/09/2020.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina; tradução de Galeano de Freitas, 14 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1982.

GERMANI, Gino. **Sociologia da modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. *Soc. estado.*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, Apr, 2016.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Maristela. A. (2017). **O “EU” CONFRONTA O “OUTRO”: O QUE (RE) VELAM AS MANIFESTAÇÕES DE BRASILEIROS SOBRE HAITIANOS NAS MÍDIAS DE REDE SOCIAIS E DIGITAIS**. Dissertação, Dissertação de Doutora em Educação. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá.

GUIMARÃES, Antonio S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GODOY, Arilda Shmidt. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos/** Christiane Kleinubing Godói., Rodrigo Bandeira-de-Mello, Anielson Barbosa da Silva(organizadores). 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: **Mathias Lambert**, v. 4, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC, 2013.

GOLDMAN, Marcio. **Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica**. *Etnográfica*, v. 10, n. 1, p. 161-173, 2006

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Apresentação da edição em Português**. In. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais/ compilado por Edgardo Lander**. 1 ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales- CLACSO, 2005, p 9-15

Haitianos enfrentam preconceito e abusos no Brasil. Exame.com, 31/01/2016, disponível : <https://exame.com/brasil/haitianos-enfrentam-preconceito-e-abusos-no-brasil/>, acesso em 26/05/2020.

[http://www.eliomar.com.br/\(2011\).Entrevista: Marcelo Paixão fala sobre racismo no Brasil, disponível em http://www.eliomar.com.br/entrevista-marcelo-paixao-fala-sobre-racismo-no-brasil/](http://www.eliomar.com.br/(2011).Entrevista: Marcelo Paixão fala sobre racismo no Brasil, disponível em http://www.eliomar.com.br/entrevista-marcelo-paixao-fala-sobre-racismo-no-brasil/). Acesso em 16 fev 2020)

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik [org.]. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003.

MDH. Instituto Migrações em Direitos Humanos. www.migrante.org.br Acesso em 07 de novembro de 2020.

Hasenbalg, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Vol. 86. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais: Perfil dos Municípios Brasileiro 2018**. Rio de Janeiro: Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2019, 131 p.

JAMES, Cyril Lionel Robert **Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2000.

JUNIOR, Atilio Bergamini. Entrevista com Sidney Chalhoub. *Organon*, v. 28, n. 55, 2013.

LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre; Belo Horizonte: Artmed; EdUFMG, 1999.

LECHNER, Elza. **Imigração e saúde mental**. *Revista Migrações*, v. 1, p. 79-101, 2007

_____. LEI Nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017. **Lei de Migração**. Brasília 2017.

_____. LEI Nº 6.815, DE 19 DE AGOSTO DE 1980. Estatuto do Estrangeiro. Revogada pela Lei nº 13.445, de 2017 Vigência

LUSSI, Carmem. **Formulação legal e políticas públicas no trato das migrações nacionais e internacionais**. In Prado et Coelho, org. *Migrações e Trabalho*. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MARX, Karl. **A Jornada de trabalho**. In: _____. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 345-415.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BAENINGER, Rosane. **Imigração haitiana no Brasil e remessas para o Haiti**. p. 229-251. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Duval; DA SILVA, Sidney Antonio; ASSIS, Gláucia de Oliveira; CASTRO, MARIA da Consolação G.; COTINGUIBA, Marília Pimentel; (orgs.) **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MATOS, Júlia Silveira, SENNA, Adriana Kivanski. **História oral como fonte: problemas e métodos**. 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>>: Acesso em: 18/05/2020.

MARTINS, Gilberto de A.; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MELO, Zélia Maria de. Os estigmas: a deterioração da identidade social. Disponível em: <http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/estigmas.pdf>. Acesso em 07 janeiro de 2021..MEZZADRA, S. **Direito de fuga**. Lisboa: Ed. Unipop, 2011

MINAYO, Maria Cecília S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 32 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento pesquisa qualitativa em saúde**. 13 eds. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania. **Acesso em**, v. 7, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre raça ação afirmativa e identidade negra do Brasil: fundamentos antropológicos**. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46- 57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionista. Introdução de Marco Aurélio Nogueira**. 5.ed. Petrópolis: vozes, 1988.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1985.

NUNES, Sylvia S. **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. Psicologia USP, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 89-98, 2006.

_____. **OS NEGROS NO MERCADO DE TRABALHO EM MARINGÁ: DO PRECONCEITO À DISCRIMINAÇÃO**. (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012.

ONU. **Assembleia Geral das Nações Unidas. Conselho de Direitos Humanos**. Report of the Special Rapporteur on minority issues on her mission to Brazil. Disponível em:

<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G16/036/02/PDF/G1603602.pdf?OpenElement> acesso em: 17/07/2020.

O GLOBO e AFP. **Donald Trump chama imigrantes ilegais de 'animais' nos EUA**, disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/donald-trump-chama-imigrantes-ilegais-de-animais-nos-eua-22689336>. Acesso em 01 setembro 2020.

PAIXÃO, Marcelo; THEODORO, Mario. ... para depois dividir: notas sobre Reforma Previdenciária e assimetrias raciais no Brasil. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 18, n. 45, 2020.

PATARRA, NEIDE LOPES (2005). Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. São Paulo Em Perspectiva, 19(3), 23-33. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000300002>

Portaria do governo facilita imigração e residência de haitianos no Brasil. Publicado pela Uol Notícias, em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/12/23/portaria-do-governo-facilita-imigracao-e-residencia-de-haitianos-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 05 /07 2020.

QUIJANO, Aníbal. **Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina**. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 9-31, Dec, 2005.

QUIJANO, Aníbal “Raza”, “etnia” y “nación” en Mariátegui. En: **Cuestiones y horizontes de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires. CLACSO, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126. SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Reis, João José. **"De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição."** *Afro-Ásia* 24 (2000): 199-242.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIZZA, Mariana Cossio. **Fluxos migratórios no Brasil: seu impacto sociocultural e jurídico à luz da Constituição Federal de 1988**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso.

ROSSETO, Daniele. **A presença haitiana no Brasil: o município de Mandaguari-PR como um estudo de caso.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá. 151 p. 2018

RODRIGUES, Jaime. **O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).** São Paulo: Editora Unicamp, 2000.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil.** Edufba, 2004.

SANTOS, Eva Terezinha. **O acolhimento como um processo de intervenção do Serviço Social junto a mulheres em situação de violência.** 2006 – Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Serviço Social.

SANTOS, Cleyton Rodrigues do. **Da escravidão à imigração: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre assalariado no Brasil.** Revista Intertemas. Centro Universitário Toledo Prudente. vol. 6, n. 6 2003, p. 1-45. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/Direito/article/view/121> Acesso em: 15 julho. 2020.

SANTIAGO, Adriana (Ed.). **Haiti por si: a reconquista da independência roubada:** Adriana Santiago [organizadora]. Adital-Agência de Informação Frei Tito para América Latina, 2013.

SANCHES, Mariana. **Imigrantes haitianos e africanos são explorados em carvoarias e frigoríficos.** Jornal O Globo. 17 de Agosto de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/imigrantes-haitianos-africanos-saoexplorados-em-carvoarias-frigorificos-13633084>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

SAYAD, A Abdelmalek . **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SEIS imigrantes haitianos são baleados em São Paulo, Carta Capital, São Paulo, 08 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/seis-imigrantes-haitianos-sao-baleados-em-sao-paulo-9027/> Acesso em : 27 de novembro de 2020.

SEGUY, Franck. **Globalização neoliberal e lutas populares no Haiti: crítica à modernidade, sociedade civil e movimentos sociais no estado de crise social haitiano.** 120 Recife: 2009. 219 folhas. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Serviço Social, 2009

SEPLAN – **SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E URBANISMO DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ** – PR. Plano Municipal de Políticas Públicas do Migrante no Município de Maringá: 2018-2021. Comitê Interinstitucional de Elaboração do Plano Municipal de Políticas Públicas do Migrante no Município de Maringá. Maringá, 2018.

SILVA, João Carlos Jarochinski. **Impactos políticos, jurídicos e sociais da imigração haitiana para o Brasil. Imigração Haitiana no Brasil. Jundiá: Paco Editorial, 2017.**

SILVA, Sidney Antonio da. **Estigma e Mobilidade: o imigrante boliviano nas confecções de São Paulo.** Revista Brasileira Estudos de População. Brasília, vol 16, n1/2, jan/dez 1999.

SILVA, S. A. Fronteira amazônica: Passagem obrigatória para haitianos?. Remhu - revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, a. XXIII, n. 44, jan./jun. 2015, p. 119-134.

SILVA, Cinthia Xavier da. **Imigração haitiana: um estudo sobre o estabelecer do imigrante na cidade no contexto histórico e social de globalização**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. São Paulo. 367 p. 2019.

SIMMEL, Georg. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Lisboa, Relógio D’Água, 2004.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **Perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras**. 2000.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Leya, 2017.

SCOTT, John. **Sociologia: conceitos-chave**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

SPREAFICO, Andrea. **O que quer dizer “integração” nas sociedades dimigração?** Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 127-138, jun. 2009.

SEGUY, Franck. **"Racismo e Desumanização no Haiti."** *Educere et Educare* 10.20 (2015).

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações**. Monografia de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

TELLA, Marco Aurélio Paz. **Estigma e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa.Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, n.3, p.152-169, 2008

TILLY, Charles (1990) “Transplanted Networks” in Virginia Mclaughlin (ed.) *Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics*, Oxford University Press, New York

TOMICH, Dale. Pensando o" impensável": Victor Schoelcher e o Haiti. *Mana*, v. 15, n. 1, p. 183-212, 2009.

Vinda de haitianos é maior onda imigratória ao país em cem anos. São Paulo: Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/1033447-vinda-de-haitianos-e-maior-onda-imigratoria-ao-pais-em-cem-anos.shtml> Acesso em: 06 de julho. 2020.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2ª ed – 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VIEIRA, Alexandre B. **Mapeamento da exclusão social em cidades médias: interfaces da geografia econômica com a geografia política**. 2009. 207f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2009.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify,[1981] 2010. _ “The Fractal Person”. 1991.

ZAMBERLAN, Jurandir. et. al. **Os novos rostos da imigração no Brasil. Haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014**

ANEXO 1: PARECER COMITÊ DE ÈTICA EM PESQUISAS CEP.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Acolhimento e Integração a Migrantes: Um estudo antropológico sobre trajetórias de Haitianos na cidade de Maringá PR.

Pesquisador: Marivânia Conceição de Araujo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 34148420.3.0000.0104

Instituição Proponente: CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.426.222

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

O Objetivo de estudo na pesquisa é de analisar os processos de integração social referente ao acolhimento e encaminhamento dos migrantes Haitianos na cidade de Maringá e identificar possíveis procedimentos discriminatórios sofridos por essa população que vivem na cidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Caracteriza-a como pesquisa social sobre ênfase na exploração da natureza de um fenômeno social particular, utiliza-se de metodologias como entrevistas em profundidade, observação participante, análise de discursos dos informantes, investigação em detalhe, perspectiva microscópica e interpretação de significados e práticas sociais, que assumem a forma de descrições verbais. Quanto a abordagens, a pesquisa será com cunho qualitativo. A questão Norteadora da pesquisa será: analisar qual a percepção que os imigrantes haitianos têm a respeito da discriminação racial existente no Brasil e como ela se reproduz também em Maringá.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



Continuação do Parecer: 4.426.222

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contempla as garantias mínimas preconizadas. Apresenta as justificativas para a liberação das autorizações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela. Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1523405.pdf | 07/10/2020 13:25:34 | | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | Justificativa_Coletadados_Online.pdf | 07/10/2020 13:25:13 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | Anexo1textoalteradometodologiacoletadados.pdf | 07/10/2020 13:19:13 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | Anexo3Termocompromissoequipepesquisa.pdf | 07/10/2020 13:15:12 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| Outros | DocumentorespostaParecer.pdf | 07/10/2020 13:13:58 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| Cronograma | Anexo2Cronograma.pdf | 07/10/2020 13:12:32 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| Outros | ROTEIROENTREVISTA.pdf | 26/06/2020 10:51:08 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Justificativa.pdf | 05/06/2020 17:25:04 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetodePesquisa.pdf | 03/06/2020 13:25:12 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de | TCLE.pdf | 20/03/2020 17:27:04 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4597

Fax: (44)3011-4444

E-mail: copep@uem.br



Continuação do Parecer: 4.426.222

| | | | | |
|----------------|--------------------|------------------------|---------------------------|--------|
| Ausência | TCLE.pdf | 20/03/2020 17:27:04 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto.pdf | 20/03/2020 16:57:57 | ALEX SANDRO DOS SANTOS | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MARINGÁ, 27 de Novembro de 2020

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ CENTRO DE
CIÊNCIAS HUMANAS, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa “**BACK TO HAITÍ: Discriminação e Preconceito no Acolhimento e Integração de haitianos na cidade de Maringá –PR.** Que faz parte da pesquisa de pós-graduação de **Alex Sandro dos Santos**, acadêmico do Mestrado em Ciências Sociais Social da Universidade Estadual de Maringá (UEM), orientado pela **Profª. Drª. Marivânia Conceição Araújo**, da mesma instituição. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é narrar e refletir sobre as experiências de vida de haitianos no município de Maringá-PR, a partir da perspectiva da integração, discriminação e racismo. Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades por meio de respostas a uma entrevista semiestruturada, de forma online que se dará por meio dos aplicativos WhatsApp ou Google Meet, abordando questões como: escolaridade, religião, trabalho, renda, como era seu modo de vida antes de vir para o Brasil e como é agora, dificuldades enfrentadas no seu dia a dia, racismo, preconceito e acolhida. O tempo médio estimado de realização da entrevista é de aproximadamente 40 minutos (quarenta minutos). Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano durante as atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Informamos que algumas perguntas podem gerar certo desconforto pelo caráter racial que ora será enfocado, mas nesses casos, assim

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Departamento de Ciências Sociais - Centro de Ciências Humanas - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5.790 - Bloco G-34 - Térreo - Jd. Universitário - Maringá - Paraná | Email: sec-dcs@uem.br |
Tel.: (44) 3011-4288 | Fax: (44) 3011-4971



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ CENTRO DE
CIÊNCIAS HUMANAS, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS.

como em qualquer outro momento da entrevista, poderá optar por não responder, e/ou interromper a entrevista.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Maringá, _____ de _____ de 20 .

Assinatura do Participante


Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável:
Universidade Estadual de Maringá
Departamento Ciências Sociais

Rubrica do Participante de pesquisa ou
responsável: _____
Rubrica do pesquisador: _____

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
Departamento de Ciências Sociais - Centro de Ciências Humanas - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5.790 - Bloco G-34 - Térreo - Jd. Universitário - Maringá - Paraná | Email: sec-dcs@uem.br |
Tel.: (44) 3011-4288 | Fax: (44) 3011-4971

ANEXO 3: ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADO

| | | |
|---|---|---|
|  | Universidade Estadual de Maringá | Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – DCS. |
|---|---|---|

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

| | |
|---|-------------------------------------|
| Nome do entrevistado: <i>(somente o primeiro nome e pode ser fictício, visto que na dissertação será mantido o anonimato)</i> | |
| Idade : | |
| Endereço: | |
| Bairro: | |
| Data: ____/____/____ | Horário de Início: ____:____ |
| | |

- 1- Desde de quando você, está em Maringá? O que motivou o Senhor/Senhora a vir para o Brasil e Maringá?
- 2- Qual o nível educacional mais alto que o Senhor/Senhora atingiu?
- 3- Qual sua Profissão? Trabalha nela aqui em Maringá? Se não porquê?
- 4- Pertence a alguma religião ou grupo religioso? Se sim, qual?
- 5- Desde que chegou, quais foram as maiores dificuldades enfrentadas? Gostaria de comentar um pouco essas dificuldades?
- 6- De modo geral o senhor/senhora acredita que por ser haitiano pode haver algum “obstáculo” no momento de conseguir um emprego? Por quê?
- 7- De modo geral, para o senhor/senhora como é viver no Brasil? Gosta de viver aqui? Como foi sua acolhida no País?

- 8- Sobre o convívio com os (as) brasileiros (as), como é a convivência onde o senhor/senhora mora? No trabalho?
- 9- Em algum momento o senhor/senhora já sentiu algum tipo de preconceito/discriminação nos espaços que frequenta (Trabalho, mercado/mercearia, farmácia, padaria, Bairro etc.). **Se sim, poderia descrever?**
- 10- Para senhor/senhora a cor da pele fazia alguma diferença lá no Haiti? E aqui no Brasil? Se sim, quais diferenças o senhor percebeu?
- 11- Para o senhor/senhora qual foi a melhor experiência (melhor coisa) que já viveu depois que chegou ao Brasil? E qual foi a pior experiência que o senhor já viveu aqui?
- 12- Fez amizade com outros haitianos (as) aqui em Maringá? E com maringaenses? Como é seu laser aqui na cidade?
- 13- O que sente mais falta de quando vivia no Haiti? Gostava de viver lá?
- 14- Se o senhor/senhora pudesse dizer algo para todos os seus familiares e amigos que ficaram no Haiti que o Senhor/Senhora diria?
- 15- O senhor gostaria de me contar mais alguma coisa?

Obrigado por participar da pesquisa, Deus abençoe.
Alex Sandro dos santos